

*Amar
por
Acidente*



Detlef Eckstein



Amor por Acidente

Acordei com o barulho da forte chuva batendo na janela. O barulho do vento e os relâmpagos lembravam um cenário de filme de terror. Dei uma espiada pela janela e como ainda estava escuro, pensei que fosse de madrugada. Peguei meu celular para ver que horas eram, mas incrivelmente ele estava desligado e sem bateria. Então liguei a TV e *touché*, eu já estava atrasado. Às vezes penso que meu celular deve ter uma espécie de dupla identidade, tipo o James Bond dos celulares, isso explicaria ele descarregar completamente sem ninguém usá-lo durante a madrugada. Coloquei meu celular para carregar e corri para o banho.

Detesto me atrasar, quando se perde a hora, tudo parece dar errado até o final do dia. Ainda chovia bastante, mas já estava começando a clarear enquanto eu tentava sair da garagem do meu apartamento. O dia nebuloso e a chuva eram o convite perfeito para todo mundo resolver sair de casa de carro. Levei uns cinco minutos para conseguir acessar a rua e mais dez para sair da frente do meu prédio. Sorri ao lembrar o comentário de um dos meus pacientes me dizendo que em breve a ilha de Florianópolis iria afundar por causa do peso de tantos carros. Um dia ouvi dizer que a média de carros de passeio da Ilha da Magia era de dois para cada habitante e, naquele momento, todos pareciam estar nas ruas.

Aproveitei o trânsito caótico para avisar minha secretária que eu me atrasaria por conta do trânsito. Não poderia dizer que a verdadeira causa do meu atraso fora porque dormi demais. Não acho legal a ideia de pensarem que sou um dorminhoco ou irresponsável, e depois, a culpa foi do “Phone, James Phone”, que não despertou.

Alguns minutos depois de ter falado com Marta, recebi uma mensagem dela: “Não tenha pressa, Doutor Daniel, o seu primeiro paciente acabou de informar que não virá por causa da chuva, então remarquei para outro dia”.

Marta já trabalhava comigo há três anos, apesar de ser jovem, é muito competente e responsável. Tenho um consultório de psicologia e atendo todo tipo de pessoas. O consultório, apesar de não ser muito grande, é um ambiente familiar acolhedor e organizado. Além de Marta, ainda tenho Dona Aparecida, ou simplesmente Cida. Ótimas funcionárias. Cida é uma espécie de faz tudo, desde um simples café, até ficar brincando com os filhos dos pacientes enquanto eu os atendo.

Pouco antes do meio-dia, o vento forte derrubou uma árvore próximo ao consultório, o que nos deixou sem luz. A companhia de energia nos informou que, por causa do mau tempo, só poderia restabelecer a luz após as 16h. Diante disso, eu e Marta pegamos o celular do consultório e o meu e reagendamos as consultas para a próxima semana. Era uma segunda-feira perfeita para ficar em casa, o frio do mês de julho, somado ao grande temporal, só combinava com umacama, um edredom e um bom filme. Dei o resto do dia de folga para elas, fechei o consultório e fui para casa. Pelo menos era o que eu pretendia fazer quando entrei no carro.

Sempre que chove, não importa a hora do dia, o trânsito é sempre igual. Parece que ninguém trabalha. Eu estava tranquilo, aquecido pelo ar condicionado, com o rádio ligado para abafar o som das buzinas e batucando no volante. Eu era o último carro da fila, de repente vejo um carro pelo retrovisor, vindo numa velocidade desproporcional ao trânsito. Não havia nada que eu pudesse fazer, então apenas me preparei para o impacto, que foi mais leve do que eu esperava.

Aquilo que eu falei sobre tudo dar errado quando você se atrasa, estava se tornando realidade. Respirei fundo quando vi uma mulher histérica sair de dentro do carro que bateu no meu. Era só o que me faltava, perder a tarde ouvindo essa louca colocar a culpa em mim, me molhar na chuva, passar frio. Todo aquele transtorno. Ela já estava batendo na janela do meu carro. Provavelmente não conseguirei ver por causa da película. Adeus cama, adeus edredom e adeus filme!

Abri a porta do meu carro e saí. Os pingos de chuva estavam gelados e ventava bastante. Quando saí do carro fui surpreendido, fiquei sem entender nada quando a mulher se pendurou no meu pescoço e me abraçou aos prantos, tentando se desculpar.

- Graças a Deus você está bem. - disse ela com a boca bem perto do meu ouvido - Desculpa, moço..., eu..., eu não vi!

Ela estava chorando muito e a batida não havia sido tão forte para ela estar desesperada daquele jeito. Por um instante achei que poderia estar bêbada, mas eu não havia sentido cheiro de álcool quando ela se pendurou em mim. Dei uma rápida olhada para o carro dela que parecia estar vazio. Ela estava vestindo uma roupa social, calça, camisa clara e um blazer.

- Está tudo bem com você? - perguntei Tente se acalmar, ninguém se machucou.

Novamente ela me abraçou e encostou a cabeça no meu peito ainda chorando bastante. Fiquei sem reação, então a abracei tentando acalmá-la e pude sentir o doce cheiro do perfume dela. Eu e uma desconhecida, abraçados debaixo da maior chuva. Olhei em volta e vi uma multidão de curiosos nos olhando e gesticulando com as mãos, tentando explicar o que acabara de acontecer. As buzinas não paravam de soar e então ela pareceu voltar de onde seus pensamentos a tinham levado.

- Me desculpe! - ela disse se afastando - Eu não sei o que aconteceu comigo.

Fiquei em dúvida se ela estava se referindo ao acidente ou à crise de nervos que a fizera me abraçar.

- Tudo bem, acidentes acontecem, - afirmei - você está bem?

- Sim, estou sim, obrigada. Eu vou ligar para o seguro.

- Ela falou, tentando se recompor.

Enquanto ela telefonava, fui olhar o estrago. Meu carro estava apenas com a sinaleira direita quebrada. Ela tentou desviar e o carro dela acabou acertando o meio-fio. E o impacto parece ter

quebrado o eixo dianteiro do carro dela. Uma hora depois, o carro dela estava subindo no guincho e nós dois ensopados por causa da chuva.

- Você quer uma carona até a sua casa? - Tentei ser gentil.

- Eu nunca mais quero voltar naquela casa. ela desabafou, apertando os dentes - Desculpe, não, obrigada!

- Quer que eu te deixe... em algum outro lugar? Um amigo ou parente?

Ela desabou em lágrimas novamente. Eu já tinha percebido que havia algo de errado. No início acreditei que pudesse ter sido por causa do acidente. Mesmo não sendo um grave acidente, existem pessoas que entram em choque quando passam por situações assim. Mas não era esse o caso. Ela parecia perdida, estava angustiada e desolada.

- Eu não quero ir a lugar algum! - Ela falou chorando e escondendo o rosto com as mãos.

- Se acalme, não precisa ficar assim. Eu disse, tentando acalmá-la. Abri a porta do meu carro para ela entrar e dei a volta. Entrei no carro e liguei o ar condicionado no máximo. Meus dedos estavam roxos de frio. Ela estava tremendo e chorando com as mãos no rosto.

Eu realmente não sabia o que fazer, uma coisa é atender um paciente que te procura. É completamente diferente fazer uma desconhecida se abrir com você depois que ela bate noseu carro. Como só estava há uns dez minutos da minha casa, resolvi levá-la para lá. Liguei o carro e saí.

- Eu moro aqui perto, você está muito nervosa, então vou levá-la até a minha casa para você se acalmar, ok? -Foi mais um aviso do que uma pergunta. Ela apenas concordou com a cabeça.

- Eu me chamo Daniel, seu nome é Susan, né?
- Sim - Ela balbuciou.

- Tente se acalmar, Susan, e se você quiser conversar ou desabafar um pouco eu estou aqui. Não precisa ter pressa, tudo bem? - Meu lado doutor falou e ela apenas balançou novamente a cabeça.

Quinze minutos depois chegamos ao meu prédio, subimos de elevador num silêncio absoluto, o que foi meioconstrangedor. Ela já estava um pouco mais calma, mas a tristeza dela estava nítida no seu olhar.

Abri a porta do meu apartamento, que estava bagunçado por causa do meu atraso. Ofereci que ela entrasse primeiro e entrei em seguida.

- Bom, Susan, “mi casa es su casa”. Disse para quebrar o gelo - Pode ficar à vontade, vou arrumar uma roupa e toalhas para você tomar um bom banho enquanto eu preparo um café para a gente tomar. E a sua roupa molhada eu coloco na secadora.

- Obrigada, Daniel, mas não quero te dar trabalho.

- Não é trabalho nenhum, imagina, você vai ficar doente se não tirar essa roupa molhada. Por favor, venha aqui, pode usar o banheiro do meu quarto, vou separar uma roupa quente e duas toalhas para você. Um bom banho renova nossas energias.

- Obrigada. - Ela respondeu com um sorriso.

Entreguei a roupa e as toalhas a ela e mostrei o banheiro. Depois que ela entrou, eu troquei rápido de roupa, arrumei a cama e fui para a cozinha fazer o café e ver o que tinha para comer. O pote de café estava vazio. Para minha sorte, tinha chocolate. Então, fiz um chocolate quente com torradas e arrumei a mesa.

Já estava quase terminando quando levantei os olhos e a vi. Talvez por causa de todo o estresse do acidente eu ainda não tinha

reparado nela direito. E agora ela estava ali, diante de mim. Mesmo usando as minhas roupas, que eram grandes demais para ela, a beleza dela era de encher os olhos. Os cabelos úmidos, uma mecha de cada lado acompanhando o contorno do seu rosto. Olhos castanhos claros, ainda marejados e avermelhados por causa do choro. A sua boca pequena, com lábios delicados e rosados. Tentei disfarçar minha surpresa e quando senti meu rosto ruborescer perguntei:

- Sente-se melhor?

- Sim, eu estava mesmo precisando colocar minhas ideias no lugar.

- Ela falou colocando uma das mechas atrás da orelha e sorrindo.

- Que ótimo, pode colocar suas roupas dentro da secadora, ali na área de serviço. - E apontei a direção - Pronto, em meia hora elas estarão quentinhas.

- Obrigada, Daniel.

Voltamos para a cozinha e nos sentamos para tomar o chocolate quente. Tivemos uma conversa agradável. Apesar de estar curioso para saber o que a estava atormentando, preferi não tocar no assunto. Ela já estava sorrindo e parecia ter esquecido dos seus problemas.

Estava animada me falando sobre sua profissão: advogada na área de família, e de seu trabalho voluntário, num orfanato. Falou sobre as dificuldades de trabalhar numa área tão delicada. Também falei sobre o meu trabalho e que atendo algumas crianças que não aceitam ou não entendem muito bem a separação dos pais e que eu sabia o quanto era delicado trabalhar nesta área.

De repente ela ficou em silêncio, percebi quando seus braços e ombros ficaram rígidos e ela ficou tensa. E então tocou no assunto:

- Meu dia foi péssimo hoje. - Ela disse mexendo com a colher na xícara, sem levantar os olhos.

- Todos temos dias ruins. A notícia boa é que eles passam.

- Espero que passe logo! Porque eu não sei o que fazer, estou sem chão e sem qualquer perspectiva. - Disse ela ainda encarando a xícara.

- Susan, eu sei que a gente mal se conhece, mas se você quiser conversar. Talvez falar te ajude a melhorar.

- Hoje de manhã, eu saí para trabalhar e quando cheguei ao escritório, percebi que tinha esquecido um documento em casa. Então liguei para minha amiga, com quem divido o apartamento, para ter certeza de que o documento estava mesmo lá. Porém, ela não atendeu e eu tive que voltar para buscar. Quando eu cheguei na frente do prédio, vi que o carro do meu namorado estava lá. O porteiro me disse que ele havia chegado há uns vinte minutos. Eu achei estranho, porque ele sabia que eu já tinha ido trabalhar e o porquê ele não me avisou que iria lá. Subi o elevador tentando entender, mas nunca passou pela minha cabeça o que estava acontecendo. Até então, eu só tinha achado esquisito, mas tudo bem, ele poderia ter ido lá buscar alguma coisa. Quando eu abri a porta e comecei a ouvir a Camilla gritando ou gemendo, sei lá! Eu não quis acreditar no que veio na minha mente. Mas aquele som não vinha do quarto dela, estava vindo do meu. Minhas pernas amoleceram, achei que

fosse desmaiar, me segurei na parede e respirei fundo, tentando restabelecer minhas forças. Não podia ser verdade.

“Caminhei até o meu quarto, abri a porta devagar e a vi pelada, sentada sobre o meu namorado, de costas para mim. Fiquei sem reação. Caramba! Era a minha única amiga, eu a considerava tipo uma irmã. E ela estava lá, na minha cama, com o meu namorado! Eu pensei em arrancá-la pelos cabelos e jogá-los pela sacada. Mas o que fiz foi me virar, bater a porta e sair o mais rápido que pude daquele lugar. Quase vomitei no elevador, quando a porta estava fechando eu vi ele correndo na direção do elevador, me chamando. - Nesse momento, os olhos dela ficaram cheios de lágrimas, mas ela

não chorou e continuou. - Desci, me tranquei no meu carro e só então comecei a chorar, sem acreditar no que eu tinha visto. Eu estava chorando muito e, então começou a ficar difícil para respirar. Mas aí eu vi ele passar na portaria, liguei o carro e saí depressa. Fui dirigindo sem rumo, até bater em você.

- Nossa! - Foi o que eu disse, afinal aquilo não era uma consulta. Era apenas eu e com muita raiva daqueles dois.

- Eu queria ter batido naquela vaca, ter jogado o carro em cima daqueles dois. - Ela disse entre os dentes.

- E agora, o que você pretende fazer?

- Eu não s... - e foi interrompida pelo sinal da secadora. - Acho que minha roupa secou.

Levantamos-nos juntos e eu fui até a secadora, no final da cozinha. Ela estava do meu lado quando eu abri a máquina e fui alcançando as roupas a ela. Achei que tinha conseguido pegar tudo com uma mão, mas resolvi conferir se não havia ficado nada na secadora e coloquei a mão novamente lá dentro. Saí segurando a calcinha dela na minha mão. Foi bem constrangedor para mim, fiquei vermelho. Ela encolheu os ombros e nós dois rimos. Susan pegou a calcinha e foi se trocar no meu quarto novamente.

Enquanto tirava a mesa, fiquei pensando em toda aquela história. Durante a nossa conversa, ela me falou que tinha vindo para Floripa fazer faculdade e não tinha muitos conhecidos além das pessoas do trabalho. Eu já estava lavando a louça quando a ouvi dizer:

- Daniel, eu já estou indo. Muito obrigada por tudo. Nem sei o que te dizer. Mas muito obrigada mesmo!

- Imagina, Susan. - E disse secando as mãos - Qualquer um faria o mesmo, mas você sabe para onde vai?

- Vou buscar minhas roupas e depois acho um hotel.

- Tudo bem, me dá uns minutinhos e eu te levo lá.

- Não precisa, Daniel, obrigada. Você já fez muito por mim.

- Precisa sim, doutora, vou levá-la e depois encontramos um hotel para você e não se fala mais nisso. Só preciso de um banho antes. - Disse sorrindo, e ela concordou.

Enquanto eu estava no quarto, escutei-a falando para alguém avisá-la quando a Camilla saísse do prédio. Depois entrei no banheiro e não ouvi mais nada. Tomei um banho rápido, vesti-me e, quando saí do quarto, vi outra Susan no meu sofá. Ela estava com o celular na mão dando muita risada. No início pensei que fosse outra crise de choro, mas como eu já tinha a visto chorar muito, foi fácil perceber que, definitivamente, aquilo não era choro. Ela tentou se conter quando me viu, mas não conseguiu.

- Nossa, eu perdi muita coisa enquanto estava no banho?
- Perguntei dando risada, porque a gargalhada dela era contagiante.

- É a minha... Como não conseguia parar de rir, repetiu a frase mais duas vezes até conseguir concluir. - É a minha irmã, eu contei para ela o que aconteceu e ela não para de xingar os dois. Disse que eles vão morrer com alguma doença venérea chamada "Camilarrpia". - Eu também ri e logo saímos.

Estávamos em silêncio no elevador até que meu estômago se encarregou de quebrar o gelo e com um barulho que mais parecia um dinossauro dos filmes de Steven Spielberg.

- Acho que tem alguém com fome aqui. - Ela disse sem conter o riso.

- É, Susan, você precisa almoçar antes que esse monstro comece a devorar você por dentro. - Brinquei, tentando fazê-la sorrir mais.

- Hey! - Ela disse me dando um soquinho no braço e entrando na brincadeira. - Esse foi o seu monstro do estômago.

Nós dois rimos alto e o elevador chegou à garagem. Sugeri que passássemos num restaurante antes e ela aceitou, afinal nenhum de nós ainda tinha almoçado. Aquela nuvem negra havia se

afastado dela e ela parecia estar bem melhor. Mas eu sabia que quando ela voltasse àquele apartamento, todas as lembranças viriam à tona novamente.

Enquanto almoçávamos no meio da tarde e com o restaurante já vazio, o porteiro do prédio dela ligou informando-a que Camilla já tinha saído. Pedi a conta e fomos até lá.

Entramos no prédio dela pela garagem e eu me ofereci para subir com ela, pois acreditava que seria bom estar ao seu lado quando ela relembresse a cena que mais cedo acontecera naquele quarto.

Depois que entramos, ela não disse uma única palavra. Também reparei que ela não olhava para a cama dela. Seu quarto era organizado e tinha o doce cheiro do perfume dela. Um pequeno mural na parede ao lado da penteadeira, com várias fotos dela, com o namorado. Ele parecia um jogador de rúgbi, era bem mais alto que ela e devia ter o dobro da minha largura. Na cômoda, ao lado da cama, vi uma foto dela com seus pais e sua irmã num porta-retratos. Ela o segurou por alguns segundos e passou os dedos na foto antes de colocar na caixa, com outros objetos. Fez três malas grandes com suas roupas e eu a ajudei a carregar.

Eu ainda estava na sala quando ele entrou. Eu o reconheci da foto e ele me encarou com cara de espanto e não hesitou em me perguntar, com um tom nada amistoso:

- Quem é você e o que pensa que está fazendo aqui?

- Mas antes que eu pudesse responder, vi alguma coisa passar, cortando o ar entre nós, e Susan gritando.

- Some daqui, seu merda, vai embora! - E continuou a jogar algumas coisas nele.

- Calma, amor, a gente precisa conversar, eu posso explicar

- ele disse delicadamente a ela enquanto se desviava dos objetos.

- Ah, claro que pode! Eu imagino, você estava apenas... o que?
Hum, já sei. Você estava apenas coçando o útero daquela vaca, não é isso?

- Você pode nos deixar a sós? - Ele falou olhando para mim
- Mas, afinal, quem é você? - E depois se virou para ela. - Quem é esse cara, Susan?

- Eu não te devo mais satisfação nenhuma, seu babaca, agora vai embora daqui! - Ela disse aos berros.

- Ah! Claro, já entendi tudo. Ele deve ser seu novo namoradinho. - Ele disse vindo na minha direção.

- Não, não é... - Mas antes que eu pudesse concluir a frase, eu já tinha levado um belo soco no meu maxilar. O que me fez cair no chão. Quando eu ainda tentava me levantar, Susan já o havia expulsado. Eu ainda estava zozinho e ela me ajudou a sentar no sofá.

- Ai, Daniel, acho que vai ficar roxo. Espera um pouco que eu vou buscar gelo. - Ela disse limpando um pouco de sangue do canto da minha boca.

- Me desculpa - ela falou quando retornou - por mais esse acidente, ele é um idiota.

- Tudo bem, não foi nada. Só não entendi de onde ele tirou aquela marreta para me acertar.

Ela percebeu que eu estava brincando e começou a rir, eu tentei rir também, mas estava doendo ainda.

- Corpo grande, cérebro pequeno. Nem sei porquê eu ainda namorava com ele. O que me deixou decepcionada não foi ele me trair, mas a Camilla. Nunca imaginei que ela pudesse fazer isso comigo. Eu realmente confiava nela.

Depois que me recuperei, colocamos as malas no carro e fomos atrás de um hotel. Porém, no primeiro que passamos, fomos informados que, devido à apresentação de uma grande banda internacional que faria seu show no próximo fim de semana, o hotel

estava lotado. Red Hot Chilli Peppers era a banda. Eu lembrei porque tinha tentado comprar o ingresso, mas já estavam esgotados.

A resposta dos cinco hotéis que procuramos foi a mesma. Então sugeri que ela poderia ficar no meu apartamento até encontrar outro lugar para ficar. Como o escritório dela não era muito longe do meu consultório, nós poderíamos ir no meu carro e eu até poderia deixar o carro com ela enquanto o dela estivesse no conserto, desde que ela me promettesse não atropelar nenhum ex namorado ou alguma falsa amiga com meu carro. Nós dois rimos e ela, apesar de recusar no início, acabou aceitando. Seria bom ter uma companhia, além da minha tartaruga, para conversar depois de um dia de trabalho.

Fomos para o meu apartamento. Arrumei o quarto da bagunça, levei um pouco das minhas coisas para lá e deixei que ela ficasse no meu quarto, pois era mais confortável e tinha banheiro. Esvaziei algumas prateleiras do guarda roupas e ela organizou algumas de suas coisas lá.

Já eram quase nove horas da noite quando terminamos, então fui fazer algo para jantarmos. Meu maxilar ainda estava dolorido e eu tinha a impressão de estar com os dentes do lado esquerdo moles. Por sorte, eu tinha duas lasanhas congeladas na geladeira. Então o jantar ficou pronto em menos de meia hora.

Enquanto jantávamos, conversamos bastante sobre nossas vidas, os tempos difíceis na faculdade e a dura saída da casa dos pais. Demos boas risadas e nos conhecemos um pouco melhor. Apesar de termos nos encontrado pela primeira vez há apenas poucas horas, a conversa fluía naturalmente e descobrimos ter muitas coisas em comum. Fomos nos deitar depois das onze e meia da noite.

No dia seguinte, quando acordei com o despertador do meu celular, senti um cheiro gostoso de café, levantei e fui até o banheiro escovar os dentes e depois fui para a cozinha. Fiquei observando Susan enquanto ela cortava algumas fatias de queijo. Ela estava de

costas para mim e a mesa parecia de um café da manhã de hotel. Tinha algumas fatias de bolo, pães, frutas, leite e tudo estava organizado na mesa em potinhos e pequenas louças. Ela se virou e levou um pequeno susto quando me viu.

- Desculpe, não quis te assustar. - Eu disse sorrindo - Onde arrumou tudo isso?

- Bom dia! Espero que não se importe, eu acordei mais cedo e como não consegui dormir, levantei para tomar um pouco de água. Dei sorte, porque... não tinha muita coisa além de água na geladeira. - Ela disse sorrindo, sem parar de arrumar a mesa

- Como já estava quase amanhecendo, fui ali no 24h e comprei algumas coisinhas, já que estou aqui e o café da manhã é a refeição mais importante do dia, aproveitei minha insônia.

- Nossa! - Eu disse ao abrir a geladeira - Você tem certeza de que não trouxe o mercado inteiro? Hey, a geladeira não está fazendo mais eco, você consertou isso também?

- Bobo! Sente-se e vamos tomar café. Disse ela sorrindo.

- Obrigado, Susan, eu sempre acabo esquecendo de comprar café.

- Tem certeza de que é só do café que você esquece? - Disse ela, debochando de mim. Eu concordei e nós dois demos risada.

A manhã de terça-feira estava bonita, o céu limpo e ensolarado. Cheguei ao consultório e deixei o carro com Susan. Cida já estava lá, conversei com ela sobre o que tinha acontecido, mas sem entrar em detalhes, afinal era um assunto pessoal de Susan. Limitei-me a dizer apenas que ela estava passando por alguns problemas e precisava da minha ajuda.

Cida, Marta e eu somos como uma família, nunca tivemos nenhuma discussão e sempre pude confiar e contar com o apoio delas. Cida, em especial, foi muito importante no início da minha carreira, ajudou-me a superar muitas dificuldades. Eu tinha apenas 25 anos

quando abri o consultório. Fiz um empréstimo no banco e resolvi arriscar, Cida foi minha primeira funcionária, na verdade ela foi um presente dos céus que recebi e eu ainda tenho dúvidas se ela é um ser humano ou um anjo de verdade.

Nas muitas vezes que pensei em desistir, ela estava lá me incentivando. Era como uma mãe para mim e eu sempre tive muito carinho por ela.

Certa vez, eu estava muito preocupado com minhas despesas para manter o consultório e mesmo sem que eu comentasse qualquer coisa, ela percebeu minha preocupação e me disse que não se importaria caso o salário dela atrasasse um pouco, pois ela tinha uma economia guardada.

Claro que eu jamais atrasei um dia sequer o salário delas, mas não nego que no início não foi tão fácil arcar com a folha delas.

Era Cida quem me ajudava com minha agenda no início, mas apesar de todo seu esforço, era difícil para ela. Quando decidi contratar uma secretária, ela me indicou Marta que é filha de uma amiga dela. Então fiz uma entrevista com Marta, apesar de ter gostado, eu a achei muito jovem, com apenas 23 anos na época e pouca experiência. Era um trabalho que exigia responsabilidade e eu não poderia errar na minha escolha. Depois que tomei minha decisão, Cida me disse que eu não me arrependeria.

O contrato de experiência de Marta já estava quase acabando e eu estava muito contente e satisfeito com o trabalho dela. Era muito comprometida, organizada. Levava o trabalho muito a sério e era muito simpática com todos os pacientes. Era corriqueiro ouvir meus pacientes a elogiando.

Até que um dia, no final do expediente, ela entrou na minha sala, depois da última consulta. Faltavam duas semanas para terminar o contrato dela. Ela estava chorando e eu lhe perguntei o que havia acontecido. Ela falou que precisava falar comigo e se sentou na minha frente.

- Doutor, meu contrato está terminando e eu não posso mais continuar aqui. - Ela disse enxugando as lágrimas.
- Mas por que não? - Perguntei incrédulo.

- Olha, doutor, eu agradeço muito pela oportunidade. Gosto muito de trabalhar aqui, mas não posso te esconder isso.
- Como assim, Marta? Esconder o que?

- Eu... eu descobri semana passada... que estou grávida. — Ela disse chorando. E me contou um resumo da história. Disse que o pai era um irresponsável, que não queria nada com nada e que ela nemalaria para ele que o filho era dele. Desabafou.

Eu fiquei perplexo, pensando em tudo. Até admirei a atitude dela por querer se desligar. Eu sabia que não poderia demiti-la, mas também jamais o faria. Apesar de ter sido uma decisão muito irresponsável da parte dela, foi uma prova de lealdade. Ela estava disposta a se demitir num momento em que ela mais precisaria de um emprego. Foi uma atitude corajosa. Depois de ouvir toda a história, eu disse:

- Olha, Marta, eu estou surpreso. Primeiro, obrigado por ter me contado. E meus parabéns, ser mãe é uma dádiva de Deus e por mais que não pareça agora, isso é uma ótima notícia. Espero que você já tenha iniciado o pré-natal, você tem uma vidinha dentro de você agora, e as duas precisam de cuidados. Você já falou com os seus pais?

- Sim, eles que me disseram que eu deveria conversar com você.

- Bom, não vai ser fácil, mas tenho certeza de que você será uma ótima mãe. Pode faltar sempre que precisar ir às consultas, traga-me o atestado e elas serão abonadas sem prejuízo algum. Conte comigo para o que precisar.

- Mas o senhor não quer que eu me demita?

- É claro que não, Marta, você não fez nada de errado.

- Muito obrigada, doutor Daniel! Que Deus abençoe o senhor.

Conversei com ela mais uma meia hora naquele dia. Sobre o futuro da criança, disse que o pai deveria saber e que essa notícia poderia de alguma forma mudá-lo. Dei vários conselhos a ela e quando saímos da sala eu vi Cida sentada com um rosário na mão rezando. Quando ela nos viu, levantou-se e Marta correu para abraçá-la.

- Eu sabia que o senhor não ia permitir que ela fizesse uma loucura dessas, doutor Daniel. - Cida falou ainda abraçada a Marta. Eu apenas sorri e pisquei os dois olhos para Cida. Não consigo piscar um só.

O tempo passou, o pequeno Ricardinho nasceu e já vai fazer três anos. Ricardo (o pai) e Marta se casaram e parecem viver felizes. Eu, Marta e Cida somos uma bela equipe e adoramos o nosso trabalho. E acho que é por essa sintonia que temos, é que estamos colhendo bons frutos no trabalho. Todo mundo que entra no consultório consegue sentir a boa energia que há naquele lugar.

O dia passou rápido, quando terminei de atender meu último paciente, fui até a cozinha, eram 18h30. Susan já estava lá, conversando com Cida. Elas estavam tão entretidas que nem perceberam eu chegar, até que eu falei:

- Minha carona chegou?

- O senhor já terminou, doutor? Acabei nem ouvindo o barulho da porta - Cida falou.

- Oi, Daniel, eu estava falando para a Cida a história do “Coçador de úteros” - Quando Susan falou isso, nós três rimos.

Susan parecia ter superado tudo, estava alegre. Talvez ela tenha medido a verdade e nem gostava tanto dele. Susan abraçou Cida para se despedirem e agradeceu pelo café. Antes de sairmos, Cida segurou as duas mãos dela e disse:

- Filha, não se preocupe, você está mais próxima de encontrar sua felicidade do que imagina.

- Obrigada, Cida. - Todos nos despedimos e logo saímos.

Às vezes, Cida tinha uma espécie de premonição, ou sei lá o que. E ela sempre acertava. Acho que foi por isso que ela nunca me deixou desistir naqueles tempos difíceis. De alguma forma, ela já sabia que tudo daria certo.

Eu e Susan fomos para casa, o trânsito estava terrível. No caminho, liguei para minha mãe, ela não atendeu, então mandei uma mensagem para o meu irmão, Nicollas. E ele logo respondeu que estavam todos bem e com saudades. Já eram quase oito horas quando Susan parou o carro na garagem. Subimos e, como eu estava cansado, sugeri que pedíssemos uma pizza.

- Lasanha ontem, hoje pizza. Vou virar uma baleia se não encontrar logo um lugar para ficar. - Ela disse sorrindo, mas concordou.

Depois que pedi a pizza, sentamos no sofá para esperar. Estávamos assistindo a uns vídeos de comédia Stand Up e depois mudamos para uma série de comédia da Netflix, a pedido de Susan. Quase morremos de tanto rir. Dei tanta risada que meu maxilar voltou a doer. Fazia muito tempo que eu não dava tanta risada. A pizza chegou e eu desci para pegar. Quando voltei, a mesa já estava arrumada. Susan era muito prestativa, tinha iniciativa para fazer as coisas e

gostava de ajudar. A noite estava fria, era uma típica noite de julho. Então, mesmo com a mesa arrumada, olhei para Susan e falei:

- Susan, você não vai ficar chateada se eu te falar uma coisa?
- Não, pode falar.
- É que eu estou morrendo de frio, você não se importa se a gente comer no sofá?
- Ufa! Eu estava rezando para você falar isso.

Então fomos para o sofá, nos cobrimos com o edredom e ficamos sentados com a caixa de pizza entre nós. Bebemos uma garrafa inteira de vinho junto com a pizza. Eu já estava com as bochechas quentes e meio tonto por causa do vinho, quando o seriado acabou e Susan sugeriu para assistirmos a um filme. Eu concordei, mas antes da metade do filme acabei cochilando. Acordei com uma

lágrima de Susan que caiu no meu rosto. Abri os olhos e vi que eu tinha deitado no colo dela. Ela estava concentrada emexendo no meu cabelo sem tirar os olhos da TV. Sentei devagar e ela falou:

- Você dormiu, e parecia tão cansado. Fiquei com pena de te acordar.

- Não tem problema. Você está chorando?

- Sempre choro quando assisto a esse filme.

- Hum, eu já vou dormir. - Eu falei.

- Eu também já estou quase indo, o filme está no finalzinho. - Ela falou, ainda concentrada no filme. E antes que eu percebesse o que estava fazendo, beijei-a no rosto e disse:

- Boa noite, Susan.

- Boa noite..., durma bem! - Ela respondeu olhando nos meus olhos, meio sem jeito.

Já tinha passado das duas da manhã quando me deitei. O sono demorou para voltar, o que me fez ficar pensando nos últimos dois dias. Fazia tempo que eu não me divertia assim, estava gostando da companhia de Susan. Ela era divertida, engraçada, delicada, além de muito linda e atraente. Ela batia no meu ombro, era magra, cabelos castanhos presos, geralmente, atrás da orelha. Tinha umas sardinhas em volta do nariz, uma boca delicada. A sua história também era tão linda quanto ela, todo seu esforço para se formar em Direito longe de sua cidade. O que era o sonho de seus pais. Tinha 27 anos, cinco anos mais jovem que eu, mas muito madura. E se não bastasse tudo isso, ela ainda era dona do sorriso mais lindo que eu já tinha visto. Ela parecia sorrir com a alma. Um sorriso puro, que a iluminava. E foi pensando naquele sorriso que peguei no sono.

Acordei de manhã e quando cheguei na cozinha, a mesa estava posta, mas Susan não estava lá. Na geladeira, ela havia deixado um bilhete:

Precisei resolver algumas coisas, tenha um bom dia. Beijos, Susan.

Fui até o quarto dela e senti o mesmo cheiro do seu antigo quarto. O doce aroma do seu perfume. As coisas dela ainda estavam lá. Fiquei mais tranquilo. Sentei-me na cama e fiquei tentando entender o que eu estava sentindo. E de onde tinha vindo aquele medo de que ela tivesse ido embora. Aquele quarto já não era mais o mesmo, era muito mais dela do que meu. Depois do café, eu desci e encontrei o porteiro na garagem.

- Bom dia, Seu Rubens!

- Opa, doutor! Bom dia pro senhor, também! Viu, a namorada do senhor falou comigo mais cedo, ela perguntou quantas vagas de garagem o senhor tem e eu disse que eram duas e indiquei qual era a segunda. O senhor vai casar e nem falou nada, né!

- Não, Seu Rubens, ela não é minha namorada. É só uma amiga que vai passar uns dias aqui.

- Hum, entendi. Que pena, ela é muito bonita e simpática. Combina com o senhor.

- Obrigado, Seu Rubens. - Eu disse entrando no carro -Até logo.

- Até.

Meu aniversário seria na sexta-feira, dia 08 de julho, em dois dias. Então, liguei para o meu irmão, no caminho do trabalho. Eu estava pensando em fazer um jantar em casa mesmo, ou num restaurante, e convidar uma meia dúzia de gente.

- Fala, Dandan! - Ele atendeu.

- E aí, Nick, como que você tá?

- Firme, forte e bonito. E você?

- Tô bem, também. E mamãe?

- Ela tá bem, reclama que você não liga pra ela, só pra mim, mas tá bem.

- Eu ligo pra ela. Ela que não atende.

- É, eu sei, ela também não me atende.
- O que você acha de vir pra cá sexta e trazer a mamãe e a Ingrid? Vocês podem passar o fim de semana aqui.
- Putz, mano! Sem chance, combinei com a Ingrid que amanhã nós vamos para a casa dos pais dela, no sítio. Mamãe vai junto.
- Mas é meu aniversário!
- Eu sei, mas então vem você. É bem mais fácil você vir do que todos nós irmos aí.
- Eu não posso ir agora.
- Então não reclama, senhor “ocupado demais pra família”.
- Besta! Tá bom, né, fazer o quê. E como você e a Ingrid estão?

- Estamos bem. Continua ciumenta como sempre. Semana passada eu fui jogar bola, mas ela só deixou porque eu prometi passar esse fim de semana na casa dos pais dela. Castigo. E você, Dandan?

- Eu nada. Quer dizer... é, nada.

- Hum, sei! Fala aí.
- Não, é sério! Estou sozinho ainda. Eu já estou chegando, preciso desligar.

- Tá bom, mano. Beijo.
- Manda um beijo meu para todos aí. Diz pra Dona Gilda que eu a amo muito. Te amo.
- Eu digo, sim. Também te amo.

Quando cheguei ao consultório, Marta me entregou um convite do aniversário de 3 anos do Ricardinho. Eu gostava muito do moleque. Quando ele nasceu, Marta e Ricardo me convidaram para ser padrinho dele. O que eu tive que recusar, porque pensei que um dia eu e Marta pudéssemos nos desentender no trabalho e não seria legal ter um elo pessoal tão forte, caso eu precisasse demiti-la, ou algo assim.

Mas, na prática, eu era meio que um padrinho. Às vezes eu passava na casa dela e pegava o Ricardinho para levá-lo comigo ao asilo que eu visitava nos finais de semana. Ele adorava brincar com

aquele monte de avôs e avós. E os velhinhos também o adoravam. Era muito divertido e eu adoro criança, então acabei me apegando ao moleque.

Foi um dia bem tranquilo. Na quarta-feira, eu só fazia entrevistas de admissão para algumas empresas com as quais eu tinha contrato e fazia análise de perfil. Era o dia da semana que passava mais rápido.

Quando cheguei em casa, Susan estava na cozinha e a casa toda arrumada.

- Olá, doutor, hoje o jantar é comigo. Nada de pizza ou lasanha. - Ela falou sorrindo.

- Ok! Vou confiar nos seus dotes culinários. Surpreenda-me.

- Oh, quanta responsabilidade! Vou me esforçar. Ah, o meu carro ficou pronto.

- É, eu o vi na garagem, e o Seu Rubens me falou hoje cedo que você tinha perguntado sobre a vaga.

- Sim, muito solícito ele. Acho que agora já posso procurar um apartamento e parar de te dar trabalho, Daniel.

- Imagina, Susan, não é trabalho nenhum e gosto da sua companhia. Se você cozinhar tão bem quanto eu, pode ficar o tempo que quiser. - Falei sorrindo-Vou tomar um banho enquanto você termina.

- Tudo bem, mas não demore muito. Já está quase pronto.

- Ela alertou.

O jantar foi maravilhoso, ela fez sushi e uma salada com frango. Apesar do frio, a noite estava muito convidativa a uma caminhada. Era uma noite de lua cheia e o céu parecia estar decorado para o Natal. Susan prontamente aceitou meu convite e, depois de nos agasalharmos, caminhamos por vinte minutos até chegarmos próximo à Ponte Hercílio Luz. A ponte pênsil iluminada, a lua

refletindo sua imagem no mar. Tudo isso orquestrado pelo som do mar beijando as rochas da orla.

Eu e Susan sentados lado a lado, fazendo parte daquele cartão postal. Estávamos conversando sobre coisas do nosso dia-a-dia. E em certo momento da conversa nossos olhares se encontraram. Foi muito rápido, menos de três segundos, talvez. Mas pareceu muito mais tempo, senti meu coração bater com mais força, só que mais devagar. Contemplei os lindos olhos dela brilhando pela luz da lua e antes de desviarmos nossos olhares, sorrimos na mesma hora. Foi um curto silêncio, mas que, pelo menos para mim, disse muita coisa.

- Você sabe quase tudo da minha vida amorosa, mas e você, Daniel? - ela disse olhando o mar - Nunca ouvi falar de ninguém, não é casado e parece não ter namorada.

- Eu acabei de sair de um longo relacionamento. Quer dizer, já faz dois anos. E depois que tudo acabou, eu passei a trabalhar mais... e, sei lá... acho que minhas prioridades são outras no momento. - Não acredito que falei isso para ela. Que história é essa de prioridades?

- Hum, entendi. - ela falou se abraçando por causa do frio.

- Acho que é melhor a gente voltar, né?

- Também acho, senão vamos acabar congelando aqui neste banco
- ela falou se levantando.

Voltamos para casa e fomos assistir ao jogo na TV. Para minha surpresa, Susan entendia mais de futebol do que eu. Era Flamengo e Corinthians e ela é flamenguista, daquelas torcedoras tipo técnico. Ficava o tempo todo dizendo o que os jogadores tinham que fazer. Achava muito engraçado quando ela virava para mim e dizia: "Você viu o que ele fez?". Levei o maior susto quando o Flamengo fez o gol. Para a sorte dela, o Flamengo venceu.

Antes mesmo de o jogo acabar, eu já estava morrendo de sono, não parava de bocejar. Quando fui me deitar, pensei que fosse dormir

bem rápido. Puro engano. Fiquei rolando na cama de um lado para o outro, pensando no que eu deveria fazer a respeito do que eu estava sentindo por Susan e tentando entender o que estava acontecendo comigo. Tentava não pensar em nada para que o sono viesse de uma vez, mas toda minha luta foi em vão.

Já eram quase duas da madrugada quando me levantei para tomar um pouco de leite. Saí do quarto só de cueca, fui até a cozinha. Abri a porta da geladeira enquanto cantarolava baixinho uma música chata que tinha ouvido à tarde e que não saía da minha cabeça. De repente me assustei quando Susan coçou a garganta e falou comigo. Bati a porta da geladeira com o susto.

- Sem sono, doutor?

- Nossa! Você está aí? - Falei, sentindo a adrenalina sendo bombeada no meu sangue.

Ela me olhou de cima a baixo e me lançou um sorriso que eu não sei se foi malicioso ou irônico. Mas foi o suficiente para me fazer lembrar que estava só de cueca. Pedi desculpa e saí todo sem graça. Ela estava sentada a mesa e escrevendo num caderninho com espiral, acho que era uma agenda. Coloquei uma roupa e retornei.

- Desculpe, Susan, não sabia que você estava acordada.

- Eu disse ainda sem graça - O que você está escrevendo aí, a essa hora?

- Só algumas coisas, nada demais. Também não consegui dormir. - Ela falou enquanto eu bebia o leite.

- Hum... ok... eu vou... voltar. - Nós dois rimos pelo jeito que eu falei.

- Boa noite!

- Boa noite, Daniel.

A quinta-feira passou muito rápido. Pouco antes de sair do consultório, Cida me falou que Susan havia pedido que ela me avisasse que tinha ido para casa mais cedo. Elas tinham almoçado

juntas e durante o almoço, Susan viu no Facebook que Cristhian, o “Coçador de Úteros”, e Camilla estavam namorando. O que acabou com o resto do dia dela. Cida me disse que ela nem conseguiu terminar de comer e decidiu ir para casa, desmarcando todos os seus compromissos. Aproveitei que Marta e Cida estavam juntas e as convidei para irem, com suas famílias, comemorar meu aniversário na sexta. Elas ficaram meio sem graça por terem que recusar, mas estavam muito ocupadas em organizar a festa de aniversário do Ricardinho que seria no domingo.

Um pouco frustrado, decidi ir ao shopping comprar o presente do Ricardinho. Mas quando estacionei o carro na garagem do shopping, me veio a dúvida sobre o que comprar para um garoto de três anos. Depois que entrei na primeira loja de brinquedos, essa dúvida foi consumida por uma muito maior, o que não comprar para uma criança de três anos? Eu me senti uma criança novamente diante de tantos brinquedos. Tantos que eu sempre quis ter quando era pequeno e todos me pedindo para leva-los para casa.

Balancei a cabeça e tentei me concentrar na dura tarefa de escolher um brinquedo para o Ricardinho e não para mim. Eu já estava com os dois personagens do Toy Story na mão, o Buzz e o Woody, estava em dúvida sobre o qual levar e então um vendedor apareceu para me ajudar com a minha dúvida. Quer dizer, ele usou a minha dúvida para ajudar a ele mesmo, convencendo-me a levar os dois.

Aí fui procurar um outro brinquedo, só que mais educativo. O excelente vendedor me mostrou um livro animado que gostei na hora. Por fim, ele ainda me convenceu a levar uma moto elétrica. A brincadeira acabou saindo mais cara do que eu havia planejado. Mas tinha certeza de que meu investimento seria recompensado quando eu visse os olhinhos dele brilhando ao abrir os presentes. O vendedor me ajudou a levar tudo para o carro, mas tive que voltar porque esqueci de pagar o estacionamento.

Enquanto estava na fila do guichê, lembrei do que Cida tinha me falado sobre Susan e decidi comprar uns bombons para ela. Assim

que saí da loja de bombons, meu celular tocou. Era Susan, mas eu não conseguia entender muito bem o que ela estava falando. Além da ligação estar ruim, ela estava chorando e parecia estar bêbada, não falava coisa com coisa. Quando perguntei se ela tinha bebido, ela respondeu que só tinha bebido um restinho do meu uísque. O curioso é que eu não tinha nenhuma garrafa de uísque aberta, todas estavam lacradas. Antes de ir pra casa, passei na farmácia e comprei analgésicos, remédio para o estômago e algumas ampolas de glicose: “kit ressaca”.

Entrei no meu apartamento e vi uma garrafa de uísque quase vazia na sala, algumas roupas dela jogadas no sofá, o celular dela no bar, ao lado da sacada, mas nada de Susan. Fui até o quarto dela e nada, nem no banheiro. Corri para a sacada e olhei para baixo. Que pensamento idiota eu tive. Mas fiquei aliviado por não ver o corpo dela caído lá embaixo.

Surpreendi-me quando abri a porta do meu quarto e a vi. Ela estava encostada na parede ao lado da janela, de costas para mim e olhando para fora. Mas o que me surpreendeu não foi ela estar ali, foi como ela estava. Ela estava só de lingerie, vestindo um espartilho preto com detalhes rosa, que desenhava o corpo dela. Meias pretas, presas no espartilho com cinta-liga. Eu juro que nunca tinha visto uma mulher tão sexy quanto ela. Mesmo com os olhos borrados por causa das lágrimas, ela estava linda.

Quando ela me viu, correu na minha direção, enrolou os braços no meu pescoço e tentou me beijar. Ela falou algo que eu não entendi e eu percebi o quanto ela estava bêbada.

Eu sabia que já estava muito apaixonado por ela, metade de mim queria entrar naquela dança. Mas a outra metade me dizia que eu não poderia me aproveitar da fraqueza dela. Foi difícil contê-la. Foi mais difícil ainda conter-me. Evitei os beijos com os quais eu tanto sonhava. Segurei-a pelos braços e disse para ela parar, porque ela estava bêbada.

Ela parou, segurou meu rosto com as duas mãos, olhou fundo nos meus olhos e começou a chorar, dizendo que eu também não a amava. Eu a desejava mais que tudo, mas não podia ser daquele jeito. Não com ela naquele estado. Convenci-a ir para a ducha, coloquei-a debaixo do chuveiro. Ela se segurou no vidro do box e na parede e foi sentando no chão do banheiro, sem parar de chorar. Soltei as tiras que prendiam as meias. O tempo todo falando calmamente que estava tudo bem e pedindo para ela se acalmar. Ajudei-a se levantar. Pedi que ela virasse de costas para ajudar a soltar as presilhas do espartilho. Depois foi a minha vez de virar de costas. Sentei no vaso sanitário, de costas para ela, e esperei ela se lavar. Depois que ela desligou o chuveiro e se enrolou na toalha, ainda chorando, a acompanhei até o quarto. Separei uma roupa para que ela vestisse e fui para a cozinha.

Preparei um coquetel com glicose e o remédio para o estômago, peguei o analgésico e um copo de água e voltei para o quarto dela. Fiz que ela tomasse o coquetel e o analgésico e depois ela se deitou novamente e fechou os olhos. Dei um beijo na testa dela e saí, deixando a luz do abajur acesa. Enchi uma jarra com água e levei a caixa de bombom até lá. Deixei ao lado da cabeceira, ela parecia estar num sono profundo e tinha parado de chorar.

Minha roupa estava toda molhada, então fui tomar banho. Depois tomei um pouco do uísque que tinha sobrado na garrafa, recolhi as roupas dela que estavam espalhadas, inclusive as do banheiro e coloquei para lavar.

Peguei mais uma dose e me sentei na varanda sentindo o vento gelado no meu rosto. Fiquei um bom tempo lá, ouvindo o barulho do trânsito, vendo as luzes da cidade e pensando no que acabara de acontecer, perguntando-me se eu já tinha me apaixonado por alguém como estava por Susan. Eu ficava o dia todo ansioso para reencontrar aquela mulher que tinha aparecido na minha vida de uma maneira tão “acidental”.

Acho que estou acidentalmente apaixonado. Mas ela estava tão frágil e passando por um momento tão difícil que era impossível eu

falar para ela tudo o que eu estava sentindo naquele momento. Ela tinha acabado de ser traída pelo namorado e pela melhor amiga e eu sabia o quanto aquilo era dolorido. Fazia dois anos que eu tinha me separado da Michelle e tive que mergulhar no trabalho para conseguir superar tudo que acontecera.

Não me lembro a que horas fui dormir, mas fiquei um bom tempo olhando o teto e deixando que meus pensamentos vagassem. Acordei quando meu celular despertou. Levantei, escovei os dentes e fui ver minha hóspede. Eu estava um pouco sem graça depois do que tinha acontecido na noite anterior. Bati na porta do quarto, mas ela não respondeu, então abri.

Ela continuava dormindo, sentei-me na metade da cama e fiquei alguns segundos a observando. Tão linda e serena que me fez sorrir. Quando encostei no ombro dela para chama-la, notei que ela estava abraçada na agenda dela.

- Bom dia, flor do dia!
- Bom dia - disse ela se espreguiçando - Nossa, que dor de cabeça!
- Acho que alguém aqui está de ressaca, né, mocinha? -Falei, sorrindo.

- A culpa é sua que deixa a casa cheia de bebida, doutor Daniel! Tô brincando, obrigada pela água e pelos chocolates, eram para mim, né?

- Eram sim. - Eu disse balançando a cabeça.
- Eu acordei de madrugada, morrendo de sede e confusa. Bebi quase a jarra inteira. Nem sei como vim parar na cama.
- Você não lembra o que aconteceu?

- Lembro de estar almoçando e aí vi no Facebook que o “Coçador de ~tero” e a vaCamilla estão namorando. Então vim para cá e comecei a beber um pouco de uísque e... - ela tentou procurar na memória - acho que não sei o que aconteceu depois. Nem vi você chegar.

- Sério? Só isso? Não se lembra de mais nada?
- Hum... não... por quê, eu fiz alguma “M” maior?

Eu queria ter contado tudo o que aconteceu. Queria que ela soubesse o quanto fui gentil e cavalheiro. E que ela achasse lindo e romântico eu não ter me aproveitado da situação. Ouvi meu lado cafajeste me dizer: “Viu, bobão, se você tivesse feito tudo que eu disse para você fazer ontem, ela nem teria se lembrado!”. E, então, eu falei para ela:

- Não fez nada demais, você me ligou, mas quando eu cheguei você já estava dormindo.

Tomamos café e fomos trabalhar. No caminho, eu pensei em convidá-la para jantar comigo, mas não tive coragem. Afinal eu já tivera duas recusas para a comemoração do meu aniversário e não estava pronto para uma terceira. Além do mais, fomos em silêncio durante todo o percurso até o meu consultório.

Eu tinha conversado com Susan que por não precisar do meu carro durante o dia e o escritório dela ser perto do meu trabalho, não havia a necessidade de usarmos os dois carros e eu podia deixar o meu carro com ela durante o dia e ela me buscava no final da tarde. Não que eu fosse muito naturalista e me preocupasse tanto assim com o CO2 emitido pela queima de combustível. Era apenas mais um motivo para tê-la perto de mim.

Quando parei o carro no estacionamento do consultório, criei coragem para convidá-la. Mas decidi fazer isso de uma forma cautelosa. A ideia de sofrer mais uma recusa não me agradava muito e se ela recusasse não haveria mais motivo algum para comemorar. Então arrisquei:

- Susan, - disse ao desligar o carro - você vai fazer alguma coisa hoje à noite?
- Nossa, Daniel, quase esqueci. Foi bom você ter perguntado. - Por um instante pensei que era do meu aniversário que ela estivesse falando - Hoje, depois do trabalho, eu marquei de sair com um

amigo. Ele vai me mostrar um apartamento no prédio que ele mora. Mas vou passar aqui antes. Vou lá só às oito da noite. Por quê?

- Não... nada demais. - Acho que não consegui esconder minha frustração - De qualquer forma, boa sorte.
- Obrigada.
- Por nada. Então, até mais tarde.
- Até logo. - Nos despedimos e ela foi com o meu carro.

Decepção era pouco para o que eu estava sentindo. Nem minha família, nem minhas funcionárias e nem a mulher pela qual eu estava apaixonado, ninguém quis minha companhia no dia do meu aniversário. Mas o pior foi essa notícia que Susan tinha acabado de me dar. Fiquei preocupado, não só com o fato de que ela poderia gostar do apartamento e ir embora da minha vida. O que me preocupou foi o encontro com esse tal amigo. Visitar apartamento à noite? E se ela bebesse de novo? E se esse amigo não fosse tão... gentil quanto eu fui? E se... e se... Detestei pensar em todos esses “E se’s”.

Mas todos meus pensamentos sumiram rapidamente quando abri a porta e entrei no consultório. Encontrei Marta e Cida, ambas com chapeuzinho de aniversário na cabeça. Enquanto Cida segurava uma nega maluca com umas velinhas em cima, Marta batia palmas e cantava “Parabéns pra você”. Acompanhei com palmas e fiquei emocionado com a surpresa.

- Feliz aniversário, chefe! - falaram em uníssono.
- Ah, obrigado. Vocês duas não existem.
- Feche os olhos e faça um pedido antes de assoprar. -Falou Cida.

Eu sorri e fechei os olhos, a primeira imagem que veio em minha mente foi Susan só de lingerie. Abri os olhos rapidamente e assoprei as velas até todas apagarem.

- O que você pediu, doutor? - Quis saber Marta.

- Deixa de ser boba, se ele falar não se realiza.
- F alou Cida, piscando para mim e me lançando um sorrisinho malicioso. Como se soubesse o que eu tinha visto quando fechei os olhos.

Fiquei muito feliz com a singela homenagem, como já falei, as duas são como se fossem parte da família. Entreos intervalos de uma consulta para a outra, eu dava uma olhada no meu celular para agradecer as mensagens que não paravam de chegar no WhatsApp e Facebook. Atendi uma chamada de vídeo antes de ir almoçar. Era minha mãe e meu irmão.

- Feliz aniversário, Dandan! - Disse Nick.
- Diz pra ele que eu tô vendo ele e que ele nem parece que tá fazendo a idade de Cristo.
- Eu estou ouvindo e vendo a senhora, mamãe.
- R espondi.

- Ele também tá me vendo, Nicollas? - Perguntou a mãe, ainda não acostumada com toda aquela tecnologia.

Conversamos um pouco e eu não pude deixar de reclamar que eles tinham me abandonado no dia do meu aniversário. Depois que desliguei, fui almoçar.

O dia foi longo, como é de costume na sexta-feira. Quando terminei de atender o último paciente, Marta já tinha ido embora. Estava na terceira fase do curso de Psicologia. Depois que ela ganhou o Ricardinho, eu insisti que ela deveria estudar, e ela optou por fazer Psicologia, afinal, conhecia bem minha rotina e se identificou muito com essa atividade. Por isso ela sempre saía um pouco mais cedo. Quando entrei na cozinha, tive a sensação de que Cida e Susan estavam falando de mim. As duas pararam de falar imediatamente quando me viram. Mas fingi que não tinha percebido. Tomei uma xícara de café junto com elas e depois fomos embora. Susan foi o caminho todo, até chegarmos em casa, mexendo no celular. Tentei conversar com ela, mas além de não me olhar, só me respondia

com monossílabas. Até que desisti. Chegamos em casa e ela correu se arrumar.

Não sei se eu estava com ciúmes ou apenas chateado por ninguém ter aceitado meu convite. Acho que um pouco dos dois! Eu fiquei sentado no sofá da sala enquanto ela se arrumava. A TV estava ligada num canal qualquer, mas eu não estava prestando atenção. Meus pensamentos e minha atenção estavam voltados à Susan e no tal encontro.

Eu já estava inseguro e quase tive uma crise de ciúmes quando ela me falou que ia sair com um amigo. Não sei nem como explicar o que senti quando eu a vi sair do quarto, pronta. Um vestido longo, azul escuro, que parecia ter sido costurado nela, com um corte que mostrava sua perna esquerda quando ela caminhava. Maquiagem perfeita com uma sombra nos olhos de um azul um pouco mais claro que o vestido. Seus cabelos estavam presos num coque e com apenas duas mechas soltas, caídas uma de cada lado do seu rosto. Os sapatos de salto alto a deixavam do meu tamanho. Estava incrível. O lado ruim? É que nada daquilo era para mim.

- Como estou? - Ela me perguntou.

- Pensei que você fosse ver um apartamento e não a uma indicação ao Oscar. - Falei mais sério do que gostaria de ter falado.

- É que a gente vai jantar antes.

Senti uma lâmina afiada penetrar no meu coração, quando ouvi ela falar.

- Você está linda! Ele deve ser um cara e tanto. Mas nunca ouvi você falar dele. Qual é mesmo o nome dele?

- É que não faz muito tempo que eu o conheço, mas sim, ele é um cara muito especial.

- Bom jantar. - foi o que consegui dizer depois de receber aquele tiro de misericórdia.

- Eu vou de Uber, porque talvez a gente beba um pouco. Até mais, Daniel.

Ela falou fechando a porta e eu nem me dei ao trabalho de respondê-la. Parecia que ela estava se divertindo me maltratando daquele jeito. “Talvez a gente beba um pouco”. Imittei-a com a voz fina, sentindo meu sangue ferver. Mas não estava com raiva dela, eu estava com raiva de mim.

Peguei uma garrafa de uísque, mas achei melhor tomar um banho antes de beber. Fiquei uma meia hora debaixo do chuveiro. Com aquela frase martelando na minha cabeça: “Talvez a gente beba um pouco”. Melhor nem pensar no que poderia acontecer se ela bebesse demais. Todos aqueles “E se...” voltavam a me perturbar. Vestime e voltei ao bar onde eu tinha largado a garrafa de uísque. Preparei uma dose, mas quando fui tomar o primeiro gole meu celular tocou. Era Susan.

- Oi, Susan. - Falei meio ríspido.

- Oi, Daniel. Acho que eu levei um bolo. O que você acha de me acompanhar para jantar?

- Nossa! Que pena. - falei, tentando disfarçar minha alegria, por ela ter levado um bolo.

Dei um sorrisinho diabólico com o canto da boca, satisfeito. Agora ela queria que eu fosse salvar a noite dela. Mas ela não estava merecendo.

- Eu gostaria muito, Susan, mas estou um pouco cansado. Na verdade já estou até deitado. - Menti. Sentime vingado.

- Por favor, Daniel, eu não estou muito bem, queria conversar um pouco.

Tentei me fazer de difícil um pouco, mas como Homem Apaixonado, fui rapidamente manipulado. Ela estava no meu restaurante preferido e eu não tinha mais voltado lá desde o dia que pedi Michelle em casamento. Susan me convenceu. Me arrumei e saí.

Quando entrei no restaurante, vi Susan me fazer um sinal, enquanto a recepcionista perguntava meu nome. Susan parecia meio tensa, incomodada com alguma coisa. Fui em direção da mesa onde ela

estava e quando ela se levantou tudo ficou escuro, pensei que tivesse acabado a luz do restaurante. Alguns segundos até meus olhos acostumarem com a baixa luminosidade. E então vi uma movimentação vindo da cozinha. Um garçom trazia um bolo cheio de velinhas atrás dele, em fila, reconheci as pessoas que o seguiam.

Todos os clientes se uniram ao coro do “Parabéns pra você”. Foi inevitável não se emocionar. Meus olhos se encheram de lágrimas. Susan também estava emocionada, a vi limpando os olhos com a pontinha do dedo para não borrar a maquiagem. E li nos lábios dela quando ela disse:

- SUR-PRE-SAI!

Não estava faltando ninguém. Além de minha mãe, meu irmão e Ingrid, estavam também: Cida e seu filho; Marta, Ricardo e Ricardinho; alguns amigos mais próximos. Inclusive Fernando e sua esposa Milene que estava de nove meses já. Até Seu Aroldo e sua esposa Dona Vera que haviam sido meus pacientes há alguns anos, estavam lá. Eles falaram para todo mundo que eu tinha salvo o casamento de 40 anos deles. Todos me cumprimentaram com abraços e beijos.

- Hey, Dandan, você achou mesmo que eu fosse ficar sem dar um abraço no meu irmão preferido no dia do aniversário dele?

- Falou Nick, meu único irmão.

Susan foi a última a me abraçar, apesar de ter estado do meu lado o tempo todo. Ela quis deixar todos me parabenizarem primeiro.

- Eu disse para você que meu amigo era um cara muito especial. - Ela falou no meu ouvido.

- Você me paga, mocinha, obrigado. - Respondi.

Foi uma noite sensacional. Todos se confraternizavam e interagiam uns com os outros. Minha mãe estava à minha direita e Susan à minha esquerda. Eu estava sentado na ponta, mas depois de comer

eu troquei de lugar algumas vezes para poder dar atenção a todos. Vi quando Susan se levantou e sentou ao lado de mamãe, Ingrid estava na ponta e também participava da conversa delas.

O gerente se aproximou da nossa mesa, acompanhado de um garçom que segurava uma bandeja cheia de taças. Ele segurava um balde com duas garrafas de champanhe. Colocou o balde no centro da mesa e uma das garrafas ele tirou do gelo e me entregou dizendo:

- Doutor Daniel, estas são por conta da casa. Feliz aniversário e muito obrigado por escolher o Texas Grill Premium para comemorar um momento tão importante como esse.

Eu abri a garrafa e o Fernando abriu a outra. Enchemos todas as taças. Apenas a Milene e o Ricardinho ficaram no suco de laranja. Quando terminei de encher a minha, todos começaram a gritar:

- Discurso, discurso, discurso... E logo o restaurante todo os acompanhou. Fiquei morrendo de vergonha. Mas eu era voto vencido. Então, quando o restaurante todo ficou em silêncio, eu comecei a falar sentindo minha voz trêmula e minhas bochechas corarem.

- Bom... hoje é a primeira vez que eu faço 33 anos. - Todos riram e eu continuei - Quero antes de tudo agradecer à Dona Gilda que sempre esteve comigo nas 32 vezes anteriores que comemorei esta data. Mamãe, te amo! Ao meu irmão, Nick, que apesar de ser mais novo, está sempre me ensinando alguma coisa, mesmo que seja apenas uma manha no videogame. Quero agradecer aos que já partiram desta vida, como o meu pai, de quem eu sinto muita saudade. E aos que

ainda nem chegaram, tipo o Léo, mas que está quase chegando, né Mi?

- Ele não para de chutar. - comentou Milene.

- Aos amigos que conheço há muito tempo e aos que acabei de conhecer. - olhei com ternura para Susan - Até aquele casal ali da outra mesa que tá quase chorando... é, vocês mesmo, oi! À família que encontrei no meu trabalho e que me acolheram de coração aqui em Floripa. Enfim, todos vocês. Obrigado a cada um de vocês por fazerem parte da minha vida e por dividirem as suas comigo. Um brinde à amizade verdadeira que encontrei em vocês. Saúde. - E levantei a minha taça.

Quando me sentei, Ingrid me falou que o casal da mesa ao lado a quem me referi, estavam brigando antes e não emocionados com o meu discurso. Eu já desconfiava, mas não importava. Eu estava muito feliz.

Milene e Fernando foram os primeiros a irem embora. Parece que o Leonardo estava querendo vir para a festa também. E então a mesa foi, aos poucos, se esvaziando. Mamãe foi cedo também, mesmo eu insistindo que eles passassem o fim de semana lá, eles recusaram. Sábado seria o casamento da irmã de Ingrid e ela queria estar lá para pegar o buquê.

Por fim, sobraram apenas eu, Susan e uma Coca-Cola.

- E aí, o que achou da surpresa?

- Eu realmente não esperava, foi maravilhoso.

- Você quase me matou do coração quando disse que não viria porque já estava deitado.

Ah, se ela soubesse que quem quase morreu do coração fui eu quando a vi saindo toda linda mais cedo para se encontrar com o tal amigo.

- Todos vocês me enganaram, hein!? Eu já estava me sentindo abandonado. Mas quem é que aliciou você, Susan?

- A Cida tinha me falado ontem durante o almoço e eu topei na hora. Estava tudo certo já, mas faltava um meio de te trazer para cá sem você desconfiar. Aí eu tive essa ideia.

- Parabéns, você está na profissão certa. - Eu falei e nós dois sorrimos.

Conversamos por mais alguns minutos sobre a festa e os convidados. Disse que tinha adorado minha mãe e que todos ali tinham um carinho muito especial por mim. O restaurante já estava quase vazio quando resolvemos ir embora.

Estávamos caminhando lado a lado no estacionamento, quando Susan se desequilibrou e quase caiu. Eu a segurei pelo braço, o que fez com que ela ficasse de frente para mim. Olhamo-nos nos olhos. Eu quase podia ver a alma dela por trás daqueles lindos olhos castanhos. Ela estava séria, com os lábios entre abertos. Senti vontade de beijá-la quando desviei meus olhos para os lábios dela. Ficamos em silêncio. O mesmo silêncio que antecede o beijo. Mas o beijo não aconteceu e ela disse:

- Uau! Quase caí!

- Eu nunca vou deixar você cair - falei pausadamente. Eu a conhecia há pouco mais de quatro dias, mas a impressão que eu tinha, era de conhecê-la há muito tempo. Aqueles segundos que ficamos em silêncio nos olhando me

fizeram pensar que, talvez, ela também sentisse algo por mim. Nós quase nos beijamos. Na verdade, eu não sei o porquê eu não a beijei.

Minha vida havia mudado desde segunda-feira. Eu estava me sentindo mais feliz e isso transparecia além de mim. Cida tinha me dito pela manhã que eu estava com um brilho no olhar e minha mãe me falou a mesma coisa durante o jantar. Eu não tinha dúvida de que a causa disso era Susan.

A companhia dela me fazia muito bem, eu adorava ouvi-la falar. Adorava o sorriso dela. Era ótimo chegar em casa e tê-la para conversar. Minha vida estava completa com ela do meu lado. Mas eu sabia que aquilo era temporário e logo ela iria embora.

No caminho de casa, Susan me convidou para acompanhá-la a um orfanato pela manhã. Ela me disse o que fazia lá e na mesma hora tive uma ideia. Peguei meu celular e liguei para minha amiga Alice.

Conheci Alice durante uma de minhas visitas ao Asilo Nosso Lar, ela era estudante de Psicologia da mesma universidade onde eu me formei. Era uma jovem muito alto astral, com ela não tinha tempo ruim.

Susan decidiu me esperar no carro enquanto fui falar com Alice. Ainda não tinha dito a ela qual era minha ideia e ela ficou envergonhada para entrar na casa de uma desconhecida àquela hora. Em menos de cinco minutos eu já estava voltando para o carro com um largo sorriso no rosto e uma caixa nas mãos.

- Agora o senhor pode me contar por que acordou a coitada da menina? - Susan me perguntou quando dei partida no carro.

Pedi a ela que abrisse a caixa para ver o que tinha dentro e contei detalhadamente a minha ideia a ela. Fui surpreendido com um beijo no rosto quando terminei de explicar.

- Genial, as crianças vão adorar. Você é incrível, Daniel. - Ela disse eufórica.

- Não, não. Não sou incrível, mas amanhã vou ser O Espetacular. - Nós dois rimos.

Chegamos em casa e Susan preparou um chá de camomila com hortelã. Eu não gosto muito de chá, mas tomei para não fazer desfeita. Até que estava bem gostoso, docinho e quente. “Bem parecido com ela”. Pensei, lembrando dela na quinta-feira. Acabei sorrindo com minha comparação quase maliciosa.

- O que foi? - Ela perguntou.

- Nada, acho que queimei a língua. - Eu disse.

- Você ri quando se machuca, é? Ela replicou duvidando de mim. Queria que ela perguntasse se eu queria um beijinho para sarar, e

sorri de novo quando pensei nisso.

- Obrigado pelo chá e pela noite maravilhosa, Susan.

- Não precisa agradecer, Daniel, eu me diverti muito também. Vou me deitar e acho bom você não demorar, amanhã acordamos cedo.

- Eu já estou indo também.

- Boa noite, Daniel.

- Boa noite, Susan.

O chá, ou o cansaço do dia, me fizeram dormir logo que deitei na cama. Na manhã seguinte o “James Phone” novamente me abandonou. Ou pelos menos a bateria dele. Fui acordado com Susan me cutucando.

- Não sabia que super-herói roncava! Ela disse sorrindo quando eu abri os olhos.

- E eu não sabia que a Bela Adormecida acordava sem o Beijo de Amor.

- Errou. Eu sou a Branca de Neve.

Tomamos café e fomos nos trocar. Há um tempo eu tinha comprado uma fantasia do Espetacular Homem Aranha, para ir numa festa. Paguei uma fortuna e a usei apenas uma vez. Pensei em vendê-la depois, mas resolvi guardar, imaginando que poderia ser bem útil quando eu tivesse meu primeiro filho. Afinal, foi bom ter guardado. Faltava apenas colocar a máscara quando Susan bateu na porta.

- Posso entrar?

- Pode sim. Já estou pronto.

O cabelo de Susan não era Chanel como o da Branca de Neve. Mas se os cartunistas da Disney a vissem naquele dia, certamente redesenhariam a Branca de Neve. Não existe outra palavra para descrevê-la, senão, perfeita. A Branca de Neve mais linda que já existira. E como havia imaginado, o vestido que Alice emprestou, ficou perfeito nela.

- Nossa! Se a própria Branca de Neve te visse assim, ela mesma daria uma maçã envenenada para você comer.

- Deixa de ser bobo - ela falou sorrindo - ainda falta colocar a peruca, você me ajuda?

- Será uma honra! - Respondi.

- Caramba, Daniel, essa roupa é igualzinha a do filme.

- Pelo preço que custou, ela deveria me dar superpoderes também.

- Você não precisa da roupa para ter superpoderes. -Ela disse timidamente.

Terminamos os ajustes finais e logo saímos. Quando entramos no elevador, que estava quase cheio, encontramos o Seu Pacheco, morador do prédio.

- Então o Homem Aranha precisa do elevador é, Daniel?

- falou Seu Pacheco sorrindo.

- Oh, Seu Pacheco, o senhor descobriu meu segredo e minha identidade. - Eu disse e todos riram.

- Meu neto ia ficar louco se te visse assim. No próximo aniversário dele acho que vou te convidar. Mas você tem que ir assim, só que com a máscara também.

- Eu vou adorar, Seu Pacheco.

- Garagem - disse a voz sensual robotizada do elevador.

Ao chegarmos ao orfanato, fomos recebidos por uma das freiras que trabalham no abrigo.

- Susan? É você?

- Sim, Madre, quer dizer, hoje eu sou a Branca de Neve.

- Hum, bom Dona Branca de Neve, a senhora está tão linda quanto a Susan. Ah... Até que enfim trouxe o seu namorado. - Disse a Madre esticando a mão para me cumprimentar.

- Não é meu namorado, Madre. Daniel, esta é a Madre Raquel. Madre, este é meu amigo Daniel.

- Prazer, Madre, mas hoje pode me chamar de Homem Aranha.
- Seja bem-vindo, Homem Aranha. - Disse ela com um largo sorriso.

Acho que nunca tinha me divertido tanto numa manhã de sábado. Todas as crianças adoravam a tia Su e ela também adorava todas elas. Conhecia cada uma por seus nomes e não eram poucas. Ela brincava, contava histórias aos menores. Dava conselhos aos mais grandinhos, principalmente às garotas. Ouvia com toda a atenção cada uma das crianças que falavam com ela. Eu fiquei contando histórias sobre o dia-a-dia do Homem Aranha para os garotos menores. Respondendo perguntas engraçadas como: Homem Aranha, você vai no banheiro? Homem Aranha, sabia que eu sei fazer teia de “cuspi”? Olha só. Eu tentava responder todas.

Certo momento, olhei para Susan e vi que ela estava me olhando. Sorri para ela, mas ela não percebeu por causa da máscara e logo uma criança segurou o rosto dela com as duas mãos, obrigando-a a virar o rosto. Algumas crianças falavam que o Homem Aranha deveria se casar com a Branca de Neve. Susan ficou vermelha com o comentário.

A manhã passou voando, almoçamos num grande refeitório com as crianças. A despedida não foi tão fácil. Algumas crianças menores esboçaram um choro, mas quando Susan percebeu, sentou-se no chão e as crianças sentaram em volta dela. Ela começou a explicar que precisávamos ir, mas que logo voltaríamos. As crianças aos poucos foram entendendo e enxugando as lágrimas. Despedimo-nos delas e depois de Madre Raquel que disse:

- Até mais, Susan. E, por favor, traga o seu namo... seu amigo, sempre que quiser. Elas adoraram.
- Obrigada, Madre. Semana que vem eu volto. Se a senhora precisar de qualquer coisa, não hesite em me ligar.
- Ela disse e olhou para mim - O senhor ouviu né, doutor, está convidado.

- Eu voltarei, Madre! E obrigado, foi uma manhã incrível. As crianças são maravilhosas. Não sei como alguém... pode...

- É a vida, doutor, - me interrompeu ela, delicadamente - mas não podemos julgar. Deus sabe o que faz.

- Obrigada, Madre. - Disse Susan.

- Deus os abençoe, meus filhos. - Disse a Madre se despedindo de nós.

Quando entramos no carro, percebi que Susan estava com os olhos cheios de lágrimas, então perguntei:

- Tudo bem?

- Eu sempre choro quando saio, - disse ela sem conter as lágrimas - eu seguro o máximo que posso para que elas não me vejam chorar. É muito difícil pra mim, deixa-las. Acho que eu preciso mais destas crianças do que elas de mim. Eu queria poder dar um lar, uma família a todas elas. Eu também não sei como alguém pode abandonar uma criança inocente assim. A Madre me diz que não podemos julgar os

pais porque não sabemos o que os levaram a fazer isso e que não deve ter sido nada fácil, mas eu não consigo entender, Daniel. São anjinhos que só querem um pouco de amor. É só isso que eles querem: amor.

- Tenho certeza de que estas crianças não receberiam tanto amor em nenhum outro lugar como receberam de você hoje.

- Elas me dão muito mais do que eu posso receber.

- Talvez a Madre esteja certa, Susan. E Deus sabe o que faz e faz tudo para o nosso bem. - Tentei consolá-la.

Liguei o carro e saímos. Susan estava em silêncio, olhando pela janela. Ela tinha razão e despedir-se daqueles pequenos não tinha sido fácil nem para mim. Sentime um verdadeiro super-herói naquela manhã. Mas o poder vinha daqueles anjinhos tão cheios de amor e querendo ser amados. Meu celular tocou e logo os ânimos mudaram.

- Fala, Fê!

- Daniel, - falou Fernando com a voz emocionada - o Leonardo nasceu, faz uns vinte minutos. A Milene não tinha dilatação suficiente e o médico optou por uma cesárea.

- Cara, que maravilha! Parabéns! Eles estão bem?

- Sim, eu acompanhei tudo. Não tem como explicar a emoção que eu senti.

- Nasceu o filho da Milene e do Fernando. - Falei para Susan com a mão no fone.

- Tem como você passar aqui? Eu preciso te dar uma coisa, Dani.

- Tem sim, me manda o endereço.

Logo ele me enviou o endereço junto com as fotos do pequeno Léo. Uma criança graciosa, iluminada. Mas não podíamos ir lá vê-los de mãos vazias, então falei para Susan:

- Hey, Branca de Neve, o que você acha de fazer umas comprinhas com o Homem Aranha?

- Tá falando sério? Ir ao mercado assim?

- Não, não no mercado. Vamos ao shopping comprar uma lembrancinha, pelo menos.

- Vai ser DEMAIS! - Ela respondeu e sorrimos.

No shopping, parecíamos duas celebridades passeando. Adultos e crianças pedindo para tirar fotos, todos nos olhando. É verdade que um segurança até tentou barrar nossa entrada, mas a Branca de Neve era uma advogada talentosa e logo o segurança ficou sem argumentos e nos deixou em paz. Compramos algumas coisas e não percebi que Susan tinha comprado um presente para o Ricardinho e outro para mim também.

- Está um pouco atrasado, mas é de coração. - Disse ela ao me entregar o embrulho.

- Não precisava, Susan.

- Precisava sim. Abra! - Ordenou.
- Homem de Ferro?

- Eles não tinham o Homem Aranha e me deram um desconto. São todos da Marvel. - disse ela sorrindo.

Eu a abracei e beijei no rosto para agradecer. Nós estávamos tão próximos, eu me sentia tão à vontade ao lado dela. Quem nos via no shopping daquele jeito, certamente acreditava que éramos um casal. E eu queria que fôssemos, também queria que ela soubesse, mas não podia me abrir para ela. A história do seu namoro e como ele terminou não me encorajavam a me declarar. Eu precisava esperar o momento certo.

Eu tinha certeza de que estava apaixonado pela mulher certa, talvez na hora errada. Mas definitivamente ela era a mulher certa. Não sei como aquele cara pôde fazer isso com ela. Ela era tão incrível. Sensível e, ao mesmo tempo, tão segura. Era como o encontro das águas dos rios com o mar. Doce e salgado ao mesmo tempo. Uma mistura perfeita. Não queria que ela fosse embora nem do meu apartamento, nem da minha vida. Queria viver o resto da minha vida ao lado dela. Mas isso não dependia só de mim. Eu sabia que ela precisava de um tempo para superar aquilo. E eu também sabia muito bem o que ela estava passando e o quanto aquilo machucava.

O passeio estava muito divertido, mas tínhamos que ir para casa. Fernando já tinha ligado duas vezes para saber onde estávamos. Comprei um sorvete e fomos para o estacionamento. Susan foi dirigindo e eu aproveitei para tomar meu sorvete. Quando estávamos quase chegando à cancela do estacionamento, eu fui lamber o sorvete e quando aproximei a casquinha da minha boca, Susan, propositalmente, pisou no freio, o que fez com que eu enfiasse o nariz inteiro dentro do sorvete.

- Desculpa..., mas... - ela tentava falar, mas não conseguia parar de gargalhar. - Eu não resisti.

- Você me paga, Dona Susan. - eu falei rindo de mim mesmo e limpando meu rosto.

Fomos para casa e trocamos de roupa, vinte minutos depois já estávamos chegando à frente da maternidade. Identifiquei-me na recepção e logo vi alguns familiares do Fernando. Alguns minutos depois, Fernando apareceu. Estava com os olhos fundos, pela noite que não dormira, mas resplandecia felicidade. Deu-me um longo abraço, depois abraçou Susan.

- A gente ficou a madrugada toda acordados. - contava ele
- Logo que chegamos em casa, ontem, depois da sua festa, a Milene começou a sentir contrações. Viemos para cá porque ela queria muito que fosse parto normal, ficamos esperando que ela tivesse dilatação suficiente. Como não aconteceu, o médico disse que era melhor que fosse feita uma cesárea. E, às 11h55, ele nasceu com 3,225 kg. Vamos lá para vocês conhecerem ele.

Entramos no quarto e Susan entregou flores à Milene que estava deitada. O pequeno Léo estava dormindo num bercinho de maternidade, abraçado em um polvo de crochê. Lindo e angelical.

- Fê, pega na minha bolsa o presente. - Milene falou.
- Ah é! A Milene quer te dar uma coisa, por isso te chamei, Dani.
- Sério, Mi? O que é? - Perguntei curioso.

- Na verdade, Dani, - ela explicou - quando eu comprei nem tinha engravidado. Eu e o Fê descobrimos um mês depois que eu estava grávida. Fizemos as contas e sabíamos que era bem provável que o Léo chegasse próximo a esta data.

Fernando tirou dois ingressos da bolsa de Mi e me entregou. E ela continuou:

- Então, como eu sei que você também gosta muito deles, falei para o Fê dar para você. Já que nós não poderemos ir. Divirta-se por nós três.

Eram duas entradas para o camarote do show do Red Hot. Eu fiquei bobo, segurando elas na minha mão. Eu era padrinho de casamento deles. Fui eu quem os apresentou.

- Nossa, Mi, eu não sei nem o que dizer. Fernando, cara, obrigado! - E dei um forte abraço nele.

- Tenho certeza de que você faria o mesmo.

- Susan, espero que você não tenha compromisso para esta noite. Porque nós vamos ao show do Red Hot Chilli Peppers!

- Falei quase gritando.

Susan colocou as mãos na boca, como se não acreditasse e depois beijou Milene e deu um abraço em Fernando. Entregamos o que havíamos comprado para o Léo. O casal nos agradeceu e Fernando falou:

- Acho que é melhor vocês irem se preparar. É melhor chegar cedo lá.

Eles subiram no palco pouco antes da meia noite. Foi sensacional, nós estávamos bem pertinho do palco. Susan parecia uma adolescente, maravilhada. Cantava todas as músicas. Durante a música "Californication" fiz uma vídeo chamada para o Fernando, ele dividiu o fone de ouvido com Milene e ouviram a música inteira. Nas músicas lentas eu e Susan nos abraçávamos e dançávamos coladinhos. Ela encostava a cabeça no meu peito e eu fechava os olhos. Em um desses momentos eu sorri. Tanta coisa boa tinha acontecido em tão pouco tempo. Fazia tempo que eu não me sentia tão feliz.

Estar apaixonado é uma coisa muito louca. Eu não lembrava o quanto era gostoso esse sentimento. É lógico que tem o lado ruim causado pela insegurança, pelo medo. Mas a sensação de prazer e a felicidade que a gente sente é superior a tudo isso.

O show acabou às duas da manhã e nós chegamos em casa só às 3h30min da madrugada, exaustos. Tomamos banho, depois fui até a

cozinha e comi uma maçã enquanto Susan comia melão.

- Foi um dia inesquecível para mim, Daniel. Não só pelo show que foi incrível. Mas por tudo. No orfanato, depois no shopping. Você é um cara muito especial. - Esta última frase, Susan falou olhando para o prato e cortando um pedaço de melão com o garfo.

- Para mim também será inesquecível este dia.

- Eu vou dormir, - ela se levantou e deu a volta na mesa
- amanhã o dia vai ser longo também. Boa noite. -Então ela deu um beijo no meu rosto, quase encostando na minha boca.

- Boa noite. - Foi o que consegui dizer.

Ela se virou e saiu. Mas parou e se virou imediatamente quando eu a chamei.

- Que? - Perguntou ela ansiosa e com carinho na voz.

- ... você também é muito especial para mim. - Falei encarando-a nos olhos. E ela mexeu os lábios sem som dizendo “obrigada”.

Eu estava cansado, tinha sido um dia longo e cheio de emoções. Pensei que dormiria assim que encostasse a cabeça no travesseiro. Mas estava completamente enganado. Bastou eu me deitar para o sono ir embora. Fiquei relembrando tudo o que havia acontecido nas últimas 24h. Deixei que meus pensamentos vagassem por tudo que tinha acontecido comigo desde que Susan bateu no meu carro. As memórias ainda estavam bem vivas e eu conseguia me lembrar de cada detalhe. Fiquei à deriva naquele mar de recordações até que meu sono viesse.

De repente, a porta do meu quarto se abriu. A claridade que vinha da sala impedia que eu visse o rosto dela. Mas reconheci a silhueta de Susan, que estava novamente só de lingerie. Mas desta vez ela estava sóbria, ciente do que estava prestes a fazer. Falei o nome dela e ela pôs a mão na minha boca e me pediu que não falasse nada. Continuei deitado e ela subiu de joelho em cima da cama. Puxou o edredom e me descobriu. Sentou nas minhas coxas,

inclinou seu corpo para frente e se apoiou com as mãos ao lado do meu rosto e começou a beijar meu pescoço. A língua dela estava quente quando ela mordeu a pontinha da minha orelha e sussurrou no pé do meu ouvido:

- Eu amo você..., Daniel.
- Susan...
- Daniel..., eu amo você.
- Eu também, Susan.
- Daniel... - a voz dela já não estava mais tão baixa
- Daniel.
- Susan?! Abri meus olhos e vi Susan, vestida, sentada ao meu lado na cama. Ela estava rindo e quando me viu abrir os olhos, disse:
- Acordou? Tava sonhando comigo, é?
- Oi? Não... Por que? - Minha cara horrorizada e vermelha denunciava que eu estava mentindo.
- Tô te chamando há um tempão e você fica repetindo meu nome cada vez que te chamo. - Ela disse em meio às risadas.
- Sério? Ah, deve ser porque você estava me chamando e aí eu respondia.

- Hum, tá bom, deve ser isso mesmo. Já é quase meio dia. Você tem que se arrumar se quiser chegar antes dos parabéns na festa do Ricardinho. - Ela falou se levantando.

- Nossa, parece que eu nem dormi!
- Eu vou preparar um café pra gente. - Ela disse antes de sair.

Sentei-me na cama. Caramba, que loucura! Foi só um sonho. Foi meio constrangedor, mas achei engraçado. Ela também tinha acabado de acordar quando foi me chamar. Quando cheguei à cozinha, depois de escovar os dentes, a mesa para o café já estava posta. Susan estava sentada à minha espera e com um olhar malicioso, perguntou:

- Então, não vai me contar o seu sonho, doutor?
- Gaguejei:

- Eu n ... eu não estava sonhando, ou pelo menos não que eu me lembre. Eu falei seu nome mesmo?

- Falou - disse ela sorrindo - pelo menos umas três vezes.

- Então deve ser porque você estava me chamando mesmo.

- Falei meio sem graça.

- Sei - disse ela, levantando uma das sobrancelhas, e nós dois rimos.

A festa seria às 14h. Depois que tomamos café, eu lavei a louça e Susan secou. Estávamos parecendo marido e mulher. Acho que os pensamentos dela estavam próximos disso quando me perguntou:

- Há quanto tempo você não traz uma mulher aqui?

- Tirando as mulheres que batem no meu carro...

-s orri para ela - faz um bom tempo. Você deve ter notado que não sou do tipo mulherengo e também sou bastante tímido para isso. Por quê?

- Ah, eu só estava pensando... que talvez pudesse estar te atrapalhando de alguma forma.

- Imagina, Susan! Adoro a sua companhia. E depois, quando que, em pleno domingo, eu iria acordar ao meio dia e ter uma linda mesa como esta, pronta para o café? Já disse a você e repito: não precisa ter pressa, pode ficar o tempo que quiser.

Foi inevitável, mas tentei não pensar que aquela pergunta que ela me fez pudesse ser um sinal de que ela também gostava de estar ali, comigo. Depois que terminamos de arrumar a cozinha, Susan foi tomar banho enquanto eu aproveitei para ligar para minha mãe.

- Oi, meu doutor preferido, lembrou que tem mãe, é?

- Eu nunca esqueço de você, mamãe.

- Mas nunca me liga, não é mesmo?

- Eu ligo sim, você que nunca atende.

- Eu já pedi para o Nicollas arrumar esse telefone, porque às vezes ele fica silencioso e só vibra, aí eu não escuto mesmo. Mas tá tudo bem com você?

- Sim, eu só queria conversar um pouco.

- Aconteceu alguma coisa, filho?

- Não, mamãe, quer dizer, a senhora lembra-se da Susan, a mulher que bateu no meu carro segunda-feira?

- Hum, claro que lembro. Acho que não foi só no teu carro que ela acertou, né. Mas vocês dois juntos são lindos. Eu mais que aprovo.

- Nossa! Está tão na cara assim?

- Eu reparei no jeito como você olha para ela, querido.

- Mas não aconteceu nada entre nós.

- Como assim? - Ela perguntou espantada - Nada, nada?

- Não, mãe. Na verdade, você é a primeira pessoa com quem estou falando sobre isso.

- Filho, eu reparei também no jeito como ela te olhava no seu aniversário. Falei inclusive para o Nick, quando fomos embora, o quanto vocês estavam apaixonados. Pensei até que vocês já estavam namorando.

- Você acha mesmo que ela também gosta de mim?

- Não apenas eu, meu filho, qualquer um que olhar para vocês dois juntos percebe o quanto estão apaixonados.

Fiz um breve resumo sobre tudo o que havia acontecido com Susan e ela me aconselhou a ter paciência e esperar o tempo dela. Mas não deveria demorar demais para falar à Susan o que eu sentia por ela. Achei que conversar com minha mãe me ajudaria, mas acabei ficando ainda mais confuso. Ter paciência para esperar, mas não demorar demais. Como eu iria saber qual seria a hora certa para falar com ela? Fui tomar banho com essa dúvida na cabeça. Pelo menos, eu fiquei mais confiante de que Susan também gostava de mim.

Faltavam poucos minutos para às duas da tarde, quando chegamos à casa de Marta, já havia alguns convidados, mas não muitos. Quando Ricardinho me viu, veio correndo na minha direção.

- Mamãe, o dindo chegou. - gritou o menino Oi, dindo. - disse ele erguendo os braços para que eu o pegasse no colo.

- E aí, carinha, como você está pesado, falei enquanto o erguia - Quantos anos você está fazendo mesmo?

- *Três* - disse ele, mostrando quatro dedos.

- Três anos? Então é assim - e abaixei o mindinho dele.

- Quem é essa moça? - Ele perguntou apontando o dedo quase na cara de Susan.

- Você não se lembra dela?

- Não.

- Essa é minha amiga, Susan. Susan, este aqui é o Ricardinho, que está fazendo... quanto mesmo?... Ah, dezoito anos, hoje!

- Não, dindo. É *três*. Um, dois, *três*.

- Então você é que é o aniversariante do dia? Parabéns!

- Disse Susan dando um beijo nele.

- Sim, sou eu. - Ele falou enquanto descia do meu colo e depois segurou a minha mão e a de Susan e continuou - Venham ver o meu bolo, é do Ben10, mas não é pra comer é só pra ver, senão mamãe vai colocar vocês de castigo, tá bom?

Depois de nos mostrar o bolo, ele saiu correndo junto com outras duas crianças. Marta e Ricardo vieram nos cumprimentar. Depois fomos falar com a Cida que já estava lá desde muito cedo, ajudando nos preparativos.

Susan ficou na companhia de Marta e Cida enquanto eu segui Ricardo até a churrasqueira onde estava, também, o filho de Cida. Ficamos ali conversando e beliscando uns pedaços de carne. Limitei-me a tomar apenas uma cerveja, pois além de ter que dirigir depois, não queria correr o risco de ficar bêbado e falar para todo

mundo o quanto eu estava apaixonado por aquela linda mulher que estava comigo.

Durante o “Parabéns”, Susan estava ao meu lado. Tiramos algumas fotos com o Ricardinho e seus pais. Depois ele foi e abriu todos os presentes. A casa agora já estava cheia de crianças de todas as idades. Os homens voltaram para perto da churrasqueira após a abertura dos presentes. Enquanto as mulheres continuaram na sala.

Fui ao banheiro e, ao passar pela sala, reparei que Susan estava muito à vontade lá. Ela conversava com todas como se as conhecesse de longa data. Depois, a casa começou a se esvaziar. Marta fazia questão de acompanhar até o portão cada convidado que se despedia e entregava uma lembrança da festa a eles.

Já com a casa mais vazia, Cida e Susan engrenaram numa longa conversa. As duas estavam sentadas no mesmo sofá e ambas concentradas na conversa. Cida era quem mais falava, enquanto Susan assentia com a cabeça e erguia as sobrancelhas. Até que os olhos dela se desviaram exatamente para os meus. Nos encaramos brevemente e ela piscou e sorriu para mim, então voltou os olhos para Cida. Logo, Marta uniu-se a elas. Os convidados já tinham ido embora e Ricardinho tinha dormido no colo do pai.

Já estava começando a anoitecer e Susan se prontificou a ajudar com a bagunça, mas as duas não deixaram ela arrumar uma almofada sequer. Mesmo assim, Susan ainda juntou toda a louça que estava espalhada pela casa, mas quando ia começar a lavar, Marta interveio e a fez largar tudo na pia. Então resolvemos ir embora.

- E aí, o que achou? - Perguntei quando entramos no carro.

- Nossa, Daniel, que pessoas maravilhosas! A Cida faz a gente se sentir em casa. E quando ela fala, traz uma paz tão grande, parece que ela enxerga a nossa alma.

- Ela é incrível mesmo. Me ajudou demais. Até quando eu já tinha desistido, ela me incentivou e me fez acreditar em mim mesmo. Devo muito a ela.

- Elas também são muito gratas a você.
- Como assim? - Perguntei com certo espanto.
- Elas me falaram as coisas que você fez.
- Que coisas eu fiz?

- Ah, sobre quando Marta falou da gravidez, o apoio que você deu a eles. Eu pensei que você fosse padrinho do Ricardinho, porque vi ele te chamar de dindo. Como você não tinha dito nada a respeito, perguntei à Cida. Ela me explicou o que aconteceu. Falou que o nome do menino é Ricardo Daniel e que foi uma homenagem do Ricardo pai em gratidão a tudo que você fez.

- Não acho que tenha feito muito. Fiz o que qualquer um faria.

- Não mesmo, na parte de não demiti-la pode até ser. Mas chamar o Ricardo e a Marta e aconselhá-los como você fez, nem todo mundo faz isso. Se preocupar com o bem-estar na vida pessoal de um funcionário. A Marta disse que o Ricardo mudou da água para o vinho, depois que você começou a falar com ele. E não é só isso. O que você fez pelo filho da Cida. Tem gente que não faz isso nem por um parente.

- Talvez não. Mas eu tento fazer o que gostaria que fizessem por mim. Quando a Cida me ligou naquela noite, falando que o filho dela, Kauê, estava preso, foi um choque para mim. Ela estava desesperada. Depois que conseguimos soltá-lo, eu precisava fazer alguma coisa para que ele não voltasse a cometer o mesmo erro. Então achei que os estudos e a educação eram o melhor caminho.

- De qualquer forma, eu fico feliz por existirem pessoas iguais a você, D-O-U-T-O-R - E sorriu para mim.

- Então foi sobre isso que vocês ficaram o dia todo conversando, sobre mim?

- Eu precisava saber um pouco mais sobre você, né! Vai que você fosse um *serial killer* e eu estivesse em perigo. Então achei melhor me certificar e não seguir apenas a minha intuição.

- Hum, e o que a sua intuição diz a meu respeito?

- Vou resumir pra você não ficar se achando, ok? Minha intuição diz que você é um cara legal.

- Nossa! Tudo isso? Um cara legal? - Falei sarcástico e ambos rimos.

Nossa deliciosa conversa foi interferida quando o celular de Susan tocou.

- Oi, Alex. - Ela atendeu.

Pelo que ela estava falando com o tal de Alex, parecia que ele tinha encontrado um apartamento para ela no mesmo prédio dele. Depois que ela desligou, ele enviou as fotos e ela me confirmou que era isso mesmo e ainda disse que iria visitar o apartamento e que, se gostasse, se mudaria no mesmo dia. Eu tentei fingir que fiquei feliz por ela, pois ela estava muito animada. Ela me mostrou as fotos quando já estávamos chegando à entrada do meu prédio.

- Parece bacana, mas olhe com calma amanhã e não precisa ter pressa, Susan.

- Eu sei, vou lá amanhã cedo. O Alex vai me esperar para ir comigo.

Subimos o elevador em silêncio. Lembrei-me de quando subimos o elevador juntos, pela primeira vez. E esta poderia ser a última. Fui carregado por um sentimento de nostalgia até chegarmos ao meu andar. Só saí do transe quando Susan quebrou o silêncio.

- Chegamos.

Depois que entramos, ela me mostrou as fotos do apartamento, agora com mais calma, e perguntou minha opinião. O apartamento era todo mobiliado e parecia bom, eu disse que tinha gostado. Mas o que eu não disse é que eu não gostava da ideia de perdê-la. Acho que ela percebeu minha tristeza, mesmo eu me esforçando ao

máximo para não parecer triste. Então ela ficou em silêncio.
Sentamo-nos no sofá em frente a TV.

Estava passando alguma reportagem, mas eu não estava prestando atenção. Meus pensamentos estavam longe. A reportagem era sobre animais na África, eu acho. Eu estava sério, concentrado em meus pensamentos, mas com os olhos na TV. Até que Susan falou rindo:

- Olha ali você! - apontando o dedo para a tela.
- Eu? - perguntei sem entender, só vi elefantes na televisão, e não sou gordo, se essa fosse a piada.
- É, você! Olha ali, é igualzinho.
- Por que você me acha um elefante?
- Olha ali, Daniel. Você emburrado com uma tromba igual a deles. - Ela disse ainda rindo.
- Eu não tô emburrado!

- Tá sim. Tá sério e emburrado. - Falou ela rindo e começou a me cutucar na barriga para que eu risse.
- Para, Susan! - disse tentando me esquivar das mãos dela

e comecei a rir.

- Então desfaz esse beijo. - e continuou me fazendo cócegas.
- Para, Susan! - falei começando a gargalhar.
- Não, não paro, não paro, não paro.
- Ah é, então você vai ver.

Ajoelhei-me no sofá e comecei a fazer cócegas nela. Mas ela não sentia e continuava a fazer em mim. Tentei segurar as mãos dela, mas não conseguia. Nós dois já estávamos rindo muito. Até que consegui segurar as duas mãos acima da cabeça dela. Ela estava deitada no sofá. Minhas duas mãos estavam travando as dela enquanto ela tentava me empurrar com o quadril. Até que ela desistiu. Fomos aos poucos parando de sorrir. Meus olhos oscilavam entre a boca e os olhos dela. Ela umedeceu os lábios e depois mordeu o lábio inferior. Na hora que fui beijá-la, meu celular tocou.

- Melhor você atender o seu celular. - Susan falou desviando o olhar.

Soltei-a e peguei meu celular que estava na mesinha de centro. Era meu irmão. Atendi, mas não consegui entender o que ele estava falando.

Levantei-me, mas não dava para entender uma única palavra. Ele estava chorando muito. Fiquei tenso na hora, pedindo para ele repetir com calma. Susan percebeu minha preocupação e ficou em pé, do meu lado. Até que Ingrid pegou o celular dele.

- Daniel, é a Ingrid. - Ela falou com a voz embargada.

- O que está acontecendo? - perguntei firme.

- É a sua mãe - senti meu coração parar de bater quando ela falou - ... ela desmaiou e a trouxemos imediatamente para o hospital. Os médicos ainda não falaram nada, mas parece ser grave, ela está em coma, na UTI...

Minha alma pareceu se desligar do meu corpo quando ouvi a palavra UTI, deixei o celular cair e fiquei paralisado, sem saber o que fazer. Susan pegou o telefone e terminou de falar com Ingrid. Fiquei tonto e me sentei no sofá. De repente, Susan já estava com um copo de água nas mãos.

- Ingrid me passou o endereço do hospital, acho melhor a gente ir pra lá. Beba um pouco que eu já volto.

Eu tentei tomar um gole, mas minha garganta estava trancada. Continuava tonto, minhas mãos tremiam, eu não conseguia me mexer. Meu corpo estava tremendo.

Susan apareceu novamente, agora ela estava com uma mala pequena. Eu olhei para ela e via-a mexendo os lábios, mas eu não conseguia ouvir o que ela estava falando. Elasegurou minha mão e me ajudou a levantar. Aquilo parecia um sonho, tudo estava em câmera lenta. Susan me puxou para fora do apartamento. Quando saímos do elevador, ela pegou meu celular e fez uma ligação rápida

e voltou a me puxar pelo braço. Susan abriu a porta do passageiro e eu entrei, ela passou o cinto de segurança por mim, abriu e fechou a porta de trás. Quando estávamos saindo do prédio, voltei a ouvir a voz dela.

- Calma, Daniel, vai ficar tudo bem. - ela disse com a voz agitada, mas suave.

Eu não conseguia falar, minha boca estava muito seca, minha garganta parecia estar fechada o que dificultava minha respiração. Susan fez outra ligação do meu celular, mas agora eu consegui ouvir. Ela falou com Ingrid, disse que já estávamos a caminho e que chegaríamos antes do amanhecer.

Minha mãe morava em Campos Novos, cidadezinha no interior a uns 480 km de onde eu moro. Ela morava na mesma casa desde quando se casou com meu pai. Meu pai morreria de câncer quando eu ainda tinha apenas 16 anos. Morreu antes dos quarenta anos, muito jovem. Eu era muito ligado a ele e nunca consegui superar direito a perda dele, mesmo com o apoio de todos meus familiares, que sempre moraram lá.

Então, quando fiz dezoito anos, fui para Florianópolis estudar e construí minha vida na capital catarinense. Mamãe nunca se casou novamente e disse que ficaria lá, onde viveu os melhores momentos de sua vida ao lado de meu pai. Sempre se recusou a vir para a cidade grande. E mesmo quando vem me visitar, fica ansiosa para voltar, detesta deixar a casa dela sozinha, onde mora com meu irmão.

Há alguns anos, minha mãe teve uma forte crise de dor de cabeça. Acreditamos que pudesse ser apenas enxaqueca, mas depois de muita insistência minha e de Nicollas, ela decidiu ir ao médico. Fizeram uma série de exames e descobriram um pequeno tumor na cabeça dela. O médico nos informou que não era possível fazer uma cirurgia, pois o risco era muito maior do que as chances de dar certo. Fez quimioterapia e radioterapia, mas o tumor continuava lá. O médico nos passou algumas recomendações e a medicação era

tomada religiosamente e o tumor se estabilizou. Ele falou, nos alertando, que ela poderia viver anos com aquilo lá ou apenas mais alguns dias.

Os anos foram passando, mamãe se cuidava e ia regularmente ao médico. As crises de dor de cabeça não apareceram mais e ela voltou a ter uma vida normal. Estava bem. Aos poucos, aquele medo de perdê-la subitamente foi deixando de nos assombrar. Mas naquela noite ele havia voltado. O vulcão outrora adormecido entrava em erupção novamente e espalhava suas lavas de medo e pavor outra vez.

Eu me senti culpado. Culpado por tê-la abandonado, ela e meu irmão, no momento em que eles mais precisaram de mim, quando meu pai falecera. Culpado por ter fugido e estado tão longe dela o tempo todo. Culpado por não insistir nas ligações até ela atender o celular. Um filme de acusações passava na minha cabeça na mesma velocidade em que as luzes dos postes refletiam no para-brisas do carro.

O medo tomou conta de mim. Medo de nunca mais vê-la sorrindo para mim. Medo de não ouvir mais a voz dela, de não poder mais abraçá-la. Lembrei das músicas que ela cantava para me fazer dormir quando eu era pequeno. Dela, que atp hoje fala: “Durma com Deus e os anjinhos da guarda. Amém Jesus, te amo”, quando me dá boa noite.

Susan havia parado num posto para abastecer e comprar algumas coisas. Quando ela voltou, eu estava chorando. Não consegui mais segurar, a represa de lágrimas se rompeu. Ela entrou no carro e me abraçou, soltou meu cinto e me puxou para perto dela.

- Calma, Dan, vamos ter fé. A gente não pode perder as esperanças. Vai dar tudo certo.

Susan tinha razão, eu não podia perder a esperança. Ela ficou abraçada até que eu me acalmasse. Só então seguimos viagem. Eu estava bem cansado pelo fim de semana intenso, mas era

impossível dormir. Cada vez que fechava os olhos, via a imagem da minha mãe num leito de hospital, com tubos de oxigênio no nariz, os olhos fechados e pálida. Não queria pensar na possibilidade de nunca mais ver os olhos, cheios de brilho da minha mãe, abertos. Estava com medo de chegar tarde demais e encontrar ela... morta. Apesar de não querer pensar no pior, essa palavra voltava a me assombrar. E eu não conseguia afastar esse pensamento. Então pedi a

Susan que me deixasse dirigir, pois assim talvez conseguisse desviar minha atenção do terror de perder a pessoa mais importante da minha vida, mas ela se recusou. Queria conseguir conversar com Susan, mas o silêncio me vencia.

Nós só nos damos conta da fragilidade de nossa vida quando a morte está muito próxima de nós.

Há dois dias, Dona Gilda estava em Florianópolis comemorando o aniversário de seu filho mais velho. Estava lá comigo cheia de saúde, cheia de vida. Senti uma vontade tão grande de voltar no tempo para abraçá-la, beijá-la e falar o quanto eu a amo. Falar o quanto eu sinto saudades de estar nos braços dela. Lembrei-me da nossa conversa na manhã de domingo, quando ela disse que aprovava se Susan se tornasse nora dela.

Quando estávamos na metade do caminho, pegamos uma chuva não muito forte. Por um instante pensei que pudesse ser um mau presságio. Susan parou num posto para tomar um café. A parada não levou mais que dez minutos. Pensei no quanto Susan também deveria estar cansada e já estava dirigindo há mais de três horas. Então assumi a direção. Eu acreditava que logo ela dormiria. Enganei-me. Mais uma vez ela me surpreendeu. A base de *Red Bull* se manteve acordada o tempo todo.

O dia ainda não tinha clareado e chovia quando chegamos à pequena cidade onde eu havia nascido. Ao chegarmos ao estacionamento da clínica, Susan soltou o cinto e pulou para o banco de trás. Em seguida me alcançou meu sobretudo, pois estava

muito frio. Fiquei impressionado por como ela pensava em tudo, inclusive no frio da Serra Catarinense.

Ao abrir a porta, senti os pingos da garoa gelada na minha mão. Susan me abraçou e jogou uma pequena coberta sobre nossas cabeças e corremos até a recepção.

Logo que entramos, Nicollas veio em nossa direção. Ingrid acordou quando ele se levantou. Ele não disse uma única palavra. Apenas me abraçou e chorou. Era a minha vez de ser forte, ficamos um bom tempo abraçados. Susan foi até onde Ingrid estava. Elas se abraçaram e depois se sentaram num sofá grande. Enrolaram-se em uma manta azul-bebê e ficaram conversando.

- Calma, Nick, - disse tentando consolá-lo - ela vai ficar bem.
- Ela estava ótima, Dan, - ele disse em meio aos soluços - foi de repente, então a trouxemos para cá.
- Vamos nos sentar. - eu disse quando ele se acalmou um pouco.

Nicollas me contou que estavam em casa por volta das onze da noite, assistindo TV. Mamãe se levantou para ir para o quarto, despediu-se dele e de Ingrid. Então ela parou, fez menção de por a mão na cabeça e desmaiou. Ele a segurou e colocou-a no sofá. Ele disse que ficou tão nervoso que não sentia o pulso dela, acreditou que ela tinha morrido. Ligaram para a emergência e logo a ambulância já estava lá, levando-os para a clínica.

- Quando eu te liguei, o médico tinha acabado de falar com a gente.
- ele me disse continuando a explicação -Falou que ela estava com coma e na UTI e que já tinha solicitado alguns exames. Eu quase desmaiei depois que ele falou comigo.

Achei curioso como eu havia me tornado forte na frente do meu irmão. Eu parecia mais calmo e tranquilo. Aquele pavor tinha ido embora. Insisti que ele e Ingrid fossem para casa descansar, mas ambos recusaram. Lembrei que precisava avisar Marta, mas então Susan me dissera que já havia feito isso logo depois de ter falado com Ingrid por telefone.

A espera por notícia era angustiante. Susan e Ingrid se aconchegaram uma na outra e cochilaram. Nicollas estava com os olhos fundos do cansaço, eu também deveria estar, mas a possibilidade de descansar simplesmente não existia.

Por volta das oito da manhã, o médico veio falar conosco. Levantamo-nos num pulo o que fez com que Ingrid e Susan acordassem.

- Olá, Nicollas! - Disse o médico, cumprimentando meu irmão.

- Bom dia, doutor, este é meu irmão Daniel.

- Bom dia. Tenho boas notícias. A mãe de vocês já saiu do coma e a transferimos para o quarto - eu e Nick soltamos um suspiro, aliviados - e também já fizemos a ressonância para verificar se teve alguma lesão ou alteração no tumor. Quando eu checar os resultados, aviso vocês. Mas podem ficar tranquilos. Ela está bem, conversando e já comeu, também.

- Podemos vê-la? - quase implorei.

- Ainda não, tenho mais alguns exames para realizar. Mas quando eu terminar, libero a visita de vocês.

- Muito obrigado, doutor. - disse Nick.

- Não por isso. Agora, se me dão licença.

O peso do mundo havia saído de cima de nós. Pela tranquilidade do doutor Walter, tudo parecia estar sob controle. Então fomos os quatro tomar café e aguardar a liberação para vê-la. Fora apenas um susto, mas que serviu para nos alertar sobre a brevidade da vida. Temos que aproveitar o hoje, o agora. Falar “eu te amo” à pessoa amada. E como bem disse o saudoso Renato Russo: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã. Porque se você parar pra pensar, na verdade não há.” É preciso fazer tudo como se só houvesse o hoje. Isso não é fácil, mas infelizmente acabamos esquecendo.

Ingrid disse a Nick que iria passar em casa para tomar banho e que não demoraria. Susan aceitou o convite dela e as duas partiram.

Quando já estávamos sozinhos, Nick me perguntou:

- E aí, o que tá rolando entre vocês?
- Não sei, acho que é um amor por acidente, mas ela ainda não sabe.
- Cara! Como você é devagar! - zombou ele.
- Ah, Nick! Não é tão simples assim, ela acabou de terminar o namoro e foi exatamente por isso que aconteceu o acidente, onde nos conhecemos.
- Vai por mim, mano. Ela também gosta de você.
- Talvez...
- Talvez? Você tá brincando, né? Ela tá na sua casa há sete dias, despencou lá de Floripa pra cá só pra te acompanhar. Quando ela olha pra você, os olhos dela brilham e você me diz “talvez”. Acho que você precisa de um terapeuta, mano. Escuta o teu irmãozinho aqui, ela tá na tua.
- Quando é que você vai crescer, hein? Ela precisa de um tempo. Ela não tinha para onde ir e veio comigo porque, nessa situação, qualquer um faria o mesmo.
- Tá bom, Dandan, só que se você demorar e perder ela pra um cara mais rápido que você, como o teu mano aqui, não vá me ligar chorando.
- Você se acha, né! - e nós dois rimos.

Na verdade, eu concordava em certa parte com ele. Eu sentia que ela gostava, mas temia que fosse pela fragilidade do momento que ela estava passando. Mas, e se aparecesse outro cara e resolvesse ajuda-la a superar isso? Eu não poderia demorar demais, pensei. Lembrei-me do dia em que ela entrou no meu quarto, quase nua e ficou lá me esperando. E se ela resolvesse beber de novo, mas dessa vez

acabasse encontrando outra pessoa? Tentei afastar esses pensamentos.

Quase duas horas depois de nossa última conversa, doutor Walter retornou e nos informou que nossa mãe já estava aguardando para nos ver.

Quando estávamos indo para o quarto, Susan e Ingrid chegaram cada uma com um buquê de flores. As duas haviam se dado muito bem desde quando se conheceram no meu aniversário. E vendo-as agora, pareciam amigas de infância.

Depois que eu e Nick insistimos, o médico acabou cedendo e permitiu que entrássemos os quatro, mas por apenas quinze minutos. Então fomos os quatro andando pelos corredores da clínica até o quarto, como dois casais.

Mamãe estava na cama, numa posição entre deitada e sentada. Muito diferente de como eu a havia imaginado durante a viagem. Parecia ótima e estava, graças a Deus, cheia de vida.

- Meu Deus, vocês é que deviam estar nesta cama, olhem a cara de vocês. - mamãe disse quando entramos.
- Que belo susto a senhora nos deu, hein, Dona Gilda.
- eu disse beijando-a.
- Foi o jeito que achei para fazer você vir, menino da mamãe.
- Da próxima vez, - disse Nick - a senhora me avisa que eu vou busca-lo.
- Eu e Susan trouxemos para a senhora, Dona Gilda.

- disse Ingrid - Que bom que a senhora melhorou.
- Ih, minha filha, esperança e sogra são as últimas que

morrem. E eu ainda preciso que o Daniel arrume uma noiva para mim também. - Minha mãe disse e deu uma piscadinha para Susan, que ruboresceu.

Ficamos mais do que os quinze minutos que o médico tinha determinado. Fiquei muito feliz por ver mamãe tão bem. Mas ainda estava preocupado, queria entender o que poderia ter causado o desmaio. Saímos quando uma jovem enfermeira nos expulsou do quarto, em tom de brincadeira, dizendo que mamãe precisava descansar.

Depois que o médico nos informou que ela precisaria ficar em observação por mais algumas horas, nós quatro fomos para casa. Estávamos exaustos e precisávamos descansar. Fazia muito tempo que eu não morava mais lá, mas mamãe estava certa quando dizia que lá seria sempre a minha casa.

Era uma casa grande no fundo do quintal, lembrei-me de bons momentos que vivi lá, enquanto entrava pelo portão. Antes da morte do meu pai, a casa vivia cheia de gente. Meus amigos do colégio, os colegas do Nick. Sempre tinha algum agregado lá. Nós adorávamos o café da tarde, sempre com pão fresquinho, que ela assava durante a semana. No final de semana, a família toda se reunia para almoçar. Uma enorme mesa do lado de fora, improvisada com tábuas e cavaletes, muita carne e cerveja. Papai era o contador de piadas, estava sempre caçoando alguém. Tinha uma presença marcante e falava alto, sempre com um copo de cerveja na mão.

Depois que o perdemos, as festas diminuíram, mas nas datas importantes, a casa se enchia novamente e nesses encontros era inevitável não sentir a falta do grande Maneca, apelido carinhoso do meu pai, Emanuel.

Logo que entramos em casa, Nick foi tomar banho, enquanto Ingrid se encarregou de fazer sala para Susan mostrando nossos álbuns de fotografias. Serviço esse que, certamente, seria da minha mãe se ela estivesse em casa. Como todo álbum de família, o nosso também estava cheio de fotos constrangedoras e que, pelo visto, Ingrid já tinha decorado a história de cada uma delas, de tanto ouvir mamãe contando. Fotos minhas e de Nick pelados, quando éramos crianças, ou chorando por esse ou aquele motivo.

Ingrid e Nick ainda não eram casados, mas ela passava mais tempo lá do que em sua própria casa. Ela foi a primeira namorada que Nick levou a sério. Já haviam se separado algumas vezes, pois Nick demorou um pouco para entender o significado da palavra “fidelidade”. Depois de se divertirem às minhas custas, Ingrid mostrou um dos quatro quartos e todos fomos descansar.

Acho que Susan foi a primeira a acordar, ou talvez nem tenha dormido, pois quando eu levantei, ela estava na sala, sentada no sofá e escrevendo em sua agenda. Ficou surpresa quando me viu.

- Muitos compromissos, doutora Susan?

- Nem tanto, senhor Daniel. - disse ela fechando a agenda - Só quarta-feira, que tenho uma audiência. Caso sua mãe não volte para casa até amanhã, terça tem um voo que sai de Lages às 18h.

- Desculpa ter de arrastado pra cá.

- Eu que te arrastei, lembra? E depois, eu adorei sua mãe quando a conheci e você já fez tanto por mim. Então, não me agradeça. - ela falou sorrindo.

- Sabe, Susan, às vezes não acredito que só faz uma semana que nos conhecemos.

- Eu também tenho a impressão de que te conheço há tempos. Tornamo-nos tão próximos em tão pouco tempo, é estranho, mas é muito boa nossa amizade.

Essa última palavra desceu quadrada para mim, mas concordei. Conversamos mais um pouco e depois fui acordar Nick e Ingrid para irmos almoçar. Almoçamos no restaurante do meu tio Samuel, irmão do meu pai. Ele estava muito preocupado com o que tinha acontecido com mamãe e ficou aliviado com a melhora dela.

Ali Susan conheceu uma boa parte da minha família, pois o nepotismo era de, literalmente, saltar aos olhos. A grande maioria dos funcionários eram meus parentes e quase todos tinham os olhos

azuis iguais ao meu tio. Eu era um dos poucos que tinha os olhos escuros.

Quando voltamos ao hospital, doutor Walter nos disse que se tudo corresse bem, mamãe poderia voltar para casa às 18h, pois todos os exames estavam normais. Já eram mais de três horas da tarde, então, depois que demos a notícia a ela, Nick levou Ingrid e Susan para casa e eu fiquei sozinho com minha mãe.

Aproveitei para me desculpar pela minha ausência, por tê-la deixado depois que papai faleceu e por tudo que estava fazendo com que eu me sentisse culpado. É claro que ela disse que eu não tinha culpa de nada. Eu chorei e deitei minha cabeça no colo dela enquanto ela alisava meus cabelos e dizia o quando se sentia orgulhosa de mim. Disse que meu pai se orgulharia muito do homem que eu tinha me tornado e que sempre que me olhava, via o reflexo do meu pai.

Mamãe tinha uma sabedoria que sempre me chamou atenção, sempre com as palavras certas, na hora certa. Fazia muito tempo que não conversávamos tanto como foi naquela tarde. Estava ótima nossa conversa, mas ficamos ainda mais felizes ao deixar a clínica.

Quando chegamos em casa, tivemos uma surpresa: além de todos nossos parentes estarem lá, nossa casa estava decorada com balões e um grande cartaz “Seja Bem-vinda!”. Não apenas mamãe, mas todos se emocionaram, afinal ela havia nascido de novo. Dona Gilda estava lá, firme e forte e ao seu redor toda nossa família.

Antes das nove da noite todos já haviam ido embora, afinal de contas a semana estava apenas começando. Não posso deixar de falar que todos adoraram Susan. Gostei de ouvir os comentários e elogios que fizeram a respeito dela. Todos pensaram que éramos namorados. Tio Samuel fez questão de dizer à Susan que desta vez eu tinha acertado e que ela sim, era a mulher certa para mim. Eu tentei explicar que éramos somente amigos, ele parecia não me entender e nos deixou envergonhados.

No dia seguinte acordamos cedo. Expliquei para minha mãe que precisava retornar a Floripa depois do almoço. Ela não gostou nenhum pouco da ideia, mas compreendeu e me fez prometer tirar umas férias logo e passar pelo menos duas semanas ali, com ela.

Então, depois do delicioso almoço que mamãe fez questão de preparar, nos despedimos.

- Dona Gilda, foi um prazer enorme vir na sua casa. Eu nunca me senti tão bem recebida quanto fui aqui. - disse Susan.
- Olha, minha filha, a gente não tem muito luxo aqui, mas você pode voltar sempre que quiser.
- Olha que eu volto mesmo, hein!
- Mas é pra voltar mesmo. E, por favor, cuide bem do meu menino naquela cidade grande.
- Mãe! - eu falei franzindo a testa.
- Ele é quem está cuidando de mim, Dona Gilda. A senhora deve ter muito orgulho dos seus filhos.
- Obrigada, Susan, fiz o melhor que pude e não é que deu certo?!
- Ok, ok, ok, mamãe, fica com Deus. eu disse enquanto a beije.
- Deus acompanhe vocês e vê se vai devagar, Daniel. Avise-nos quando chegarem.

Despedimo-nos de Nick e Ingrid e partimos. Nunca nenhuma namorada minha tinha sido aceita como Susan foi por minha família e ela nem era minha namorada.

Apesar de ter tido uma boa noite de sono, quando parei para abastecer comprei alguns energéticos, pois a viagem seria longa e eu ainda estava com o cansaço acumulado. Susan também demonstrava sinais das noites mal dormidas, estava começando a ficar com pequenas olheiras que se destacavam em sua pele clara em volta dos olhos. Já estávamos há mais de uma hora na estrada quando fiz uma pergunta à Susan, mas ela não respondeu, olhei para o lado e ela já estava dormindo. A viagem foi uma batalha constante contra o sono, mas eu venci com a ajuda dos energéticos.

Susan só acordou quando tive que parar o carro na fila por causa de um acidente que havia acontecido. Estávamos à uma hora de casa, porém levamos duas horas devido a este acidente.

Quando estávamos na ponte que dá acesso à Ilha, Susan recebeu uma ligação. Era Alex, perguntando quando ela iria ver o apartamento. Meu coração ficou acelerado de repente. Senti que precisava falar com ela sobre o que eu estava sentindo. Mesmo que ela me desse um fora ou me dissesse que precisava de um tempo porque tinha acabado de sair de um relacionamento, o que eu entenderia facilmente. Independente de tudo isso, ela precisava saber. Fiquei mais ansioso quando vi o jeito que ela falava com ele, pareciam tão íntimos. Decidi que não esperaria mais, assim que chegássemos ao prédio eu iria falar tudo o que eu estava sentindo por ela e que eu saberia esperar o tempo dela. Ela desligou o celular quando entramos na garagem.

- Ele quer que eu vá hoje mesmo ver o apê, sabia?

-f alou Susan.

- Eu disse que não precisa ter pressa, é melhor escolher com calma, Susan.

- Eu sei, vou amanhã ao fim da tarde, a chave já está com o Alex.

Entramos no elevador e meu coração batia descompassado, minhas mãos suavam. Susan apertou o número oito. “Tem que ser agora”, falei para mim mesmo.

- Susan, eu preciso te falar uma coisa.

Ela me olhou nos olhos enquanto as portas do elevador se fechavam e disse:

- Pode falar... - então as portas do elevador se abriram novamente, ainda na garagem.

- Bem na hora hein, Daniel. - disse o senhor Pacheco, contente por não perder o elevador.

- Bem na hora mesmo, Seu Pacheco. - eu disse sem conseguir disfarçar minha frustração.

Ele apertou o número nove e subimos o ouvindo reclamar do característico vento sul de Florianópolis que gelava a alma. Eu e Susan nos entreolhamos e sorrimos.

Quando coloquei a chave na porta do meu apartamento, ouvi o som da TV ligada e disse:

- Acho que deixamos a TV ligada.
- Não pode ser, eu me lembro de ter desligado tudo antes de sair.

Abri a porta e além da TV, todas as luzes também estavam acesas. Eu e Susan nos olhamos achando estranho. Encolhi os ombros e sorrimos. De repente uma voz grita do quarto:

- Dani..., é você?

Na hora eu reconheci aquela voz, mas não consegui acreditar. Era impossível. Pensei que pudesse estar tendo algum tipo de alucinação por conta do cansaço dos últimos dias. A terrível confirmação de que era real não tardou a aparecer. Certamente eu fiquei pálido na hora que a vi sair do quarto enrolada numa toalha e com outra nos cabelos.

- Oi, Dani, que susto!
- O que você está fazendo aqui? - disse rispidamente.

- As roupas que estão no seu quarto são dela? - ela perguntou sem se dar ao trabalho de me responder e analisando Susan dos pés a cabeça.

- Eu não te devo explicação da minha vida desde que... você sabe muito bem desde quando.
- Nossa, calma, Dani! Você não vai nos apresentar?
- Esta é Susan, Susan esta é Michelle, minha ex...
- Sou a noiva dele - me interrompeu Michelle.
- Você não é minha noiva!
- Oi, Michelle, prazer. Eu vou deixar vocês a sós, Daniel.
- Susan falou olhando para mim.
- Não! - protestei - Ela que vai embora...

- Tudo bem, Daniel, vocês devem ter muito o que conversar. - Susan me disse sorrindo.

Fiquei sem qualquer tipo de reação, eu estava furioso. Susan pegou as chaves do carro dela e disse que iria ver o apartamento e que eu não precisava me preocupar.

Não dá para definir em palavras o que eu estava sentindo. Aquela mulher só de toalhas dentro do meu apartamento, não consegui entender o que ela estava fazendo lá e nem o que ela poderia querer. Não dava para acreditar no que meus olhos estavam vendo, muito menos depois de tudo que ela tinha feito.

Há pouco mais de dois anos, eu e Michelle estávamos juntos e muito felizes. Tudo ia bem, estávamos colhendo os frutos de nossas realizações e ela sempre do meu lado. Ela era uma mulher linda, sua beleza chamava a atenção aonde quer que ela fosse. Durante nosso namoro de sete anos, foram raras as vezes que brigamos. Apesar de não morarmos na mesma casa, estávamos sempre juntos. Saíamos bastante, nos divertíamos muito. E nossas férias, sempre dedicávamos pelo menos uma semana para conhecer lugares diferentes juntos. O amor, o respeito e a fidelidade eram os alicerces de um belo relacionamento. Nunca desconfiei dela e nunca passou pela minha cabeça traí-la.

Então eu decidi fazer um curso de especialização. Precisaria ficar dois meses em São Paulo. Como já estávamos pensando em nos casar, a ordem era economizar. Conversamos e achamos que seria um gasto muito alto se eu voltasse todos os finais de semana. Até porque eram apenas dois meses e certamente passaria rápido. Fiz minha matrícula, reservei o hotel, comprei a passagem e fui para São Paulo com o coração apertado por ter que deixá-la. Ela me levou no aeroporto e chorou bastante depois que eu entrei na área de embarque. Enquanto a aeronave taxiava no pátio para chegar até a pista de decolagem, eu pude vê-la na janela do segundo andar. Liguei para ela e ela ainda chorava, ficamos falando até a comissária me pedir para desligar o telefone.

Durante o período do curso, nos falávamos todos os dias pelo FaceTime. Ficávamos até bem tarde da noite conversando. Enquanto eu não estava no curso, ou eu estava pensando nela ou falando com ela. Na minha última semana em São Paulo, decidi que a pediria em casamento quando retornasse. Já fazia um bom tempo que eu queria casar com ela, mas queria ter dinheiro para fazer uma linda festa de noivado e para preparar uma grande cerimônia. Afinal, ela merecia o melhor.

Ainda em São Paulo, aproveitei para, na minha última semana, comprar o anel de noivado. Mande fazer um anel sob encomenda, que era muito lindo e me custou os olhos da cara. Ficou pronto no meu último dia lá e quando eu o vi, fiquei maravilhado com tamanha beleza. Decidi não avisá-la que estava voltando, pedi que Marta fizesse duas reservas no melhor restaurante de Florianópolis, onde tinha sido o lugar no qual a pedi em namoro. Aluguei um carro de luxo com motorista e mandei uma mensagem para ela.

Se arrume para uma noite muito especial, um motorista irá buscá-la às 19h30. Te amo pra sempre, sempre.

Disse ao motorista para ele chegar às 20h. Enquanto eu cheguei às 19h40. Escolhi o melhor champanhe, conferi novamente o anel e fiquei imaginando-o no dedo dela. Estava tudo pronto, mãos suando, coração acelerado. Então a vi entrando, deslumbrante, num vestido longo, cor de vinho e cheio de pedrinhas brilhantes com um belo decote na frente, muito sensual, mas sem mostrar muita coisa. Fiquei com a autoestima lá em cima vendo a mulher mais linda do salão vindo em minha direção.

Fiquei em pé, esperando-a. Dei um longo abraço dela que estava visivelmente emocionada. Eu estava morrendo de saudades. Beije seus lábios, puxei a cadeira para ela se sentar e depois me sentei. Abri o champanhe e tomamos. Conversamos sobre nossos últimos dias, então tomei mais uma taça para criar coragem.

- Amor, eu te trouxe aqui e falei que esta seria uma noite especial. Há sete anos eu não podia imaginar que este dia chegaria. Confesso que demorei, mas não por falta de vontade. Faz muito tempo que venho planejando e sonhando com este momento, - percebi que os olhos dela se encheram de lágrimas, os meus também e minha voz ficou embargada -eu tive que ter paciência para esperar o momento certo. Durante esses sete anos, eu não conheci apenas a mulher maravilhosa que você é, eu conheci a mim mesmo, e percebi que a minha felicidade está aonde você estiver. Estes últimos dois meses me fizeram ter certeza de que eu nunca mais quero passar um dia sequer sem ter você ao meu lado...

Fiz uma pequena pausa para pegar a caixinha no meu bolso. Ela já não conseguia mais conter as lágrimas, eu também estava muito emocionado por estar vivendo aquele momento tão esperado que eu havia passado noites em claro imaginando.

- ... De hoje em diante, quero ter você para sempre, sempre na minha vida. Michelle, você aceita se casar comigo?

Acredito que todo mundo sonha com esse dia. Dá um medo, um frio na barriga e a gente não sabe como será. Imaginamos mil coisas que podem acontecer. Mas eu nunca, nem nos meus piores pesadelos, poderia imaginar o que aconteceu depois. Quando comecei a falar a última frase, Michelle começou a balançar a cabeça e eu pensei que a negação dela era por não acreditar no que estava acontecendo. O que é normal, pelo menos eu achava que fosse.

Acontece que quando terminei a frase ela se levantou aos prantos da mesa e saiu correndo. Levantei-me para ir atrás dela, mas tive que pagar a conta antes. Quando abri a porta do restaurante, já era tarde demais, ela estava entrando num táxi. Tentei alcançá-lo, mas ele saiu cantando pneus. Fiquei atônito. Olhei em volta e todos estavam me olhando, pasmos com a cena que acabaram de presenciar.

Fui para o meu carro sem conseguir entender o que estava acontecendo. Liguei para o celular dela e chamou até cair, na segunda tentativa, foi direto para a caixa postal. Só então eu vi que havia uma mensagem no meu correio de voz. Ela tinha me mandado enquanto eu ainda estava no voo. Ela dizia chorando que precisava muito conversar comigo, algo tinha acontecido. Talvez esse “algo” explicasse a reação dela. Tentei ligar durante a madrugada, fui até a casa dela, mas ela havia sumido. Passei a noite em claropensando no que poderia ter acontecido.

No dia seguinte, acordei perto do meio dia. Quando saí do quarto, a vi sentada no sofá da sala. Vestida com a mesma roupa, pálida e com a maquiagem borrada pelas lágrimas que ainda escorriam. Provavelmente ela tinha passado a noite toda em claro.

- O que aconteceu, amor? Por que você saiu daquele jeito? Tá tudo bem?

- Me perdoa, Dani, era tudo que eu mais queria, - disse ela, chorando ainda mais - mas eu não posso aceitar.

- Como assim?! Não pode, Chelly?

- Eu... Dani, eu não posso. Porque... - breve pausa e continuou - porque eu estou grávida.

Achei estranha a reação dela, porque ela sempre soube que eu era louco para ter um filho. Isso não seria um problema para mim.

- Mas isso é ótimo, meu amor. - falei abraçando-a.

- Você não está entendendo, Dani.

- Calma, Chelly!

- Dani, - quase não dava para entender o que ela dizia em meio aos soluços - eu estou grávida... grávida de um mês. Eu descobri ontem.

Sou péssimo em matemática, mas foi fácil fazer as contas. A gravidez só poderia ser um problema nesse caso. Mas mesmo percebendo toda a angústia dela, jamais poderia imaginar que fosse por isso. Grávida de um mês. Eu não quis perguntar de novo,

porque já tinha entendido muito bem. E tudo fez sentido. A reação dela quando balançou a cabeça no restaurante era um pedido para que eu não terminasse aquela frase.

Sentei-me no sofá com as mãos na cabeça sentindo um vazio tomar conta de mim. Fiquei sem chão. Foi uma dor tão grande. Eu não queria ter ouvido aquilo. Mais do que isso, eu não merecia estar vivendo aquilo. Ela estava no outro sofá, abraçando os joelhos e chorando.

- Eu vou sair e quando eu voltar não quero mais nada teu aqui dentro. - disse friamente depois que levantei.

- Dani, não faz isso, por favor, vamos conversar,
-e la disse agarrando minhas pernas - por favor, Dani. Eu te amo.

- Michelle, me solta. Eu não tenho nada pra falar com você, sua...
Por favor, Michelle.

Não me lembro de ter sentido tanta raiva quanto senti aquele dia. Peguei meu carro e dirigi até a Beira-Mar, estacionei e depois caminhei até o trapiche. Sentei-me no chão com os pés suspensos e fiquei um bom tempo lá. Voltei para casa no final da tarde, o céu estava rosado iniciando o crepúsculo. Ela já não estava mais lá. As poucas coisas que sobraram eu as coloquei numa caixa e entreguei ao Seu Rubens.

No dia seguinte, o Felipe, meu melhor amigo, foi na minha casa. Nós nos conhecemos na faculdade. Estudamos juntos até a formatura. Éramos unha e carne. Ele certamente seria meu padrinho de casamento. Eu comecei a contar o que tinha acontecido, o que não pareceu espantá-lo. Ele me falou que sabia e, pior ainda, ele era o pai da criança. Fiquei transtornado, ele me implorou por perdão, disse que estavam bêbados e que tinha acontecido só aquela vez. Não sou um homem violento, mas foi mais forte do que eu. Dei um soco na cara dele e coloquei-o para fora. Se outra pessoa tivesse me falado eu nunca acreditaria, Felipe era o pai do filho que Michelle estava esperando.

Depois daquele dia, nunca mais vi nenhum dos dois. Fiquei sabendo que Michelle acabou perdendo o bebê um ou dois meses depois e que Felipe e ela nunca chegaram a ficar juntos outra vez. Foi muito difícil para eu suportar tudo aquilo. Não consegui namorar, nem me interessei por outra mulher, até conhecer Susan.

E agora Susan tinha saído do meu apartamento e me deixado a sós com Michelle.

- Como você entrou e o que você está fazendo aqui, Michelle?

- Desculpa ter vindo sem avisar, Dani. Eu ainda tenho a cópia da chave. Fiquei sabendo sobre a sua mãe, precisava saber como você estava e então vim pra cá. Como você não estava, eu resolvi te esperar.

- Tudo bem, minha mãe já está melhor e em casa. Obrigado pela preocupação, agora você pode ir embora.

- Nossa, Dani! Não precisa me tratar assim. Nós temos uma história, foram sete anos juntos.

- Nós tínhamos uma história e você jogou-a no lixo, -disse interrompendo-a - agora, por favor, se vista e vá embora.

Eu a havia amado muito e ter sido traído daquela forma machucou-me demais. Acabou com minha autoestima e feriu meu ego. Ninguém gosta de ser traído, nem trocado. Então, por isso e por tantos outros motivos, eu fiquei balançado quando a vi. Foram dois anos sem vê-la. E agora ela parecia estar mais linda ainda.

Logo depois que tudo aconteceu, por várias vezes pensei em perdoá-la. Sempre que ela ligava, eu sentia uma vontade enorme de atender. Depois ficava ouvindo os recados de voz que ela me deixava. Foi uma luta intensa dentro de mim para esquecê-la e confesso que muitas vezes eu quase perdi. Eu sentia que nós nos amávamos e que ela poderia estar falando a verdade quando me dizia que o que tinha acontecido não significou nada para ela, que só aconteceu porque eles tinham bebido e que ela estava carente, sentindo muito a minha falta e

acabou se deixando levar. Mas não havia a possibilidade de perdoá-la com ela esperando um filho de outro. Depois que ela perdeu o bebê, tentou me procurar, mas eu sempre fugi. Sabia que se eu a encontrasse, talvez não fosse forte o suficiente e aquele amor que eu tinha engarrafado e escondido dentro de mim ressurgiria.

- Tá certo, Dani, você tem razão. Vou me vestir e sair da sua casa. - ela falou tão triste que me senti culpado por ter sido tão rude com ela.

Fiquei esperando ela voltar, sentado no sofá. Eu já não sentia mais tanta raiva dela, mas não podia demonstrar.

- Faz tempo que vocês estão juntos, Dani? Você e aquela mulher? - ela perguntou quando voltou.

- Ela..., ela é apenas uma amiga, Michelle.

- Você não precisa mentir, Dani. O nosso quarto... quer dizer, o seu quarto está cheio de roupas dela. Tem duas escovas de dente no banheiro. Pode falar a verdade.

- Olha, Michelle, eu não quero ser ignorante, mas ... a minha vida não te diz mais respeito. Você foi muito sádica comigo. Poderia ter me dito o que tinha acontecido, mas esperou eu te pedir em casamento. Talvez se você não tivesse engravidado eu nem ficaria sabendo.

- Não é verdade, Dani. Eu queria ter dito antes, logo que aconteceu. Me senti muito culpada, pensei em ir pra São Paulo no outro dia, mas não podia atrapalhar você. Então esperei você voltar...

- Você não precisa se explicar, Michelle, já passou.
-interrompi-a.

- Preciso sim, Dani. Você nunca quis me escutar. Me evitou esse tempo todo. Estou a dois anos esperando pra ter essa conversa com você.

- Nós não temos nada pra conversar, Michelle.

- Temos sim, Dani. Eu sei que o erro que eu cometi talvez não tenha perdão. Eu mesma não me perdoei por ter te feito aquilo. Senti raiva e nojo de mim mesma. Não consigo entender como pude fazer isso com você... com a gente. Você sempre foi o homem da minha vida e eu te amo desde a primeira vez que te vi na sala da faculdade. Tenho guardado os bilhetes que você me mandava e as coisas que você escrevia no meu caderno.

“Todo esse tempo eu fiquei sozinha e eu sei que você também ficou ou, pelo menos, estava até essa mulher aparecer. Foi horrível tudo o que eu passei, não foi fácil suportar sozinha o que aconteceu. Mas eu não fiquei um dia sequer sem pensar em você, sem sentir a sua falta. Você foi o único homem que eu amei e eu sempre vou te amar, Dani. Tenho esperança de que um dia você perceba o quanto eu te amo e que aquilo foi só um erro. Sim, foi um erro muito grave, mas todos nós estamos sujeitos a cometer erros e eu paguei um preço muito alto pelo erro que cometi. Por pior que tenha sido como as coisas aconteceram, dói demais perder um filho. Às vezes me culpo por ter sofrido aquele aborto, pensando que talvez eu não fosse capaz de amar aquele anjinho como ele merecia ser amado. Bom, Dani, de qualquer forma, eu entendo e vou respeitar sua decisão. Quero que você saiba que pode contar comigo sempre que precisar e que eu te amo muito. Mande um beijo à Dona Gilda e ao Nick por mim. Até mais, Dani.

Ela caminhou na minha direção e me deu um beijo no canto da boca. Não consegui me mexer, nem dizer nada. Meu corpo estremeceu quando ela me beijou.

Michelle parecia estar sendo sincera, dava para sentir a tristeza na voz dela. Apesar das circunstâncias, deve mesmo ter sido muito difícil para ela ter perdido o bebê, mas eu não podia ser condescendente com ela. Se eu abaixasse a guarda por um único instante, poderia ser nocauteado. Então permaneci em silêncio e sem encará-la nos olhos. Quando ela abriu a porta para sair eu disse:

- Michelle. - ela olhou rapidamente para mim.
- Oi, Dani.
- Sua bolsa. - eu disse segurando-a na mão.
- Ah! Obrigada.

Foi muito difícil vê-la passando por aquela porta. Estar tão perto dela e ouvir tudo o que ela me disse me deixou pensativo, para não dizer confuso. Eu não tinha dúvida de que estava apaixonado por Susan, mas eu e Michelle tínhamos passado tanto tempo juntos. Foram tantos planos, tantos sonhos. E tudo acabou tão de repente. Não sei se sou só eu, mas é tão difícil esquecer alguém que tanto se amou. Resolvi ligar para Susan para saber onde ela estava.

- Oi, Daniel.
- Oi, Susan, onde você está?
- Estou na lanchonete, tomando um café.
- Nessa aqui perto de casa?
- Sim.
- Posso ir aí com você?
- Claro, vou pedir um pra você também.
- Beleza, daqui a pouco chego aí.
- Tá bom, beijo.
- Beijos.

Desci e fui caminhando, pensando nesse turbilhão de emoções que eu estava sentindo, um pouco mais de cinco minutos e eu encontrei Susan.

- Pedi um café com leite e chantilly pra você.
- Obrigado.
- E então, como foi? - perguntou Susan.
- Sei lá, foi estranho.
- Desculpa eu me meter, mas você ainda sente alguma coisa por ela?

- Não, mas vê-la me fez lembrar tudo o que aconteceu. Nós não tínhamos conversado mais. Aliás, nós nunca conversamos sobre o que aconteceu.

- Ela gosta de você ainda?
- Não sei.
- Por que vocês se separaram? Conte a história toda à Susan e me senti melhor depois. Nossas histórias eram tragicamente semelhantes.
- Nossa, só faltou a vaCamilla estar grávida e a Michelle me dar um soco. - brincou Susan quando terminei.
- É, acho que você tem mais sorte do que eu. - e nós dois rimos.

Quando eu e Susan estamos conversando entramos numa realidade paralela, pois em apenas dez minutos já havia se passado mais de uma hora de conversa. Então voltamos para o apartamento e logo fomos dormir. Dormir não era exatamente a palavra certa, pois o café acabou me tirando o sono. Acabei ficando acordado, dando espaço aos meus pensamentos em Susan, mas Michelle se fez presente neles também.

Sinceramente, eu acho que nunca vou ter coragem de perdoar o que Michelle havia me feito, mas ouvir tudo que ela me disse, vê-la arrependida no meu apartamento e dizendo que ainda me amava foi algo que reavivou meus pensamentos. Nos últimos dois anos eu não tinha me envolvido sério com ninguém, pensava muito nela, foram muitas noites sem dormir. Acho que se ela tivesse aparecido antes no meu apartamento, como fez naquela noite, talvez, eu disse talvez, eu a tivesse perdoado. Por sorte ela nunca fizera isso, deve ter sido por vergonha, pois sabia o quão grave tinha sido o erro dela e o quanto ela tinha me magoado com aquele “deslize”. Acabei dormindo pensando em todas as suposições dos “E se...”.

Fui acordado pelo “James Phone” ao som da música tema do filme “Missão Impossível”. Afinal estava se tornando uma missão quase impossível meu celular me acordar. Achei que com essa música ele ou eu ficaria mais animado pela manhã. Acho que funcionou para ele, mas quanto a mim, eu estava mais para “The Walking Dead”. Parecia um zumbi espumando pela boca enquanto escovava os dentes.

Estava preparando o café quando Susan chegou à cozinha. Ela parecia ter saído do mesmo filme que eu. O cansaço estava estampado no rosto dela, mas mesmo assim continuava tão linda quanto na noite anterior e vê-la me encheu de energia.

- Bom dia, flor do dia!
- Bom dia, Daniel. - ela disse com o sorriso mais lindo que eu já vi.
- Dormiu bem?
- Quase não dormi esta noite, muita coisa na cabeça. Também fiquei conversando com o Alex até tarde.
- Hum. - foi o que eu consegui responder.

Durante o café, Susan comentou que depois da audiência iria ver o apartamento com Alex e, se gostasse, fecharia o contrato no mesmo dia. Apesar de ficar triste por saber que logo ela iria embora, eu entendia a pressa de Susan. Por melhor que seja a companhia e a hospitalidade, a casa dos “outros” nunca será a “nossa”. E mesmo com a impressão de conhecê-la há muito tempo, a verdade é que nos conhecíamos há pouco mais de uma semana. Ela devia sentir falta de sua privacidade e de ter a sua casa. Então decidi que deveria esperar que ela encontrasse uma casa primeiro para poder falar tudo que eu estava sentindo, sem que ela ficasse pressionada.

A volta ao trabalho foi agradável, mesmo tendo ficado pouco tempo fora, algumas coisas haviam se acumulado e eu tirei o dia para resolver as pendências acumuladas e deixei as consultas para o dia seguinte. Marta tinha cuidado da minha agenda como eu havia pedido.

Durante o almoço, conversei com Cida sobre o que havia acontecido na noite anterior. Ela conhecia minha história com Michelle, mas nesse caso não quis me dar qualquer conselho. Disse apenas para que eu tomasse cuidado e que, às vezes, coisas que parecem que aconteceram, na verdade não aconteceram e que eu deveria prestar muita atenção. Fiquei sem entender muito bem o que ela quis dizer, ela parecia estar falando do futuro. E quando eu perguntei o que aquilo significava, ela me disse que já tinha

faladod demais. Fiquei pensativo, mas satisfeito por ter desabafado com ela.

Quando eu estava saindo do consultório, Susan me ligou. Disse que tinha gostado do apartamento, que só faltava um microondas e que o proprietário era um senhor muito amável que só aceitou o dinheiro do aluguel adiantado depois de muita insistência dela. O que nos dias de hoje é raro de acontecer. Ela já tinha assinado o contrato e pego suas roupas no meu apartamento. Fiquei triste por saber que eu chegaria em casa e estaria sozinho de novo. Ela falou que me devolveria a minha chave no dia seguinte e depois que tivesse arrumado tudo me levaria lá para eu conhecer a nova casa dela. Percebi que ela não estava sozinha enquanto falava comigo, mas preferi não comentar. Afinal, deveria estar com seu amigo e agora vizinho, Alex. De qualquer forma, dei os parabéns a ela e combinei de aparecer lá no fim do dia seguinte para conhecer. Achei uma boa oportunidade para falar tudo para ela.

Quando cheguei em casa, fui direto para o quarto onde ela havia ficado. Ela tinha levado tudo, melhor dizendo, quase tudo. O cheiro do perfume dela tinha ficado. Deitei-me na cama, sentindo o perfume dela e fiquei lá até o meu olfato se acostumar com o cheiro, fazendo com que eu me acostumasse com o aroma e parasse de senti-lo. Pensei no quanto ela tinha feito diferença na minha vida e em tão pouco tempo. Ela tinha preenchido um vazio de anos, em apenas poucos dias. Agora eu estava lá, no quarto que fora dela por um breve período e que nunca mais seria meu, pois toda vez que entrasse nele me lembraria dela. Achei engraçado quando pensei que deveria ter oferecido o outro quarto a ela.

De repente meus pensamentos foram interrompidos pelo toque do meu celular. Corri para atender pensando que fosse ela, mas me frustrei quando reconheci aquele número. Resolvi não atender, pois não queria falar com ela. Michelle ainda insistiu mais quatro vezes antes de desistir. Deixei o celular jogado no sofá e fui tomar banho. A noite estava fria, o vento assoviando na janela do meu quarto dava melodia à tristeza que tocava no meu coração. Quando estava

escovando os dentes, vi um par de brincos em cima da pia do banheiro. Sorri e depois os guardei com carinho na gaveta da cômoda ao lado da minha cama. Era um pedacinho de Susan que havia ficado para trás.

Acordei na quinta-feira antes do horário, o que foi ótimo, pois meu celular estava sem bateria novamente. Era o sinal de que deveria aposentar de vez o “James Phone”. Deixei para fazer isso no intervalo do meu almoço. Acho que é o melhor horário para fazer esse tipo de compra. Tem menos vendedores nas lojas e eles parecem mais honestos quando estão com fome.

Almocei rápido e o dia pareceu passar mais rápido ainda. Apesar de ter sido um dia cheio, eu estava animado por poder rever Susan e ansioso para contar tudo para ela.

Depois de fechar o consultório, corri até uma floricultura e comprei um buquê de rosas para Susan. Fiquei em dúvida sobre qual cor escolher, vermelhas ou rosas. Optei pelas vermelhas, afinal eu ia aproveitar para me declarar de uma vez por todas a ela.

Entrei no carro e coloquei as rosas no banco do passageiro e abri o porta-luvas para guardar o recibo. Vi que alguma coisa caiu no chão, acendi a luz para ver o que era. Era a agenda de Susan. Como tinha caído aberta, acabei lendo a página e vi que era uma espécie de diário, então fechei e deixei junto com as flores. “Quer dizer que não era uma agenda, era um diário”, pensei. Fiquei morrendo de curiosidade para saber o que ela tanto escrevia nos últimos dias, queria saber se ela tinha escrito alguma coisa sobre mim, mas decidi não invadir a privacidade dela. Antes que eu mudasse de ideia, resolvi ligar para ela e avisar que eu estava indo para lá. Ela me passou o número do apartamento e disse que deixaria minha entrada liberada na portaria.

Senti um frio na barriga quando desliguei o motor do carro. Meu coração ficou acelerado e eu podia sentir o meu sangue sendo bombeado em todas as artérias do meu corpo. Depois de me identificar na portaria, entrei no elevador. Olhei meu reflexo no

espelho, dei uma arrumada no cabelo, uma conferida nos dentes. “Putz”, vi a câmera. “Se ela estiver me vendo, deve estar morrendo de rir”, pensei. Mas agora já tinha feito, estava confiante e meio tenso.

As luzes se acenderam quando saí do elevador. Fui para a direita, mas logo voltei para o outro lado, repetindo baixinho o número 503 que era o do apartamento dela. Parei na frente da porta e quando fui apertar a campainha, ouvi a voz dela dando risadas e falando com alguém. Não sei o que me deu e eu abri a porta, que estava destrancada. Ela e o cara que estava lá pararam o que estavam fazendo e pareceram ter ficado sem graça. Arrepentime por ter aberto a porta. Eles estavam na cozinha e ela com o nariz sujo de chantilly. Ela veio em minha direção, limpando o rosto e meio constrangida.

- Desculpe! - foi o que consegui falar - A porta estava aberta.

- Tudo bem, pode entrar. Esse aqui é o Alex. - ela disse apontando na direção dele. Ele me deu um sorriso e um tchauzinho dizendo “oi” e eu retribui, ainda na porta.

- Obrigado, Susan, mas eu tô com um pouquinho de pressa. Só vim te trazer essas flores e te entregar isso.

- Ah, obrigada, elas são lindas. - Ela falou segurando as rosas com uma mão e pegando a agenda com a outra - Entra, Daniel, eu só vou arrumar um lugar para coloca-las.

- Infelizmente não posso ficar, só vim te entregar mesmo. Desculpa, Susan.

- Sério mesmo? Espera que eu te acompanho até lá embaixo, então. - e foi colocar as rosas em algum lugar.

Quando ela saiu do meu campo de visão, eu virei as costas e quase corri até o elevador, que por sorte ainda estava no andar. Entrei e desci. Fiquei me sentindo um idiota quando vi os dois juntos. Demorei demais para falar com ela.

Entrei no carro e pensei como tinha sido infantil, primeiro por ter aberto a porta sem bater e ter visto aquela cena. Segundo, por ter saído daquele jeito, correndo sem nem me despedir direito. Mas eu não ia conseguir olhar para a cara daquele Alex por muito tempo. Meu celular tocou.

- Oi, Susan.
- Oi! Nossa! Por que você saiu assim?
- Desculpa, é que realmente eu estava com pressa.
- Me espera aí embaixo que eu vou falar com você.
- Eu já saí daí. - menti.
- Hum, mas tá tudo bem mesmo?
- Claro, eu só passei pra te entregar o teu diário. -putz, falei “diário” quando deveria ter dito “agenda”.
- Meu diário?
- Sim, a tua agenda ou diário, não sei.
- Tá bom, - ela disse com a voz doce - adorei as flores, são lindas.
- Obrigado. Que bom que gostou.
- Você leu?
- Li o que? - eu sabia a que ela estava se referindo.
- O meu diário!

- Não, não. Eu o encontrei agora, antes de subir. Estava no portão-luvas.
- Hum! Tudo bem. Você esqueceu-se de pegar suas chaves.

- ela disse parecendo um pouco triste.
- Sem problemas, eu pego outro dia com mais tempo.
- Tem certeza de que você não quer subir?
- Obrigado, mas eu já estou longe. - menti novamente.
- Longe é? Sei, mas tudo bem então. Muito obrigada de novo. Elas são lindas.
- Imagina. Até mais, Susan.
- Beijo, Daniel.

Eu sou definitivamente o mentiroso mais sem noção do mundo. Dei uma olhada para o 5º andar do prédio e vi alguém na única sacada que estava com a luz acesa. Não posso afirmar com certeza, mas

provavelmente era ela. Esperei mais alguns minutos e saí. Que papelão ridículo eu tinha acabado de fazer. Nunca tinha feito tanta besteira em tão pouco tempo. Mas o pior não era isso. O pior foi ter perdido todas as oportunidades de dizer para ela que eu estava apaixonado.

Já eram oito e meia da noite quando eu cheguei em casa, sentindo muita raiva de toda a burrada que eu tinha feito. Estava frio e eu resolvi abrir uma garrafa de vinho para comemorar o fiasco da noite. Eu merecia ganhar o Oscar. A ideia era beber só uma taça para esquentar, mas acabei afogando minhas mágoas e quando percebi a garrafa já estava vazia.

Levantei-me meio tonto e fui tomar banho. Antes de entrar na ducha, fiquei me olhando no espelho do banheiro. Os olhos um pouco inchados e com a bochecha e a ponta do nariz vermelhas por causa do vinho. Achei-me muito lindo, mais um efeito do vinho.

Estava me secando quando a campainha começou a tocar. Demorei um bom tempo no banho, mas ainda estava tonto. Enrolei-me na toalha e fui contente abrir a porta. Susan deveria estar lá para me entregar a chave. Meu semblante de bêbado apaixonado mudou instantaneamente para o de bêbado decepcionado, quando abri a porta.

- Você? O que está fazendo aqui?

- Eu estou te ligando desde ontem e você não atende, fiquei preocupada.

- Preocupada, Michelle?

- Eu me preocupo com você. Eu te amo, Dani.

- Como você pode ver, eu estou ótimo - falei igual a um bêbado e com as mãos na cintura, parecendo o Super-Homem, só de toalha. Não consegui segurar o riso.

- Dani, para de ser assim. Eu amo você e sei que você também me ama. - ela falou entrando e fechando a porta. Depois de trancá-la,

ela tirou a chave e colocou no meio dos seios.

- Michelle, para de brincadeira, eu preciso dormir. Vai embora e amanhã a gente conversa.

- Você vai ter que pegar as chaves se quiser que eu vá embora. - disse ela com a mão direita na minha nuca.

- Para com isso, Michelle.

- Você pode negar e mentir para você mesmo, mas eu sei que você me ama. - agora ela tentava me beijar e me empurrava para o meu quarto.

- NÃO, MICHELLE!

- Daniel, olha pra mim. - ela falou segurando o meu rosto com as duas mãos - Eu AMO VOCÊ e eu sou a mulher da sua vida. Pode negar o quanto quiser, mas essa é a verdade.

- ela soltou a minha toalha e me empurrou na cama.

Eu deveria ter me vestido antes de abrir a porta. Ela subiu em cima de mim e continuava tentando me beijar enquanto eu me esquivava. Teve uma hora que eu parecia ter visto a Susan. Balancei a cabeça e continuei tentando lutar contra o que estava acontecendo. Mas quanto mais eu dizia não, mais ela parecia ouvir sim. Numa certa altura, eu já não estava mais resistindo tanto. A imagem da Michelle ficava se alternando com o rosto de Susan e confundia minha mente.

Parece desculpa de bêbado, mas quando eu acordei assustado pelo barulho do meu celular novo despertando e por ver a Michelle deitada no meu braço, não conseguia me lembrar de nada. Apenas dela tentando me beijar e eu tentando resistir.

- Acorda, Michelle!

- Oi, meu amor.

- Isso foi um erro, Michelle.

- Isso o que?

- Essa noite.

- Ah! Não foi, Dani, você...

- Eu amo a Susan - a interrompi - e é com ela que eu quero ficar. - ela mudou de semblante.

- Então é isso, você passa a noite inteira me jurando amor eterno e acorda dizendo que ama a outra?

Nem me dei ao trabalho de respondê-la. Levantei-me e fui tomar banho. Minhas costas arderam quando a água caiu sobre elas. Olhei no espelho e vi as marcas das unhas dela. Era a confirmação que eu não queria ter. Ela entrou no banheiro.

- Dani, a gente se ama.

- Eu não te amo mais, Michelle.

- Você disse que me ama.

- Eu não me lembro de ter dito isso.

- Ah é? Então do que você lembra?

- Michelle, eu não me lembro de nada, mas se realmente aconteceu alguma coisa, isso foi um erro.

- Ah, claro que você não lembra, né? Amnésia seletiva. Só lembra o que te convém. Olhe suas costas, então, "senhor esquece tudo".

Eu forcei minha memória o máximo que pude, em vão. Era só o que me faltava. Ela continuou discutindo comigo até sair chorando do banheiro.

- Você me usou para se satisfazer e agora vai me jogar fora... - e saiu do banheiro.

Quando eu terminei o banho, Michelle já tinha saído. Eu continuei tentando lembrar. Mas nada. Fiquei com tanta raiva de mim, pensando que tudo aquilo poderia ser uma armadilha da Michelle. Fui tomar café na cozinha e vi um bilhete na geladeira. Ela sempre

deixava bilhetes colados na geladeira quando dormia na minha casa. No post-it rosa dizia:

Sempre vou te amar, Dani, e vou ser pra sempre sua. Essa noite tive certeza de que você também me ama. Não lute contra esse amor. Ah, peguei meus brincos da gaveta. Te amo, sua Chelly.

Essa dúvida me corroeu o dia inteiro. Não tive coragem de falar com ninguém sobre o que tinha ocorrido. Nem mesmo com Cida. Ela percebeu que eu estava incomodado com alguma coisa, mas não disse nada para ela. O dia foi longo. Nunca tinha ficado tão contente ao atender o último paciente. Foi o primeiro dia que não pensei em Susan o dia todo, desde que a conheci. Felizmente já era sexta-feira. Fui direto para casa. Ainda na garagem, encontrei Seu Rubens, o porteiro.

- A namorada do senhor teve aí, doutor.
- Ela ainda está lá em cima? - perguntei assustado.
- Não, não. Ela teve aí mais cedo, disse que só tinha vindo pra devolver as chaves.
- Hum, obrigado, Seu Rubens. - respondi aliviado por saber que agora Michelle não entraria mais sem eu saber.

Abri a porta e peguei o envelope com uma chave dentro e um bilhete, mas a letra não era da Michelle.

Obrigada por abrir a porta da sua vida pra mim. Foi ótimo ter te conhecido. Deixei as outras chaves em cima da mesa e uma coisa pra você em cima da sua cama. Beijos.

Então foi a Susan que deixou as chaves. Abri a porta do meu quarto e vi o diário dela em cima da cama. Achei estranho, mas tinha outro bilhete ao lado dele. Como não fez muito sentido para mim, abri logo o bilhete para entender.

Eu tinha “esquecido” no seu carro para você

ler. Como você não leu, “esqueci” de novo na sua cama. Não acredito que tive coragem, mas depois do que aconteceu quinta, achei melhor esclarecer

algumas coisas. Espero que você saiba o que fazer depois de ler. Com carinho, Susan.

Peguei o diário com o coração acelerado, sem saber o que esperar. A capa dele era macia e tinha o símbolo do infinito desenhado. A maioria das páginas estava grampeada umas nas outras. Deixando livre apenas as páginas do início do mês de julho. Logo eu entendi que era para ler apenas estas. A primeira página solta era a do dia 04 de julho, segunda-feira. Dia do acidente onde nos conhecemos.

DIÁRIO DE SUSAN

04/JUL - SEGUNDA-FEIRA

Hoje de manhã, peguei o Cristhian transando com a

Camilla, na minha cama. Inacreditável. Fiquei desesperada e sem saber o que fazer. Saí descontrolada de casa. Dirigi até bater na traseira de um cara, quer dizer, na traseira do

carro de um cara. Meu carro acabou estragando, então esse cara, que agora sei que se chama Daniel, me levou pra casa

dele e eu, não sei como, aceitei. Na verdade eu sei, eu não tinha pra onde ir e ele não parecia ser um maníaco. E espero que não seja mesmo, porque eu estou no quarto dele nesse

momento, enquanto ele está no quarto de hóspedes. Ele parece um cara legal, até levou um soco na cara do babaca por

causa de mim. Tadinho! Depois me ajudou a procurar um hotel, como não tinha vaga em nenhum dos que procuramos, ele disse que eu poderia ficar aqui e ainda me cedeu o quarto

dele. Até pensei em ir para a casa do Alex, mas ele acabou dese casar com o Renan e achei melhor não acabar com a

privacidade dos dois. Achei o Daniel muito cavalheiro, mas mesmo assim. Quando a esmola é demais, o Santo desconfia. Só agora escrevendo essa frase é que percebi uma coisa

engraçada nela. Santo recebendo esmola? Estranho! Nos dias de hoje deveria ser: “Se a propina é demais o político desconfia”. Mesmo ele parecendo ser legal, acho melhor eu ir lá trancar a porta, só pra garantir. 05/JUL - TERÇA-FEIRA
Definitivamente o Daniel não é um maníaco, é

psicólogo. Fui de carona com ele para o trabalho, o consultório dele é bem pertinho do escritório. Ele até me emprestou o carro dele. Conheci as duas funcionárias dele.

Uma delas é a Cida, ela me lembra muito a minha avó. Acho que foi por isso que contei toda a minha vida pra ela. Teve

uma hora que ela me falou uma coisa estranha. Disse que a minha felicidade estava mais próxima do que eu imaginava. Na hora eu não liguei. Só que agora à noite, enquanto eu e ele

assistíamos TV comendo pizza, eu me lembrei do que ela disse. Eu estava me divertindo tanto, nem me lembro de quando

foi a última vez que eu dei tanta risada assim. Quando começamos a assistir “P.S. Eu te amo” ele dormiu e deitou no meu ombro, eu me afastei um pouco para que ele deitasse no

meu colo. Fiquei fazendo carinho no cabelo dele e olhando ele dormir. E aí eu reparei no quanto ele é lindo e me lembrei do

que a Cida tinha me dito. Que loucura! Serámesmo? Quando ele acordou, se levantou e antes de ir para o quarto dele, ele me deu um beijo no rosto. Não sei porquê, mas fiquei toda sem

graça. Acho que ele também ficou. É estranho, mas mesmo tendo conhecido ele só ontem, ele me passa um sentimento bom, como se eu o conhecesse há anos.

06/JUL - QUARTA-FEIRA Graças a Deus meu carro ficou pronto. Agora já posso

procurar um apê mais tranquila. O dia foi bem puxado, tive duas audiências e ainda não achei uma solução para aquele litigioso. Hoje a janta foi por minha conta, fiz um sushi e

salada. Estava bem frio e bebemos duas taças de vinho cada um. Depois do jantar, ele me convidou para fazer um passeio.

Caminhamos até a ponte. A noite estava linda... - Ele acabou de vir aqui na cozinha, abriu a geladeira e ficou cantarolando com a porta aberta. Levou o maior susto

quando eu falei com ele. Acabou de sair correndo porque tava só de cueca, falando nisso, QUE HOMEM LINDO. Ele se veste tão

formal no dia-a-dia que nem parece ser tão... e ainda tem uma tatuagem no peito, UAU! Ele voltou, agora vestido. Só tomou um pouco de leite e voltou para o quarto, ainda sem

graça. HAHAHA -. Voltando ao assunto, a noite estava realmente linda, nós dois parecíamos um casal. Resolvi

perguntar sobre a vida amorosa dele. Ele não falou quase nada, e fugiu do assunto. Então voltamos para o apê dele. Como eu não consegui dormir, resolvi vir aqui para escrever.

Será que eu estou me apaixonando por ele? Sei lá, acho que não é a hora.

07/JUL - QUINTA-FEIRA

Cristhian e Camilla estão namorando, que se explodam! Não tô nem aí. Acho que bebi demais, não tô conseguindo escrever direito. Tive uma ideia. PS: Eu nunca mais vou beber. Não acredito que fiz isso.

Susan, como você é idiota. Eu sou burra, eu sou burra, eu sou burra. Estou apaixonada por ele e hoje estraguei tudo. Ahh que raiva de mim mesma. QUE VERGONHA! Como eu vou olhar pra ele amanhã? Sou muito idiota.

08/JUL - SEXTA-FEIRA

Fingir que não se lembra é sempre a melhor opção. Mas eu

me lembro muito bem! Ah se arrependimento matasse. Elenão comentou nada e a atitude dele me deixou mais apaixonada ainda. Que homem incrível. Mas agora posso ter

acabado com tudo. O que será que ele está pensando de mim??? A noite de hoje foi ótima, fizemos uma surpresa pra ele. Ele ficou todo emocionado. Conheci uma parte da família dele,

a mãe, o irmão e a cunhada dele. Adorei eles. Depois da festa, nós estávamos indo para o carro, fingi que tropecei e ele me segurou. Ficamos nos olhando em silêncio, pensei que ele fosse

me beijar. Eu queria que ele me beijasse, mas depois do que aconteceu ontem, não sei se isso irá acontecer. Melhor eu ir dormir, amanhã vamos no orfanato. Eu de Branca de Neve e ele de Homem Aranha. Vai ser divertido.

09/JUL - SÁBADO Sensacional, hoje meu dia foi simplesmente sensacional.

Daniel é muito divertido e as crianças o adoraram. Depois que saímos do orfanato, fomos ao shopping fantasiados. No início eu estava com vergonha, mas logo passou e eu me diverti muito. Fiquei com ciúmes quando três garotas

pediram que eu tirasse uma foto delas ao lado dele, muito assanhadas. Ele ficou todo vermelho, achei engraçado, mas

nem sorri. Ele está se arrumando para irmos ao show do Red Hot. Um casal de amigos dele nos deu os ingressos porque o filho deles nasceu hoje. Estou reparando que nos últimos dias

só tenho falado dele no meu diário. Mas também! Estou vivendo outra vida depois que o conheci. Ele é tudo que eu sempre procurei. Acho que ele está pronto. Bom show pra nós!

10/JUL - DOMINGO

11/JUL - SEGUNDA-FEIRA

Estou na casa da mãe do Daniel, ela passou mal ontem à noite, então viemos correndo pra cá. Estou cansada, fiquei mais uma noite sem dormir. Ontem não escrevi nada porqueo

dia foi corrido e à noite tivemos que vir pra cá às pressas. Mas ontem eu fiz uma loucurinha que não posso deixar de escrever aqui. Eu fui acordar o Daniel ontem pra gente ir no

aniversário do filho da funcionária dele, a Marta. Mas ele estava num sono ferrado. Então eu comecei a chama-lo, como ele não respondia, eu comecei a falar no ouvido dele que eu o amava. Até que ele acordou, meio confuso. Foi muito engraçado. A mãe dele parece estar melhor, acho que foi só um susto. Ela é adorável.

12/JUL - TERÇA-FEIRA

Voltamos hoje para a casa dele. Dona Gilda voltou pra casa ontem mesmo. Quando chegamos no apartamento dele, a ex dele estava esperando por ele. Pelo que percebi, ela gosta dele ainda. E deixei os dois a sós e depois ele foi me encontrar a aí

me contou a história deles. Fiquei insegura. Ele disse que não gosta mais dela. Mas sei lá, tudo o que aconteceu entre eles, o tempo que ficaram juntos. E além de tudo, ela é muito linda.

Que droga! Estou com vontade de ir no quarto dele e falar que me apaixonei por ele. Que nunca senti nada parecido por ninguém com o que eu estou sentindo por ele. Ele vai me achar uma maluca. Acho melhor eu me mudar antes de fazer isso.

13/JUL - QUARTA-FEIRA

Daniel, eu deixei este diário no seu carro para que você

leia o que eu não tive coragem e te dizer olhando nos teus olhos. Não sei como aconteceu, mas eu acabei me apaixonando por você durante esta semana que passamos juntos. Talvez você me ache uma doida, mas eu seria mais

doida ainda se não te falasse o que estou sentindo. Quero te pedir desculpas, porque quando você ler tudo o que está escrito aqui, você vai descobrir que eu menti quando fingi ter

esquecido o que fiz aquela noite que bebi. Mas foi porque fiquei muito envergonhada. Eu não sei o que vai acontecer com a gente depois que você ler tudo isso. Mas eu precisava que você soubesse. Espero que você não demore pra achar. Com carinho, Susan.

Quando terminei de ler tudo o que ela tinha escrito, senti o ápice da felicidade. Não tive mais dúvida. Ela também sentia o mesmo por mim. Fechei o diário, tomei um banho e depois de me vestir, peguei as chaves do carro e saí. Chamei o elevador e pareceu uma eternidade a demora dele. Dirigi o mais rápido que pude até chegar em frente ao prédio de Susan, quase entrei numa contramão por causa da euforia. Meu coração estava tão acelerado que fiquei com medo de ter uma taquicardia. O porteiro liberou minha entrada depois que falou com ela. Ela estava me esperando na porta, parecia tão ansiosa quanto eu. Não precisamos dizer nada, nossos olhares gritavam tudo que precisávamos ouvir. Envolvi-a em meus braços e a beijei apaixonadamente.

Não sei quanto tempo durou aquele beijo, mas foi o melhor beijo de toda a minha vida. Eu parecia flutuar com ela. Os braços dela enrolados no meu pescoço, e o mundo todo deixou de existir por aquele instante. Só retornamos de onde estávamos quando uma voz chamou delicadamente por ela.

- Susan, - disse Alex - nós já vamos subir. Desculpa atrapalhar.

- Ah, Alex, deixa eu apresentar vocês. Daniel, esse é o Alex e este é o Renan, marido dele. - Ela falou envergonhada como alguém que acaba de ser pega em flagrante.

- Prazer, acho que nos vimos ontem. - falei para Alex, depois de cumprimentar Renan. - Pois é, mas você estava com pressa.

- Vamos entrar. - disse Susan.

- Obrigado, Susan - falou Renan - mas nós já vamos. Daniel, cuide bem da nossa menininha, viu!

- Pode deixar. - eu disse piscando os dois olhos carinhosamente à Susan. Despedimo-nos deles e eu e ela entramos. Depois que ela fechou a porta, eu a beijei novamente.

- Eu sonhei tanto com esse momento. - falei olhando-a nos olhos.

- Eu também.

- Tem tanta coisa que eu quero te falar.

- O que você acha de a gente sair pra jantar? - ela perguntou.

- Acho ótimo.

- Tá bom, eu vou me arrumar, rapidinho.

Nos beijamos de novo e ela foi para o quarto tomar banho. O apartamento não era muito grande, mas era muito charmoso. Os espaços muito bem aproveitados. E já estava tudo bem organizado, o apartamento tinha o toque delicado e organizado de Susan.

Sorri quando me lembrei do dia anterior, do ciúme que senti do Alex. Achei-me mais idiota ainda. Lembrei-me do que a Cida tinha me dito: "As coisas que parecem que aconteceram, na verdade não aconteceram". Eu pensei que tinha perdido Susan para o Alex quando os encontrei na maior intimidade no dia anterior. Não tinha como eu saber que ele era gay e ainda por cima, casado. Era isso que Cidatinha tentado me dizer. Por mais que parecesse, não tinha perdido Susan.

Durante o jantar, conversamos sobre como as coisas tinham acontecido. Eu acho tão lindo quando ela fica envergonhada com alguma coisa, ela é tão meiga e carinhosa.

- Então você não tinha se esquecido de nada mesmo?

-p erguntei.

- Esquecido do que? - ela perguntou sabendo do que eu estava me referindo.

- Você sabe do que eu estou falando. - disse sem conter o riso.

- Não, por favor, - ela falou sorrindo também e escondendo o rosto - você não vai me fazer falar nisso, né?

- Eu fiquei tão decepcionado quando você disse que tinha esquecido.

- Eu percebi, mas estava muito, muito envergonhada mesmo. Mas, por um lado, foi bom. Depois daquele dia, eu não tive mais dúvida de que você era o homem certo pra mim. Provavelmente, se tivesse acontecido alguma coisa entre nós aquela noite, hoje não estaríamos aqui. Você foi incrível, me respeitando.

- Que bom que eu tomei a decisão certa. Mas posso te falar que não foi nada fácil. Você estava incrivelmente linda, Susan.

- Para com isso, Daniel, que vergonha!

Depois que revelamos nossos pequenos segredos das últimas semanas, resolvemos ir a um barzinho com música ao vivo. O lugar era bem aconchegante e pudemos ficar abraçados, conversando e ouvindo música. Eu me senti completo tendo Susan em meus braços, recebendo todo o carinho dela e dando-lhe o meu.

Já eram duas da madrugada quando fomos embora. Ela foi o trajeto todo deitada no meu ombro até chegarmos na frente do prédio dela. Acompanhei-a até a portaria, nos despedimos e fui para casa.

Tudo tinha sido perfeito, muito melhor do que eu podia imaginar. Depois daquela noite, não restava mais dúvida de que Susan era a mulher da minha vida e depois da nossa conversa e troca de carinhos, ficou claro para mim que o sentimento dela era recíproco e tão intenso quanto o meu.

A noite tinha sido tão agradável, tão maravilhosa que eu cheguei a me esquecer do que havia acontecido entre eu e a Michelle na noite anterior. Só lembrei quando entrei no meu quarto. E essa sombra do que tinha acontecido foi o suficiente para me fazer perder o sono. Fiquei o resto da madrugada acordado, tentando me lembrar de qualquer fragmento do que pudesse ter acontecido, mas todo meu esforço foi em vão.

Agora eu tinha mais um problema, precisava decidir se devia contar ou não à Susan o que tinha acontecido. Aquela noite com Michelle não tinha significado nada para mim. E quando pensei nisso, lembrei-me das palavras dela me dizendo a mesma coisa, claro que eram situações completamente distintas. Eu e Susan ainda não estávamos juntos quando a Michelle dormiu na minha casa, mesmo assim eu me sentia na obrigação de contar à Susan. Não seria nada bom começar um relacionamento consequências escondendo

poderiam ser qualquer coisa dela. As terríveis se ela acabasse

descobrimo depois. Mas se eu falasse agora, ela poderia acreditar que eu ainda sentia alguma coisa pela

Michelle. Eu não tinha dúvida alguma de que não sentia mais nada por ela, mas sabia que Susan poderia pensar diferente.

Se eu tivesse entrado no apartamento dela ao invés de sair correndo como fiz naquela noite, teria conhecido o Alex e percebido que ele não me oferecia risco algum. E aquela decisão de sair correndo tinha me colocado nessa situação. Agora eu precisava arrumar uma maneira de sair dela.

Só consegui dormir quando os primeiros raios de sol cortaram a noite. Tive um sono perturbado, quando acordei depois do meio dia, parecia que não tinha dormido nada. Peguei meu celular e vi que Susan tinha me enviado uma foto dela ao lado de um monte de rostinhos sorridentes. Mesmo ela indo dormir tarde, estava com o rosto iluminado. Um sorriso que ao ver era impossível não sorrir de volta. As crianças do orfanato ao redor dela também transmitiam muito amor pelos seus olhos brilhantes. Ela tinha me enviado antes das 10h com a legenda “Bom dia dorminhoco...”. Liguei para ela e pelo barulho ela ainda devia estar no orfanato.

- Bom dia, flor do dia! - eu disse quando ela atendeu.

- Bom dia, não acredito que você acordou só agora.

- Não acordei agora.

- Ah não? E essa voz aí?

- Já faz uns cinco minutos que eu acordei. - falei dando risada.

- Meu Deus, que preguiçosinho que o senhor está ficando hein. O que você aprontou essa madrugada hein, Daniel?

- Eu só tive a noite mais maravilhosa de todas as minhas, ao lado da mulher mais maravilhosa do mundo.

- Hum, ela deve ser uma mulher de sorte, por ter um homem tão romântico e apaixonado assim.

- Eu que tive muita sorte quando ela bateu no meu carro.

- Nossa! Além de tudo, ela é barbeira. - ela falou e nós dois rimos.

- E você, dormiu bem?

- Dormi com os anjos essa noite. Acordei cedo e vim ver minhas crianças. Elas perguntaram do Homem Aranha.

- Pode falar que o Homem Aranha está mandando muitos beijos.

Conversamos mais alguns minutos e marcamos de nos ver mais tarde. Eu sabia que o certo era falar para Susan o que tinha acontecido, mas isso de alguma forma a magoaria e

poderia fazer com que ela se afastasse de mim, e isso não seria justo. Fiquei à tarde inteira pensando nisso. Eu não queria esconder dela e queria menos ainda perde-la.

Quando estava quase anoitecendo, fui até a casa de Susan, eu estava decidido e falaria tudo para ela esperando que ela entendesse que o que eu tinha feito não significou nada e que eu nem tinha certeza do que havia acontecido.

Susan preparou um jantar romântico à luz de velas, então não tive coragem de estragar aquele momento mágico. Eu nunca tinha desejado tanto fazer uma mulher feliz como eu desejava fazê-la. Ela era tão impressionante, tão carinhosa e delicada. E eu queria muito fazer parte da vida

dela, queria que ela sentisse o quanto era importante para mim. Depois do jantar, bebemos mais um pouco de vinho e tivemos a noite mais especial da minha vida. Foi simplesmente perfeito. Mais uma vez ficou claro que ela era a mulher da minha vida. Foi como se eu tivesse esperado a vida inteira só para ter aquela noite com Susan.

Já era de madrugada quando Susan se aconchegou no meu peito e dormiu. Eu, no entanto, demorei a dormir. Fiquei fazendo carinho nos cabelos dela e pensando na maneira como ela tinha aparecido na minha vida. Fazia tão pouco tempo que nos conhecíamos, mas eu poderia me casar com ela quando o dia amanhecesse. Já havíamos feito tantas coisas juntos e aquela noite era a cereja do bolo. E se eu não lembrava o que tinha acontecido entre eu e Michelle, essa noite com Susan ficaria para sempre em minha memória.

Na manhã seguinte, acordei-a com café na cama. Depois do café, tomamos banho juntos e então fomos caminhar na Beira-Mar. Caminhamos de mãos dadas, sentindo o cheiro da maresia. O céu estava límpido e o clima muito agradável. Sentamo-nos no trapiche e ficamos observando os peixes que pulavam, parecendo se exibirem aos que os observavam.

- Sabe, Dan, - foi a primeira vez que ela me chamou assim e o som da voz dela soou tão lindo que me fez sorrir

- às vezes tenho a impressão de que te conheço há muito tempo.

- Eu também sinto isso. Me sinto tão à vontade com você que durante o tempo que você passou lá em casa, muitas vezes tive a impressão de que nós éramos marido e mulher.

- Sério?

- Sim. A minha casa não é mais a mesma desde que você foi embora.

- Mas não faz nem uma semana.

- Parece que faz um século, já.

Um peixe grande saltou bem perto de nós e nos fez mudar de assunto. Lembrei que eu precisava falar para ela e quanto antes eu fizesse, melhor seria.

- Tá tudo bem? - ela perguntou com a voz doce, quando percebeu que eu fiquei sério.

- Agora tá tudo ótimo. Tudo perfeito.

- E por que você ficou assim de repente, Dan?

- É que tem uma coisa que eu preciso te falar.

- Nossa, Dan! - ela falou sorrindo, mas surpresa - O que aconteceu?

- Eu não sei nem por onde começar.
- Tô ficando com medo... o que está acontecendo, Dan?
- ela falou e segurou a minha mão.

- Susan, o que eu sinto por você, eu nunca senti por mulher nenhuma na minha vida e eu não tenho dúvida de que é com você que eu quero viver pro resto da minha vida...

- Mas??? - ela perguntou para que eu continuasse.
- Mas aconteceu uma coisa e por tudo isso que eu sinto por você eu não posso te esconder.

- Eu não estou entendendo, Dan, o que aconteceu?
- Sabe aquela noite que eu te vi com o Alex, quando fui te entregar o diário?

- Sim, quando você saiu correndo e depois mentiu que já tinha ido embora, mas eu vi o teu carro lá embaixo. -ela falou dando risada.

- Quando eu abri a porta e vi vocês dois na cozinha, vocês estavam tão íntimos que eu pensei que vocês tinham alguma coisa. Nem fazia ideia de que ele poderia ser gay...

- Eu imaginei que você tinha pensado isso. E foi por isso que eu deixei o meu diário na sua cama quando fui deixar as chaves.

- Mas eu pensei que tinha te perdido. Fiquei triste e chateado. Fui direto pra casa. - breve pausa e Susan percebeu a seriedade do que eu estava tentando dizer -Acabei bebendo pra tentar esquecer o que eu tinha feito, bebi demais... de repente a Michelle apareceu lá falando um monte de coisas...

- Não precisa continuar, Daniel. - ela me interrompeu com os olhos baixos e eu vi uma lágrima rolar dos olhos dela.
- Susan, eu não tô falando que aconteceu. Na verdade eu não...
- Você não...?

- Eu juro que não me lembro de nada, - falei segurando as mãos dela e olhando no fundo dos seus olhos marejados -eu não sei o que aconteceu e não sei se aconteceu.
- Você não se lembra? Eu já fiz isso, lembra? Também disse que não me lembrava, mas eu sabia muito bem o que eu tinha feito.

- Susan, eu estou te falando a verdade. Eu não me lembro de nada.

- Tudo bem, Daniel, talvez você até não se lembre mesmo. Mas não se lembrar, não significa que não aconteceu. Eu quero ir embora, vamos?

- Nos levantamos e caminhamos em silêncio até o carro. Durante o caminho até a casa dela, também não foi dito uma única palavra. O silêncio só foi quebrado quando desliguei o motor do carro depois que chegamos em frente ao prédio de Susan.

- Desculpa a minha reação, Daniel, eu sei que quando isso aconteceu a gente nem estava junto ainda, mas...

- Eu que te devo desculpas, Susan. Mas eu precisava te falar. Sabia que você poderia ter essa reação, mas não posso te esconder nada.

- Obrigada por ter sido sincero. Como eu estava dizendo, nós ainda nem estávamos juntos. Quando eu bebi e fiz aquilo de te esperar de lingerie no seu quarto, eu não fiz porque bebi. Eu já gostava de você, a bebida foi apenas um encorajador. Eu sabia muito bem o que eu queria. E isso é que me magoa, talvez você não saiba o que quer. Vocês ficaram tanto tempo juntos e não chegaram a conversar sobre o que aconteceu, talvez tenham coisas mal resolvidas para acertar.

- Não, Susan. Eu sei muito bem o que eu quero. Eu quero você, só você.

- Eu já não tenho mais tanta certeza disso, Dan. Olha só... eu vou subir, preciso pensar um pouco. A gente conversa outro dia, tudo bem?

- Eu tenho certeza, Susan. Mas tudo bem, eu entendo você.

- Obrigada, Dan, - ela disse e me deu um beijo - a gente se fala.

Eu tinha me preparado para o pior, mas aquela despedida me deixou sem chão. A Michelle tinha ficado mais de dois anos sem aparecer e quando finalmente eu me apaixono e resolvo seguir em frente, ela aparece do nada e faz meu castelo desmoronar. À noite eu tentei ligar para Susan, mas o celular dela só dava desligado. Então liguei para o Nick, conversei com ele e com minha mãe, mas não falei nada sobre o que tinha acontecido. Não queria ficar dando explicações a eles sobre o que havia acontecido. Eles sempre temeram que eu tivesse uma recaída e voltasse com a Michelle e certamente também não me entenderiam.

Durante a semana, consegui falar com Susan por telefone, mas ela me evitou a semana inteira. A única pessoa com quem conversei sobre tudo o que tinha acontecido foi o Fernando. Ele me disse o que eu já sabia, que eu precisava esperar o tempo dela e que logo tudo passaria.

Só voltei a ver Susan na semana seguinte. Era segunda-feira à noite quando ela foi à minha casa, disse que precisava falar comigo. Pensei que finalmente o “tempo” tinha chegado ao fim. Achei que tudo voltaria a ser como antes.

- Não esperava te ver hoje. - eu disse com o sorriso de orelha a orelha.

- Oi Dan, eu vim porque preciso te falar uma coisa. -ela disse com um sorriso sem graça.

- Pode falar. - eu disse enquanto nos sentávamos no sofá.

- O diretor de um dos escritórios do meu chefe vai entrar de férias daqui a um mês e ele quer que eu vá pra lá e fique no lugar dele.

- Que ótimo! É uma promoção?

- Não exatamente, ele quer que eu vá o quanto antes pra ir me familiarizando com os advogados antes das férias do diretor deles. Vai ser uma experiência ótima para o meu crescimento profissional.

- Vai mesmo, nossa! Eu tô muito feliz por você. E onde é esse escritório?

- É em... Nova York.

- Nova York? - perguntei, pensando não ter ouvido direito.
- Sim, vou ficar uns dois meses lá.
- Puxa, Nova York... eu estou feliz por você. Quer dizer, vai ser uma experiência incrível. Parabéns, Susan -eu disse.
- Obrigada.
- E... quanto a nós? Você veio aqui pra terminar tudo?

- Não fica assim, Dan. Na verdade, eu pensei em recusar, não queria ficar longe de você, mas é uma chance única pra mim. E a gente precisa de um tempo. Eu não vim terminar com você, mas esse tempo vai nos fazer bem. Eu sei

que o que a gente sente um pelo outro é verdadeiro. E essa viagem...

Não a deixei terminar a frase e a beijei. Ela não tentou resistir e me beijou também, não foi preciso dizer nada. Nos entregamos àquela paixão e fiemos amor ali na sala mesmo. Quando já estávamos deitados no quarto, conversamos mais sobre a viagem. Fiquei surpreso quando ela me disse que viajaria na quarta-feira, em dois dias. Mas deitado ao lado dela, isso não pareceu importar muito. Susan acabou passando a noite comigo e na terça não foi diferente.

Na quarta-feira fiquei de leva-la ao aeroporto, mas antes de ir busca-la passei numa joalheria e comprei um par de alianças de prata. Acho que nunca tinha usado uma aliança de prata antes. Mas com Susan tudo era diferente. Comprei, também, um ursinho de pelúcia e passei um pouco do meu perfume nele e o deixei dentro de uma caixinha no chão do meu carro, atrás do banco do passageiro e fui busca-la na casa dela.

Chegamos ao aeroporto com duas horas de antecedência. Deixei-a na fila do check-in e fui ao carro buscar o presente e as alianças. Quando voltei, ela já tinha despachado as bagagens e estava apenas com a sua bolsa e uma mochila com o notebook.

O aeroporto estava movimentado, mas não muito. Ainda estávamos próximos ao balcão de atendimento quando eu entreguei a caixa com o ursinho, um panda segurando um coração escrito "Eu te amo".

- Ah, Dan, que lindo! - ela falou, abraçando o urso -Ele tem o seu cheiro, que fofo!
- Susan, eu não posso deixar você viajar sem antes te dizer uma coisa.

- O que? - ela perguntou sorrindo.
- Susan Klein Piercy, - eu disse me ajoelhando - você aceita namorar comigo? - e abri a caixinha com as alianças.

As lágrimas escorreram pelo delicado rosto dela.

- É claro que eu aceito, Dan.

Colocamos as alianças e nos beijamos. Só então eu percebi que tinha um monte de gente olhando, enquanto alguns filmavam, outros bateram palmas. Fiquei vermelho de vergonha, mas muito feliz. Queria tê-la pedido em casamento, só que ainda não era a hora.

Fiquei lá até ela embarcar. Susan voaria até São Paulo e então faria uma conexão até Nova York. Por causa do fuso horário, chegaria lá um pouco depois das seis da manhã, hora local. Foi difícil me despedir de Susan, ainda mais naquele momento por ser o início do nosso relacionamento e logo depois de tudo o que tinha acontecido. Mas pelo menos

nós estávamos juntos, apesar de separados. É meio confuso, eu sei, mas o importante era que nós nos amávamos e eu sabia que nada, nem toda aquela distância seria capaz de abalar nosso amor.

No dia seguinte, recebi uma chamada de vídeo de Susan, ela estava no aeroporto. Tinha acabado de aterrissar em solo Americano. Pude ver as orelhinhas do panda enquanto falava com ela, sinal de que ela havia feito a viagem toda com ele nos braços, sentindo o meu cheiro. Disse que tinha feito uma viagem tranquila e que estava exausta. Pegaria um táxi e descansaria na parte da manhã e depois do almoço se apresentaria no escritório. Não pudemos conversar por muito tempo, pois eu já estava no consultório e ela tinha que ir para o hotel.

Antes de receber a ligação dela, eu estava conversando com Cida sobre os últimos acontecimentos. Ela ficou feliz por nós, mas não pude deixar de perceber que tinha alguma coisa que a incomodava. Eu tentei perguntar, mas ela negou. Sabia que ela não iria me falar o que a incomodou por mais que eu insistisse.

Durante o almoço, liguei para minha mãe, tive uma longa conversa com ela. Falei sobre meu namoro com Susan, o que a deixou muito feliz. Só ficou um pouco triste por ela ter ido viajar, mas sabia que era por um bom motivo. Claro que não tive coragem de falar sobre o “incidente” com Michelle. Na verdade eu me sentia envergonhado por ter permitido que aquilo acontecesse.

Eu e Susan nos falávamos todos os dias pelo FaceTime. Ela estava muito animada, três semanas depois que ela estava lá, já estava mais habituada com o idioma. Quando não estava no escritório, aproveitava para “turistar”. Sempre me enviava fotos dos pontos turísticos que visitava. Como lá era verão, até de jet-ski em volta da Ilha de Manhattan ela andou.

Apesar da saudade, tudo ia bem. Estávamos felizes e só faltava um pouco mais de um mês para ela voltar, mas meu mundo estava prestes a desabar novamente.

Numa sexta-feira, assim que saí do trabalho, recebi uma ligação de Michelle. Ela nunca mais tinha me ligado e eu também não tinha mais pensado nela, eu e Susan já havíamos superado aquele assunto.

- Oi, Dani, eu preciso falar com você.

- Pode falar, Michelle.

- Posso passar na sua casa daqui a pouco? ela perguntou com uma voz triste.

- Não precisa, Michelle, prefiro que você me fale agora!

- O que eu tenho pra te falar é muito sério, Dani. Eu estou indo pra sua casa, tudo bem!?!?

- Adianta eu dizer não? Leve a minha chave.

- Obrigada, Dani. Até mais.

Achei tudo muito estranho, o jeito que ela estava falando. E eu não fazia ideia do que ela poderia querer falar comigo. Ainda assim, era uma oportunidade para que ela me devolvesse as chaves do meu apartamento. Quando cheguei em casa, ela já estava lá.

- Michelle, antes de tudo, por favor me devolva as minhas chaves. - falei assim que entrei no apartamento e ela me entregou sem dizer nada.

- O que você tem de tão importante para me dizer que não pudesse ser dito por telefone? - prossegui.
- Eu estou grávida, Daniel. - ela disse sem titubear, indo direto ao ponto.
- E o que eu tenho a ver com isso?

- Dani, todo esse tempo que nós ficamos separados, eu só transei com você. Foi na última noite que eu dormi aqui.

Michelle podia ter todos os defeitos do mundo, mas ela nunca tinha mentido para mim. Nem mesmo quando teve a chance e talvez tivesse sido mais fácil mentir ou omitir que havia me traído com meu melhor amigo. Eu não queria acreditar, mas sabia que não poderia duvidar.

- Quando você descobriu? - perguntei.
- Faz alguns dias, mas só hoje fui ao médico. Fui ao consultório do Augusto, hoje à tarde. - ela começou a chorar.
- Você sabe que isso não muda nada entre nós, né!?

- Eu não vim aqui por isso, Daniel, só estou te falando porque você é o pai e precisava ser a primeira pessoa a saber. Me desculpa, Dani-ela falou em meio a soluços - eu não quero atrapalhar a sua vida, mas eu não sei o que fazer.

- Fica calma, Michelle, não há nada a ser feito...
- Se você quiser, eu posso... eu posso não ter o bebê.
- ela disse chorando ainda mais.

- Você ficou louca? Eu nunca vou permitir isso. Essa criança não tem culpa pelos nossos erros. Ela vai nascer e ser muito amada. - eu falei calmamente, mas foi um choque muito grande, só conseguia pensar em Susan.

- Obrigada, Dani, eu nunca quis sofrer outro aborto, só eu sei o quanto me doeu perder meu primeiro filho. Estava morrendo de medo que você me pedisse pra fazer isso.

- quase não consegui entender o que ela estava falando, por causa do seu choro. Então a abracei.
- Fica calma, tá tudo bem. Isso não vai acontecer de novo.

- falei enquanto ela soluçava no meu peito - Senta um pouco que eu vou buscar uma água pra você.

Eu só conseguia pensar em como iria contar isso à Susan. Como a vida é traiçoeira, ficamos sete anos juntos e muitas vezes nós não nos cuidamos, ela acaba engravidando do meu melhor amigo depois de passar uma noite apenas com ele. Perde o bebê. E agora estava esperando um filho meu. Uma única noite. Ela já estava um pouco mais calma quando voltei. Entreguei o copo a ela e recebi uma mensagem de Susan:

Tenho uma coisa pra te falar, amor da minha vida, te ligo quando chegar no hotel. Beijo

- Obrigada, Dani. - ela falou me devolvendo o copo vazio. - Bom... eu já vou indo.
- Você tem certeza de que está bem para dirigir?
- Sim, sim. Amanhã vou fazer mais alguns exames, te mantenho informado.

- Tudo bem mesmo?
- Sim, Dani, obrigada.

Depois que ela saiu, eu resolvi ligar para o Augusto. Ele era um amigo da faculdade, formou-se em medicina e atuava como obstetra.

- Oi, Guto, é o Dani.
- Oi, Dani, como você tá?
- Bom, digamos que já estive melhor.

- Nossa, Dani, pois é, a Mi veio aqui hoje, eu a atendi. Não sei nem o que te dizer. Ela me falou do momento que vocês estão passando.

- Então é verdade mesmo?
- É, Dani, ela vai precisar do teu apoio.

- É... eu sei, - Susan começou a me ligar e eu precisei encerrar o assunto - mas beleza, Guto. Eu tenho que atender outra chamada aqui. Obrigado por tudo, tá bom!

- Queria poder fazer mais por você, Dani, pode contar comigo no que precisar.
- Obrigado, meu amigo, até mais.
- Até logo.

Susan já tinha parado de ligar, então eu retornei, mas sem saber direito o que dizer.

- Nossa, amor, que carinha é essa? Susan me perguntou logo que atendeu.

- Aconteceu uma coisa... não, espera... eu tenho que te falar uma coisa. - Ela estava com o olhar iluminado, parecia tão feliz, mas seu semblante mudou aos poucos.

- O que aconteceu, Dan?

- A Michelle está grávida - falei de uma vez antes que não tivesse mais coragem. Susan arregalou os olhos.

- Sério?

- Eu estou arrasado. Você sabe o quanto eu quero ser pai, mas queria que fosse com você e não com uma mulher que eu não amo. - nossos olhos se encheram de lágrimas.

- Nossa, Dan! Calma, amor.

- Eu não quero te perder por isso, Susan. Eu amo você

- as lágrimas escorreram dos meus olhos.

- Você não vai me perder, amor. Nós vamos juntos aprender a lidar com tudo isso que está acontecendo.

- Eu queria que você estivesse aqui comigo.

- Logo logo eu estarei. Mas você tem certeza de que ela não está mentindo?

- Ela não é de mentir, mas mesmo assim eu resolvi ligar para o Augusto, ele é obstetra e meu amigo desde a faculdade, ela se consultou com ele. Ele confirmou.

- Hey, não fica assim, Dan.

- Tá tudo bem... eu vi sua mensagem, o que você tinha para me contar?

- Não era nada demais, deixa pra lá. A Dona Gilda já sabe?

- Meu Deus, ainda tenho que contar pra ela. Acho que vou esperar mais um pouco.

Não esperava que Susan reagisse tão bem assim. Conversamos por mais um bom tempo e depois fui tomar banho.

No dia seguinte, cheguei mais cedo no consultório. Cida já estava lá, conversamos, enquanto tomávamos café, sobre a gravidez de Michelle. Depois que eu falei tudo, ela me disse:

- Doutor Daniel, não se preocupe com o futuro. Não sofra por antecipação. Essa criança que está chegando só vai te trazer felicidade e vai unir ainda mais você e Susan.

- Acho que você já sabia da gravidez dela, né? Foi por isso que você ficou tão estranha quando te falei sobre eu e Susan?

- Eu não sabia o que era, mas hoje ficou mais claro. Tenha fé e paciência. Depois do temporal, vem a bonança. E só mais uma coisa, espere Susan voltar para contar à sua mãe sobre o bebê.

- Mas e se alguém contar pra ela antes de mim?

- Se alguém contar, contou ué! Você já é bem grandinho.

- Obrigado, Cida - neste momento Marta chegou na cozinha.

- Bom dia, chefe. Bom dia, Cidinha.

- Bom dia - eu e Cida respondemos em uníssono.

À noite, quando contei para Susan sobre a conversa que tive com Cida, ela sorriu de um jeito estranho, mais feliz do que o normal e me falou que Cida tinha razão. Eu não sei o porquê, mas de alguma forma fiquei aliviado depois da conversa que tivera com Cida.

Susan pareceu não se abalar com a notícia da gravidez de Michelle, ela estava tão serena e parecia tão feliz, estava tão carinhosa e amorosa comigo que realmente acreditei no que Cida tinha me dito. Eu e Susan ficávamos mais unidos a cada dia que passava.

Os dias foram passando e eu fui me acostumando com a ideia de ser pai. No final de semana, Michelle foi ao meu apartamento. Disse que tinha gravado a ultrassom em um DVD e queria que eu assistisse. Apesar de não entender quase nada das imagens quase abstratas do vídeo, Michelle tentava me explicar o que era e acabei ficando emocionado.

- Dani..., você quer... encostar na minha barriga?

-e la perguntou quando o vídeo acabou.

Fiquei sem saber o que responder na hora. Ela tinha pedido meio sem jeito também.

Acabei aceitando, mas um pouco receoso.

- Ai, tua mão tá gelada! - ela falou rindo e deu pulinho quando encostei a mão.

- Desculpa. - nós dois rimos.

- Tudo bem, deixa eu esquentar um pouco a sua mão. -ela segurou minha mão com as duas mãos dela e depois levou minha mão até a barriga dela.

No início foi um pouco estranho, mas aos poucos fui me soltando e perdendo a timidez. Alguns instantes e eu já estava conversando com o bebê.

- Será que vai ser um menino ou uma menina? - eu perguntei.

- Não sei, o que você prefere?

- Sei lá, acho que o que importa é ter saúde.

- Dani, nós três podemos ser muito felizes juntos.

-e la falou segurando minha mão que ainda estava na barriga dela e olhando no fundo dos meus olhos - Eu amo você, Dani. E agora nós podemos ser uma família. Ser pai e mãe juntos.

- Michelle, - tirei a mão da barriga dela - isso... isso não vai acontecer. Acho que já está ficando tarde. Melhor você ir embora.

- Tá certo, está na hora mesmo.

Mais tarde falei com Susan que tinha visto o vídeo. Achei melhor não falar nada sobre Michelle, pois não queria deixa-la insegura. A viagem de Susan estava fazendo muito bem a ela. Ela estava diferente, cada dia mais bonita. Apesar da saudade, ela dizia estar adorando tudo em Nova York.

Nos dias subsequentes, Michelle se fazia mais presente. Todos os dias dava um jeito de me encontrar, para me mostrar uma roupinha, um livro de significados de nomes ou uma revista sobre bebês. Cada dia era uma coisa diferente. E sempre acabava do mesmo jeito, dizendo que seria melhor para o bebê se nós ficássemos juntos e eu sempre tentando ser o mais delicado possível em rejeitar as indiretas dela. Eu até gostava de vê-la, queria estar perto, acompanhar a gestação, mas meu coração era de Susan.

Faltava pouco mais de uma semana para Susan voltar. Eu já estava começando a ficar ansioso. Até que no meio da noite meu celular tocou. Acordei sonolento e atendi sem ver quem estava ligando.

- Dani, - disse a voz chorando no outro lado da linha

- eu to sangrando, Dani, me ajuda. Eu não quero perder nosso filho. Dani, vem pra cá... - e a ligação caiu.

Tentei retornar para Michelle por diversas vezes, mas só caía na caixa postal. Fiquei desesperado e completamente desperto. Peguei meu carro e fui até a casa dela, mas ela não estava lá. Comecei uma peregrinação de hospital em hospital. Liguei para alguns amigos dela, mas ninguém sabia dela. Achei melhor ir para casa, pensando que ela pudesse aparecer por lá.

Quando o dia estava amanhecendo, recebi uma ligação dela novamente. Ela me disse onde estava e eu fui encontra-la. Ela estava na mesma clínica e maternidade onde o filho do Fernando havia nascido. Quando cheguei lá, a vi do lado de fora, chorando. Já eram quase sete horas da manhã.

- Por que você está aqui fora?

- Me leva embora daqui, Dani. - ela falou se jogando em meus braços aos prantos - Eu não aguento ficar mais um instante sequer nesse lugar.

- Como assim, Michelle?

- Eu perdi nosso filho. Não quero nunca mais colocar meus pés aqui. Por favor, me tira daqui.

Ela entrou no meu carro e eu a levei para minha casa. Ela foi o trajeto todo chorando, desolada. Enquanto eu tentava entender o que tinha acontecido.

- O que aconteceu, Michelle?

- Eu já estava deitada, Dani, aí senti um negócio quente nas minhas pernas, na mesma hora lembrei o que já tinha acontecido da outra vez. Acendi a luz e vi que era sangue. Não quis ir dirigindo porque estava muito nervosa, chamei um carro no aplicativo e te liguei. A bateria do meu celular acabou bem na hora. Mas quando eu cheguei lá, já era tarde demais. O médico disse que eu tinha perdido o bebê. Fizeram uma lavagem em mim e me deram alguns remédios. Coloquei meu celular para carregar e assim que

ele pegou um pouco de carga eu fugi de lá. Não conseguia ficar mais um minuto naquele lugar.

- Meu Deus, Michelle, você é louca?! Você não podia ter feito isso!

- Não tinha porquê eu ficar lá onde meu filho tinha morrido. Meu segundo filho eu perdi no mesmo lugar. Eu estava ficando sufocada lá.

Liguei para Marta e avisei que só iria trabalhar à tarde. Achei melhor não deixar Michelle sozinha lá, ela estava muito deprimida. Mais uma vez vi meus planos indo para o ralo. Eu já estava tão feliz por ter um filho, já tinha imaginado tantas vezes como ele seria. Estava com raiva, não da Michelle, mas da vida por ser tão cruel comigo o tempo todo. Acabei dormindo no sofá da sala enquanto Michelle dormia no meu quarto.

Acordei um pouco antes do meio dia, descasquei algumas frutas e levei para Michelle.

- Você não acha melhor ir para o hospital, Michelle?

- Está tudo bem, Dani, eu só quero ficar aqui, quietinha. Me sinto segura aqui.

- Eu preciso ir trabalhar, você vai ficar bem?

- Vou sim, quero ficar um pouco sozinha mesmo.

- Eu trouxe umas frutas, você precisa se alimentar, Chelly.

- Não vou conseguir comer, Dani, mas obrigada.

- Eu vou tomar um banho e trabalhar, qualquer coisa liga no consultório, tá bom?

- Tudo bem.

Quando terminei a ducha, ela já estava dormindo novamente. Aquela perda havia me deixado muito abalado, não estava conseguindo me concentrar direito, quase furei o sinal vermelho. Quando cheguei no trabalho, tentei afastar todos meus problemas e voltar toda minha atenção aos meus pacientes. Cida percebeu que eu não estava muito bem, mas só veio falar comigo no final do dia e eu contei a ela o que havia acontecido. Ela apenas me abraçou e disse que ficaria tudo bem. Eu não acreditei muito, afinal, ela tinha dito que aquela criança me traria muita alegria, só que agora não existia mais criança, apenas a tristeza da ausência. Michelle ainda estava lá, quando cheguei.

- Me perdoa por te fazer passar por tudo isso, Dani.

- A culpa não foi sua, Michelle. Como você está se sentindo?

- Estou bem fisicamente, mas destruída por dentro.

- Eu também estou assim.

- Dani, eu preciso de você. Me dá uma oportunidade pra te mostrar que a gente pode ser feliz juntos.

- Michelle, não começa, por favor.
- Mas eu te amo, Dani. Sou capaz de fazer qualquer coisa por você.
- A gente teve a nossa chance, mas passou. O amor acabou.
- O seu amor pode ter acabado, mas eu te amo e posso amar por nós dois.
- Não, Michelle! Ninguém pode amar por mim. Você já está melhor, acho que... está na hora de ir.
- Você vai me expulsar na hora em que eu mais preciso de você, Dani?
- Não estou te expulsando. Mas é melhor você ir embora.

Ela ainda tentou me persuadir, mas eu continuei firme e ela foi para a casa dela. Só no banho eu consegui chorar, deixei que a água se misturasse com as minhas lágrimas. Ecoloquei para fora toda a dor que eu estava sentindo. Tinha ficado o dia todo sem falar com Susan, pela primeira vez. Então liguei para ela.

- Oi, sumido!
- Oi, amor.
- Por que você não me ligou? Você estava chorando, Dan?
- A Michelle perdeu o bebê.
- Meu Deus! E como você está?
- Não sei, mas eu não queria falar sobre isso agora. Está sendo difícil pra mim.
- Tá bem, mas e ela? Está bem?
- Sim, está!
- Não fica assim, daqui a pouco eu estarei aí com você. Agora falta só um pouquinho.
- Não vejo a hora, sabia?
- Eu também, mas olha só, quando eu voltar tenho um monte de novidades boas pra te contar.

Susan tinha o poder de me fazer esquecer qualquer problema por pior que fosse ele. E isso era uma das muitas coisas que me encantavam nela.

Esta última semana resolveu passar em câmera lenta. Os dias levavam uma eternidade para acabar. Mas, enfim, acabou. Eu já estava no aeroporto novamente. Ansioso para reencontrar a mulher da minha vida.

O voo de Susan já estava atrasado em uma hora. Fiquei sentado próximo ao portão de desembarque lendo algumas notícias no meu celular e de repente encontro o Augusto.

- E aí, Dani, como você está?
- Tudo bem e você, Guto?
- Tô ótimo, indo pra Fortaleza. Férias!
- Puxa! Tá patrão, hein.
- A gente trabalha demais, tem que separar um tempinho pra diversão também, né? E a Michelle, como está?
- Ela está meio abalada ainda por ter perdido o bebê.
- “Peraí” que eu não tô entendendo, como assim perdeu o bebê?
- É, semana passada ela teve um sangramento que causou um aborto espontâneo.

- Tá, mas... ela conseguiu engravidar? - ele perguntou espantado.
- Agora quem não está entendendo sou eu, Guto. Você sabia que ela tava grávida. - eu falei ainda mais surpreso.

- Claro que não, Dani, quando ela engravidou?

- Cara, foi você que me falou, lembra? Eu te liguei e você disse que ela tinha ido consultar com você e que ela estava grávida.

- Eu lembro muito bem dessa ligação, mas eu não disse que ela estava grávida.

- O que você tá querendo dizer, Guto? - perguntei incrédulo.

- Dani, quando a Michelle me procurou, ela disse que vocês estavam juntos novamente e que queriam muito ter um filho. Só que ela estava preocupada por causa do aborto que ela havia sofrido. Eu fiz alguns exames e constatei que ela nunca mais poderia engravidar. Eu fiquei muito triste por vocês. Ela ficou arrasada com a notícia. E quando falei com você por telefone, era sobre isso que eu estava me referindo. Me lembro que te falei que ela ia precisar do teu apoio, porque ela tinha ficado muito abalada. Mas aí você teve que desligar e não pudemos conversar direito. Agora me explica essa história.

- Desgraçada, ela mentiu esse tempo todo. Guto, ela me disse que tinha engravidado... - contei toda a história a ele. Nós dois ficamos chocados com o descaramento de Michelle.

- Mas ela teve muita sorte, Dani, porque se a gente tivesse conversado mais um pouco, você ia descobrir. Eu até sugeri que vocês adotassem uma criança e ia te falar a mesma coisa, mas você teve que desligar.

- Meu Deus, Guto, essa mulher tá ficando louca!

Conversamos mais um pouco e ele teve que ir para o portão de embarque. Liguei para Michelle assim que ele saiu.

- Oi, Dani.

- Oi, Dani? Você é uma ordinária, Michelle, como pode fazer isso?

- Fazer o que, Dani?

- Não se faça de cínica, eu acabei de falar com o Guto. Você não presta, Michelle.

- Dani, eu posso explicar...

- Explicar porra nenhuma!! Quer saber, Michelle, eu nunca mais quero te ver na minha frente! - A interrompi e desliguei o celular na cara dela.

Susan apareceu logo em seguida, fui ao encontro dela. Nos abraçamos e nos beijamos longamente. Ela estava linda, parecia que tinha engordado alguns quilinhos o que fez com que ela ficasse ainda mais sexy.

- Eu não via a hora de te ver, Dan, tava morrendo de saudades. - ela falou me enchendo de beijos.

- Eu também, você está tão linda.

- Tô nada, eu engordei. Mas não conta pra ninguém. -ela cochichou como se me contasse um segredo.

- Você não vai acreditar no que eu acabei de descobrir.

Contei tudo a ela. Cada vez que eu me lembrava de tudo que Michelle tinha feito, eu sentia mais nojo e raiva dela. Susan também não acreditou que ela tinha sido capaz de arquitetar um plano tão macabro como aquele.

- Que mulherzinha insignificante. Meu Deus, Dan!
- Nem me fale.

- Mas vamos deixa-la pra lá. Eu comprei muitos presentes pra você. Achei até que fosse ficar presa na Receita. - ela falou dando risada - Mas só vou te mostrar lá na tua casa. Acho que você vai adorar. Na verdade vai ter que adorar, porque não tem devolução.

- Hum, tô curioso. Ah, hoje eu tive um sonho engraçado com você.
- Engraçado? - ela perguntou.
- Bom, não é engraçado. Peculiar, eu acho.
- O que você sonhou?

- Agora eu já não me lembro de tudo. Mas nós estávamos nos casando. E você estava grávida e o vestido destacava o barrigão. Tava tão linda!

- Você tá brincando, né? - ela perguntou com os olhos arregalados e as bochechas vermelhas.
- É sério, amor, você estava maravilhosa.

Já estávamos na garagem de casa quando falei do sonho. Quando entramos no apartamento, Susan pediu que eu esperasse na sala enquanto ela foi para a cozinha. Eu já estava esperando ela voltar a uns cinco minutos e ela me dizendo para eu esperar lá. Então a campainha tocou. Abri a porta e a Michelle entrou subitamente.

- Vai embora, Michelle!
- Não, Dani, eu preciso que você me escute.
- Você é muito cara de pau, né!
- Dani, me perdoa.

- Te perdoar, Michelle? Você realmente enlouqueceu. Só não entendo porque você fez isso.

- Susan viu Michelle, que estava de costas para a cozinha, e fez um gesto para eu não dizer nada.

- Dani, eu fiquei com raiva de você.
- Raiva de mim? Mas o que foi que eu te fiz?

- Aquela noite que eu dormi aqui. Você me rejeitou. Só ficava dizendo que amava aquela tal de Susan. Me expulsou do seu quarto. Eu fiquei aqui na sala chorando. Quando voltei ao seu quarto, você já estava dormindo. Eu tentei te acordar, aí você chamou ela de novo e eu comecei a te arranhar de raiva. Como você não acordou, eu tirei a roupa e dormi do seu lado. Fiz você pensar que tinha acontecido alguma coisa. Eu queria ter você de volta, aí inventei tudo pra você voltar a me amar.

- Susan saiu da cozinha e Michelle se assustou ao vê-la - Você está aí, é?

- Estou. - Susan caminhou furiosa na direção dela e quando eu percebi o que ela pretendia fazer já era tarde demais. Ela deu um belo soco no nariz de Michelle e então eu a segurei

- Você é uma vadiazinha inescrupulosa, agora vai embora daqui, sua vagabunda, antes que eu acabe com você!

- Calma, Susan, chega! Vai embora, Michelle. - eu

disse enquanto segurava Susan.

Michelle saiu com o nariz escorrendo sangue, sem dizer uma única palavra. Então tranquei a porta e liguei para a portaria e falei para o Seu Rubens que a entrada da Michelle estava proibida sem a minha autorização. Susan estava balançando a mão de dor.

- Aaaí, que cara dura ela tem, Dan.

- O que deu em você, amor?

- Ah, eu não podia deixar barato. Olha tudo o que ela fez. Isso foi pouco perto do que ela merecia.

- Eu vou pegar gelo pra você por nessa mão.

Abri a porta do congelador, mas fechei em seguida porque alguma coisa havia me chamado a atenção na porta. Tinha um imã diferente na porta. Era um carrinho duplo de bebê. Senti um arrepio na espinha e sorri. Abri a porta e outra coisa me chamou a atenção, agora dentro do congelador. Era uma caixinha de veludo vermelha. Parecia uma caneta. Peguei a caixinha e já estava tremendo, abri devagar e vi um teste de gravidez de farmácia com os dois risquinhos vermelhos e do lado de dentro, na tampa, estava escrito: "Parabéns papai, são dois".

Meus olhos se encheram de lágrimas, Susan já estava na entrada da cozinha me observando e emocionada também.

- É sério mesmo? - perguntei sem conter as lágrimas.

- São gêmeos, Dan. - ela respondeu, também chorando.

Ela estava encostada no batente da porta e com a barriga de fora. Já dava para ver o pequeno volume. Beijeia, depois me ajoelhei e beijei a barriga dela. Fiquei em êxtase.

- Por que você não me falou antes?

- Eu ia te falar, no dia que você me falou que a Michelle estava. Então achei melhor esperar o momento certo.

- Eu te amo, sabia?

- Eu sempre soube, e sempre te amei também. Mesmo antes de te conhecer, eu já te amava, Dan.

Liguei para todo mundo que eu conhecia e falei que eu seria pai de gêmeos. Cinco meses mais tarde, eu estava aguardando o pai de Susan me entrega-la no altar. Ela estava com um barrigão enorme, de sete meses, muito mais linda que no meu sonho.

Enquanto ela caminhava lentamente para o altar, um filme passava em minha cabeça. Lembrei novamente de tudo que Cida havia me dito, ela esteve certa o tempo todo. O que parecia ter acontecido e que não aconteceu, era a mentira da Michelle. A criança que traria felicidade eram, na verdade, duas. Era um casal. Foi emocionante demais vê-la entrando ao som da "Marcha Nupcial". O pai dela estava muito emocionado também. Aliás, a igreja toda estava.

Olívia e Benício nasceram fortes e saudáveis. Quando os gêmeos completaram três anos de idade, Susan recebeu uma proposta para assumir e gerenciar o escritório de Nova York. Ponderamos tudo e decidimos nos mudar para Nova York. Deixei meu consultório aos cuidados de Marta que já era uma excelente psicóloga. Arrumei um emprego como professor em uma faculdade.

Eu e Susan já estamos casados há seis anos. Mamãe adora nos visitar e paparicar os netos. Ingrid e Nick se casaram e ela espera o primeiro filho deles. Eu não poderia estar mais feliz. Ainda dou risada quando olho para trás e lembro que tudo isso começou num simples acidente de trânsito.

Agradecimentos

Agradecer parece pouco a se fazer às pessoas que me ajudaram a contar esta história, que viveram esse sonho comigo, mas mesmo parecendo pouco, minha gratidão é o que tenho de mais valioso. Obrigado a minha mãe e minha avó, Rosane e Edir Eckstein que com muito amor e carinho sempre me indicaram o caminho certo a seguir, ainda me lembro de minha mãe dizendo aos meus ouvidos de menino que *o conhecimento não ocupa espaço*. Aos meus filhos Bernardo e Lara Valentina que me fizeram conhecer o amor verdadeiro e hoje me fazem transbordar felicidade e orgulho.

Também agradeço a Jéssica Hellen Eckstein que com muita paciência me ajudou na edição final deste livro. E por último mas não menos importante, agradeço a Ana Bortolan que além de fazer os ajustes finos e ser uma das primeiras pessoas a ler o manuscrito, me encorajou a seguir em frente e foi quem me inspirou a criar essa bela história de amor. Obrigado a todos que sonharam este sonho comigo possibilitando que se tornasse realidade.